



rUS

REVISTA
DE LITERATURA
E CULTURA
RUSSA



Dossiê 100 anos da Revolução Russa

Dezembro 2017
Volume 8. N. 10
ISSN 2317-4765

REVISTA
DE LITERATURA
E CULTURA
RUSSA

ENDEREÇO

Departamento de Letras
Orientais, Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, Universidade de
São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto,
403 sala 25
CEP: 01060-970
Cidade Universitária
São Paulo/SP - Brasil

CONTATO

Telefone: 055 11 3091-4299
E-mail: rus.editor@usp.br

SITE

revistas.usp.br/rus

APOIO

CAPES
LERUSS
DLO - FFLCH/USP

Equipe Editorial

Editora Fátima Bianchi, Universidade de São Paulo.

Assistente editorial Jéssica de Souza Farjado, Universidade de São Paulo.

Projeto Gráfico, diagramação e capa Ana Novi, Universidade de São Paulo.

Revisão de texto Cecília Rosas, Danilo Horã e Henrique Canary, Universidade de São Paulo.

Conselho Editorial

Arlete Cavaliere, Universidade de São Paulo, Brasil

Bruno Barretto Gomide, Universidade de São Paulo, Brasil

Elena Vassina, Universidade de São Paulo, Brasil

Fátima Bianchi, Universidade de São Paulo, Brasil

Mario Ramos Francisco Junior, Universidade de São Paulo, Brasil

Noé Oliveira Policarpo Polli, Universidade de São Paulo, Brasil

Conselho Científico

David Mandel, Université du Québec à Montréal, Canadá.

Jerusa Pires Ferreira, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

Aurora Fornoni Bernardini, Universidade de São Paulo, Brasil.

Georges Nivat, Universidade de Genebra, Suíça.

Paulo Bezerra, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Yuri N. Guérin, ILU, Federação da Rússia.



REVISTA
DE LITERATURA
E CULTURA
RUSSA

Dezembro de 2017
Volume 8 Número 10
+ Dossiê 100 anos da Revolução Russa

Missão

A revista RUS é uma publicação eletrônica anual da área de Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O principal objetivo da RUS é a divulgação dos estudos da área de russística no Brasil, por meio da publicação de trabalhos inéditos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que abordem a literatura, a cultura, as artes, a filosofia, as ciências humanas na Rússia.

A idealização da revista RUS, em 2011, tem como intuito substituir o Caderno de Literatura e Cultura Russa. Publicado pela primeira vez em 2004, pela Ateliê Editorial, o primeiro número do Caderno de Literatura e Cultura Russa (disponível para download em nosso site) representou a concretização de um importante espaço para a ampliação e o aprofundamento dos estudos russos no Brasil, dando continuidade aos esforços e dedicação de Boris Schnaiderman na divulgação desta área de conhecimento entre nós. O Caderno foi resultado, portanto, do amadurecimento de idéias que foram desenvolvidas nas últimas décadas e que ganharam maior impulso acadêmico a partir do início das atividades da pós-graduação do Curso de Russo, em 1994.

O primeiro número do Caderno de Literatura e Cultura Russa trouxe um dossiê sobre a obra daquele que é considerado o iniciador da literatura russa moderna, Aleksandr Púchkin. Já em seu segundo número, publicado em 2008, o Caderno apresentou um rico dossiê sobre a obra de Fiódor M. Dostoiévski. Nos dois casos, a revista contou com ensaios e artigos de importantes estudiosos do Brasil e do exterior.

A partir de 2011, a revista RUS passou a cumprir a relevante tarefa de divulgar a literatura e a cultura russa no Brasil, contribuindo para o desenvolvimento e enriquecimento dos estudos de russística e promovendo a formação de novos especialistas nesta área.

Dossiê 100 anos da Revolução Russa

É com grande satisfação que apresentamos mais esta edição da RUS - Revista de Literatura e Cultura Russa. O número 10, dedicado em especial ao centenário da Revolução Russa, contou com uma quantidade significativa de contribuições sobre vários aspectos desse relevante acontecimento da história mundial que, após derrubar a monarquia russa e o governo provisório, estabeleceu com o poder soviético o primeiro estado socialista. A democracia radical que a revolução de 1917 representava, e que provocou mundo afora uma extraordinária atmosfera de inquietude e renovação nos campos social, político e cultural, foi esmagada pela difícil realidade dos primeiros anos, culminando na gradual cristalização de uma ditadura burocrática que durou até 1991. Ainda assim, seu exemplo permanece como referência em todo o mundo.

Começamos este Dossiê com um artigo que propõe uma nova categoria para descrever a Revolução Russa de 1917: “revolução democrática antiburguesa”. Nele o autor defende que o “poder soviético” foi proclamado, de fato, durante a Revolução de Fevereiro, em 1917, com o objetivo central de realizar o vasto programa de reformas anteriormente denominado pela expressão “revolução democrática” – antes de mais nada, terra para os camponeses e liquidação da aristocracia rural enquanto classe.

Como uma amostra da imensa riqueza que a cultura russa trouxe então ao mundo, o segundo artigo aborda um outro aspecto da Revolução, relativo à nova concepção de arte e cultura e às tantas experiências estéticas geradas nesse agitado momento histórico. Nele a autora destaca o surgimento de muitos jovens artistas russos que se tornaram verdadeiros representantes da nova era proletária, ao concretizar uma visão de arte voltada a construir uma nova realidade.

O artigo seguinte salta para um momento já posterior da Revolução e apresenta um quadro das atividades grevistas de 1922 a 1932, destacando o “compromisso” alcançado entre trabalha-

dores e o Estado no período soviético inicial, durante a Nova Política Econômica, posteriormente enfraquecido em função das medidas tomadas contra a classe trabalhadora durante o rápido processo de industrialização. No artigo, o autor apresenta evidências estatísticas sobre frequência, número de participantes e resoluções da atividade grevista, assim como os distúrbios entre os trabalhadores durante esse período final.

Avançando para o século XXI, o quarto artigo aborda o fenômeno da “nostalgia soviética” na Rússia contemporânea, que se evidencia não só em relação à cultura, à estética e ao modo de vida, como ao passado soviético como um todo. O autor procura mostrar também como se dá a utilização desse fenômeno por parte do Estado russo no sentido da criação de uma nova ideia nacional russa, baseada na unidade nacional e no patriotismo conservador.

Abordando um outro aspecto dessa questão, relativo à influência da memória cultural na política da memória, o último artigo do Dossiê procura evidenciar a absoluta ausência, na Rússia, de eventos relevantes ligados às comemorações do centenário da Revolução por parte das altas esferas oficiais. Daí, para o autor, o papel de destaque que a política da memória adquire em decorrência da limitação da política pública, já que a avaliação sobre as consequências da revolução por parte dos cidadãos russos é contraditória e pouco mudou desde 1990, sendo que a maioria nega a possibilidade de uma nova revolução.

Em 2017, o Programa de Literatura e Cultura Russa da USP comemorou também o centenário de nascimento de Boris Schnaiderman e o centenário da publicação do texto “A arte como procedimento”, de Victor Chklóvski, festejado em muitos países. Por isso, publicamos neste número da RUS um artigo dedicado a Boris Schnaiderman, em que a autora analisa as diferenças entre marxismo e estruturalismo no que se refere, em particular, a como se dá a inserção da obra literária no âmbito da cultura e analisa os conceitos de “amplificação” de A. K. Jolkóvski e de “ficção e realidade” de Ruy Coelho.

Esta belíssima edição contou ainda com um ensaio sobre a antrozoologia no conto Kholstómér, de Tolstói, que narra as re-

lações de um cavalo com seres humanos a partir do ponto de vista do animal. Para a análise dessa interação, a autora destaca o procedimento da arte como estranhamento dos objetos, que, segundo a teoria desenvolvida por Chklóvski em seu texto “A arte como procedimento”, consiste em obscurecer a forma e aumentar a dificuldade e a duração da percepção.

Para finalizar, este número traz também uma entrevista relacionada ao tema de nosso Dossiê, realizada com o professor e cientista Bernardo Boris Vargaftig, que desenvolveu pesquisas no ramo da farmacologia que o colocaram às portas do Prêmio Nobel de Medicina de 1982. A entrevista com Vargaftig foi realizada por ocasião do lançamento de sua tradução do livro *Minha vida*, obra autobiográfica de Leon Trótski, que culminou com as comemorações do centenário da Revolução Russa de 1917.

Boa leitura!

Fátima Bianchi
Editora Rus

Dossier:

100 Years of the Russian Revolution

It is with great pleasure that we present this issue of *RUS - Journal of Russian Literature and Culture*. Issue 10, dedicated to the hundredth anniversary of the Russian Revolution, presents a number of contributions on various aspects of this important event in world history which, only eight months after the overthrow of the Russian monarchy, swept aside the provisional government to establish Soviet power and the first socialist state. The radical democracy of the revolutions of 1917, that generated an extraordinary atmosphere of activity and renewal in the social, political and cultural spheres, was subsequently crushed under the severe reality of the civil war that followed and eventually yielded to a bureaucratic dictatorship that lasted until 1991. However, its impact is lasting and can be felt to this day.

We begin this dossier with an article that proposes the category “anti-bourgeois democratic revolution” to describe 1917. The author argues that “soviet power” was already, in fact, proclaimed during the February Revolution in 1917, with its central aim of carrying out a vast program of reform, formerly associated with the “democratic revolution” - and first of all, land reform for the peasantry and elimination the aristocracy as a class.

As an illustration of the great wealth that Soviet culture brought to the world, our second article addresses another aspect of the Revolution - the new conception of art and culture and the many aesthetic experiments that arose during this agitated moment of history. The author presents young Russian artists who became genuine representatives of the new proletarian era. Their works manifested an artistic vision that aimed at building a new world.

The following article relates to a later period, presenting an account of the strike activity of workers between 1922 and 1932 and highlighting the “compromise” reached between

workers and the state in this early period of the Soviet New Economic Policy, a compromise eventually broken by repressive measures against workers in the following period of rapid industrialization. The author presents statistical materials on the frequency of strikes, the number of participants and their outcomes, as well as on worker unrest in the final period.

Moving onto the 21st century, the fourth article addresses the phenomenon of "Soviet nostalgia" in contemporary Russia, that is evident not only in the realm of culture, aesthetics and everyday life, but also in attitudes to the Soviet past as a whole. The author also shows how the authorities use this phenomenon to create a new Russian national idea, promoting national unity and conservative patriotism.

Addressing another aspect of this question, concerning the influence of cultural memory on the politics of memory, the last article of our dossier discusses the complete absence in Russia of official events to mark the centenary of the Revolution. For the author, this shows the important role that the politics of memory acquire as a result of the limitation of public politics, since the evaluation of the revolution's consequences by Russian citizens is contradictory and has changed little since 1990, and most of them deny the possibility of a new revolution.

USP's Russian Literature and Culture Program also celebrated Boris Schnaiderman's hundredth birthday in 1917 as well as the centennial of Victor Shklovsky's "Art as a Procedure", which was observed in many countries. We publish in this issue of RUS an article dedicated to Boris Schnaiderman, in which the author analyzes the differences between marxist and structuralist approaches to the cultural insertion of the literary work of art and also A. K. Jolkovsky's concept of "amplification" and R. Coelho's ideas of "fiction and reality".

This lovely issue also contains an essay on the anthrozoology of Tolstoy's story "Kholstomer", which is about the relationship between a horse and humans, written from the animal's point of view. To analyze this interaction, the author points to the use of the artistic device of estrangement of objects, which, according to the theory developed by Victor Shklovsky in his "Art as device", consists in complicating form,

increasing the difficulty and the length of perception.

We conclude the issue with an interview, also related to the theme of our dossier, with professor and scientist Bernardo Boris Vargaftig, whose research in the field of pharmacology made him a candidate for the 1982 Nobel Prize in Medicine. The interview was conducted on the occasion of the launching of his translation *My Life*, Leon Trotsky's autobiographical work, in conjunction with the celebration of the centenary of the Russian Revolution.

Pleasant reading!

Fátima Bianchi
RUS editor

Досье «100 лет русской революции»

С большим удовольствием мы представляем этот новый выпуск «РУС – Журнала о Русской Литературе и Культуре». В десятый номер, специально посвященный столетию русской Революции, вошли работы, затрагивающие самые различные моменты этого важнейшего события мировой истории, в результате которого после свержения монархии и временного правительства советской властью было создано первое в мире социалистическое государство. Радикальная демократия, которую представляла революция 1917 года и которая способствовала созданию во всем мире необычайной атмосферы волнения и обновления в социальной, политической и культурной сферах, была уничтожена тяжелой реальностью первых послереволюционных лет, в результате чего появилась диктатура бюрократии, продолжавшаяся до 1991 года. Тем не менее, влияние этой революции чувствуется в мире до сих пор.

Досье открывается статьей, в которой предлагается новое определение Революции 1917 года – «демократическая антибуржуазная революция». Согласно автору, «советская власть» на самом деле была провозглашена во время февральской революции 1917 года, направленной на реализацию обширной программы реформ, которую раньше было принято называть «демократической революцией». Среди ее главных задач была передача земли крестьянам и уничтожение помещиков как класса.

В качестве примера того огромного богатства, которое русская культура подарила миру, во второй статье обсуждается другой аспект революции, касающийся новой концепции искусства и культуры, а также многообразия эстетических переживаний, рожденных этим волнующим историческим моментом. Автор подчеркивает появление целой плеяды молодых русских художников, ставших настоящими представителями новой пролетарской эры и конкретизировавших видение искусства, направленное на построение новой реальности.

Следующая статья посвящена более позднему периоду революции: забастовочному движению 1922-1932 годов, а также «компромиссу» между рабочими и государством, достигнутому в ранний советский период во время Новой Экономической Политики, который потерял свою силу в результате мер, предпринятых против рабочего класса во время стремительного процесса индустриализации. В статье автор представляет статистические данные о частоте, количестве участников и резолюциях забастовочного движения, а также о нарушениях, имевших место среди рабочих на этом заключительном этапе.

В четвертой статье речь пойдет уже о XXI веке, а точнее о феномене «советской ностальгии» в современной России, которая проявляется не только в отношении культуры, эстетики и образа жизни, но и всего советского прошлого в целом. Автор показывает, как российское государство пользуется этим явлением для создания новой российской национальной идеи, основанной на национальном единстве и консервативном патриотизме.

В последней статье рассматривается другой аспект этого вопроса - влияние культурной памяти на политику памяти. В ней подчеркивается игнорирование, со стороны высших официальных сфер России, мероприятий, посвященных празднованию 100-летия революции. Следовательно, согласно автору, в результате ограничения общественной политики, политика памяти приобретает заметную роль, поскольку оценка последствий революции российскими гражданами противоречива и мало изменилась с 1990-ого года и большинство из них отрицает возможность новой революции.

В 2017 году Программа «Русской литературы и культуры» Университета Сан-Пауло также празднует столетний юбилей со дня рождения Бориса Шнайдермана и столетие статьи Виктора Шкловского «Искусство как прием», которое широко отмечалось во многих странах. В честь этого мы публикуем в настоящем выпуске «РУС» статью, посвященную Борису Шнайдерману, в которой автор анализирует в частности различия между марксизмом

и структурализмом с учетом того, как литературное произведение включается в контекст культуры, и рассматривает понятия «амплификация» А. К. Жолковского и «вымысел и реальность» Руя Коэльо.

В этом замечательном выпуске имеется также эссе об антропозологии в рассказе Толстого «Холстомер», в котором об отношениях между лошадью и людьми рассказывается с точки зрения животного. Для анализа этих отношений автор прибегает к приему остранения, который, согласно разработанной Виктором Шкловским в работе «Искусство как прием» теории, заключается в затемнении формы, а также в усложнении и замедлении восприятия.

В заключение, в настоящем номере Вы также найдете связанное с темой нашего Досье интервью с профессором и ученым Бернардо Борисом Варгафтигом. Это ученый, научные открытия которого в области фармакологии принесли ему в 1982 году Нобелевскую премию в области медицины. Интервью с Варгафтигом было записано по случаю выхода в свет сделанного им перевода автобиографии Льва Троцкого «Моя жизнь», ставшего кульминацией празднований столетия Русской Революции 1917-ого года в Бразилии.

Приятного чтения!

Фатима Бианки
Редактор Рус

Índice

Dossiê

1. “A Revolução Democrática Antiburguesa”: Uma leitura da Revolução Russa **Lars T. Lih** 1
2. Vanguardas Russas: a arte revolucionária **Arlete Cavaliere** 19
3. Greves durante o período soviético inicial, 1922 a 1932: Da militância à passividade da classe trabalhadora? **Kevin Murphy** 36
4. Back in the USSR? Nostalgia Soviética na Rússia Contemporânea **Henrique Canary** 64
5. Passado imprevisível num tempo imprevisível: O centenário da Revolução de 1917 na Rússia contemporânea **Boris Kolonitski e Maria Matkevitch** 81

artigos

6. Literatura e Estudos Culturais. Para Boris Schnaiderman **Aurora F. Bernardini** 101
7. A antrozoologia em Tolstói: uma releitura do procedimento de estranhamento em *Kholstomér* **Sigrid Renaux** 116

entrevista

8. Entrevista com Bernardo Boris Vargaftig **Valteir Vaz e Aurora F. Bernardini** 166

Contents

Dossier

- 1. "The Anti-Bourgeois Democratic Revolution": A Reading of the Russian Revolution **Lars T. Lih** 1
- 2. Russian Avant-gardes: A Revolutionary Art **Arlete Cavaliere** 19
- 3. Strikes during the Early Soviet Period, 1922 to 1932: From Working-class Militancy to Working-Class Passivity? **Kevin Murphy** 36
- 4. Back in the USSR? Soviet Nostalgia in contemporary Russia **Henrique Canary** 64
- 5. Unpredictable past in an unpredictable time: The anniversary of the Revolution of 1917 in contemporary Russia **Boris Kolonitski e Maria Matskevitch** 81

articles

- 6. Literature and Cultural Studies. For Boris Schnaiderman **Aurora F. Bernardini** 101
- 7. Anthrozoology in Tolstoy: a rereading of the device of estrangement in "Kholstomer" **Sigrid Renaux** 116

interview

- 8. An interview with Bernardo Boris Vargaftig **Valteir Vaz e Aurora F. Bernardini** 166

Содержание

Досье

1. «Антибуржуазная демократическая революция»: К пониманию Русской революции **Lars T. Lih** 1
2. Русские авангарды: революционное искусство **Arlete Cavaliere** 19
3. Забастовки в ранний советский период, 1922-1932 гг.: от боевой активности к пассивности рабочего класса **Kevin Murphy** 36
4. Back to the USSR? Советская ностальгия в современной России **Henrique Canary** 64
5. Непредсказуемое прошлое в непредсказуемое время: Столетняя годовщина революции 1917 года в современной России **Boris Kolo-nitski e Maria Matskevitch** 81

статьи

6. Литературоведение и культурология. Для Бориса Шнайдермана **Aurora F. Bernardini** 101
7. Антропозоология в творчестве Толстого: новое прочтение приема остранения в «Холстомере» **Sigrid Renaux** 116

Интервью

8. Интервью с Бернардо Борисом Варгафтигом **Valteir Vaz e Aurora F. Bernardini** 166

dossie

“A revolução democrática antiburguesa”: uma leitura da Revolução Russa*

Lars T. Lih**

Resumo: Proponho uma nova categoria para descrever a Revolução Russa de 1917: “revolução democrática antiburguesa”. O “poder soviético” foi proclamado, de fato, durante a Revolução de Fevereiro, em 1917. A força básica por trás desse novo poder ou autoridade soberana – os trabalhadores, soldados e camponeses que constituíam o eleitorado dos sovietes – era hostil à *burjúi* tanto em seu sentido estrito de proprietários industriais como em seu sentido mais amplo de *tsenzoviki*. O objetivo central dessa revolução era realizar o vasto programa de reformas anteriormente denominado pelo termo “revolução democrática” – antes de tudo, terra para os camponeses e liquidação dos *pomiéshchiki* (aristocracia rural) enquanto classe. O comprometimento positivo com as instituições socialistas era muito menos poderoso do que uma atitude negativa em relação à burguesia, não só enquanto indivíduos mas também enquanto valores burgueses.

Abstract: I propose a new category to describe the Russian revolution of 1917: the “anti-bourgeois democratic revolution.” “Soviet power” was actually proclaimed in during the February revolution in 1917. The basic force behind this new power or sovereign authority – the workers, soldiers and peasants who made up the constituency of the soviets – was hostile to the *burzhui* both in its narrow meaning of industrial owners and in its wider meaning of the *tsenzoviki*. The central aim of this revolution was to carry out the vast program of reforms earlier denoted by the term “democratic revolution” – first and foremost, land to the peasants and liquidation of the *pomeshchiki* (gentry landowners) as a class. Commitment in a positive way to socialist institutions was much less powerful than a negative attitude toward the bourgeois as individuals as well as toward bourgeois values.

Palavras-chave: Revolução, Rússia, sovietes.
Key words: Revolution, Russia, soviets.

*Artigo submetido em 04 de outubro de 2017 e aprovado em 21 outubro de 2017.

Uma versão deste artigo foi publicada pela revista *Jacobin*, com o título "From February to October".

** Ph.D. em Ciência Política pela Princeton University (1984). Foi professor da Duke University e do Wellesley College. Atualmente é Professor Adjunto da Schulich School of Music, McGill University, Montreal, Canadá. Publicações recentes: *Lenin Rediscovered* (2006) e *Lenin* (2011). E-mail: larslih@yahoo.ca

Como se sabe, uma parte básica do léxico marxista são os termos "revolução democrático-burguesa" e "revolução socialista". Estes termos são aplicados à revolução de 1917 pelos estudiosos soviéticos ao contrastarem a Revolução de Fevereiro com a de Outubro: a primeira, democrático-burguesa, e a segunda, socialista. Mas os soviéticos estão longe de ser os únicos a usar esse esquema básico. Trótski e seus seguidores o usavam para sugerir que, antes do retorno de Lênin à Rússia, os bolcheviques de Petrogrado, incluindo Stálin e Kámenev, não pretendiam ir além de uma revolução democrático-burguesa, enquanto Lênin, em suas Teses de Abril, falou hipoteticamente em revolução socialista. Nessa questão, Trótski teve enorme influência na escrita acadêmica anglo-americana sobre a revolução. Por fim, lá também existe uma versão popular desse esquema do "público-leitor educado" que faz o mesmo contraste entre Fevereiro e Outubro: a de Fevereiro é a revolução boa, da liberdade política e da democracia; a de Outubro é a ruim, a revolução ilegítima da tirania e do utopismo extremista.

Usarei uma versão modificada do esquema marxista para sugerir, em seu lugar, uma forte *continuidade* entre Fevereiro e Outubro. Minha abordagem dessa questão, no entanto, é antes hobbesiana que marxista: a Revolução Russa e seus desdobramentos não deveriam ser vistos nem sob a égide de Marx (a missão de classe) nem de Locke (o consentimento dos governados), mas sob a de Hobbes (a necessidade urgente de uma autoridade única e soberana incontestada).

Argumentarei que, desde os seus inícios em Fevereiro, o levante de 1917 como um todo deveria ser visto como uma *revolução democrática e antiburguesa*. O poder dos soviets foi proclamado de fato em Fevereiro; o papel de Outubro foi confirmar que ele não sairia de cena pacificamente. A força básica

por trás desse novo poder ou autoridade soberana – o eleitorado soviético – era o povo, o *naród*, os trabalhadores, soldados e camponeses, a turba, seja como for que os chamemos, contra a elite, os *tsenzoviki* (termo pejorativo para a elite cultural, derivado do requisito de propriedade ou “censo”, para os eleitores), a alta sociedade educada. O objetivo central desta revolução era realizar o vasto programa de reformas anteriormente denominado pelo termo “revolução democrática” – antes de tudo, terra aos camponeses e liquidação dos *poméschiki* (aristocracia rural) enquanto classe. A revolução era mais antiburguesa do que pró-socialista, a menos que “socialismo” significasse “o programa do povo”.

O fato surpreendente não é a base social da revolução nem os valores antiburgueses desta base, mas sim a criação quase simultânea, após a queda do tsar, de um candidato viável à autoridade soberana numa terra que dependia desse amplo eleitorado popular. As considerações seguintes propõem uma leitura dos acontecimentos a partir da perspectiva dessa autoridade soberana – uma perspectiva que de algum modo lança uma luz diferente sobre os acontecimentos a partir do contraste dramático usual entre Fevereiro e Outubro.

O poder do Soviete em Fevereiro: Um *Vlast* embrionário

Prefiro empregar o termo russo *vlast* ao termo “poder” – isto é, “poder soviético” equivale a *soviétskaia vlast* – porque as diferenças sutis entre os dois termos distorcem nossa forma de pensar sobre as questões em jogo em 1917. Aqui, entretanto, empregarei os dois termos de maneira mais ou menos intercambiável.

Em fevereiro, com a dissolução do longo *vlast* tsarista – frequentemente denominado como “*vlast* histórico” –, a Rússia ficou essencialmente desprovida de um *vlast* funcional, isto é, sem uma autoridade soberana amplamente reconheci-

da. Essa súbita ausência de *vlast* é uma questão importante, com ramificações imensas. Quase em questão de horas, após a queda da dinastia, o Soviete de Petrogrado assumiu o papel de fonte suprema do *vlast*, da autoridade soberana – embora nessa fase tenha tido o cuidado de não adotar ainda o nome. O Soviete era o representante eleito dos trabalhadores *e* dos soldados: uma diferença fundamental em relação à instituição homônima de 1905. Houve dois momentos fundamentais nessa afirmação de autoridade: primeiro, o Governo Provisório foi forçado a se comprometer com as principais partes do programa do Soviete, para ganhar legitimidade elementar e para vir a existir de fato. Em segundo lugar, através da assim chamada Ordem Número Um¹, o Soviete (quase sem querer) ganhou um atributo essencial a todo *vlast*, a saber, o controle sobre o meio supremo de coerção, o exército. Estes dois fatores – o comprometimento governamental em cumprir as principais pautas do programa do Soviete e a lealdade suprema das forças armadas ao Soviete, e não ao Governo Provisório – determinaram o curso da política para o resto do ano.

De acordo com alguns observadores bolcheviques da época, o Soviete era um “*vlast* embrionário”. Acho que essa é uma metáfora excelente, que leva à seguinte questão: o que seria preciso para que esse *vlast* embrionário se tornasse um *vlast* propriamente dito, independente, que pudesse defender a si mesmo? Acho que a seguinte lista é incontestável (baseada em escritores como Max Weber e Gaetano Mosca):

1. Um senso de missão – o que poderíamos chamar de legitimidade *interna*.
2. Uma reivindicação plausível de legitimidade, que inspire lealdade – ou, “legitimidade externa”.
3. O controle sobre os meios de coerção (na famosa definição de Weber, “monopólio dos meios legítimos de coerção”).
4. A habilidade para eliminar todos os rivais (nas palavras de Hobbes, um poder capaz de superar a todos).

¹ Em russo, *prikáz nómer odín*. (N. do T.)

5. Um programa abrangente para enfrentar os problemas nacionais essenciais do momento.

6. Uma ampla classe política para desempenhar o papel que o *dvoríanstvo* (a aristocracia sob o tsarismo) desempenhava na Rússia tsarista.

7. Uma máquina administrativa capaz de transmitir a vontade do *vlast* central por todo o país.

Em minha opinião, estas são as principais características de um *vlast* ou “poder” funcional. Em linhas gerais, o *vlast* embrionário do Soviete estabelecido em Fevereiro começou com algumas destas características de forma virtual, e depois estas e todas as outras características foram adquirindo cada vez mais solidez, primeiramente ao longo de 1917 e depois durante a guerra civil. Por exemplo, o Soviete adquiriu rapidamente a forma de uma instituição nacional através de uma conferência de toda a Rússia em final de março e de dois Congressos dos Sovietes (junho e outubro). Em contraste, o Governo Provisório foi progressivamente perdendo até aquelas características essenciais que ele tinha no início, e tornando-se cada vez mais espectral: no outono de 1917, um *vlast* fantasma.

A constituição tácita de 1917 e a luta contra o “acordismo”: uma narrativa “vlastocêntrica”

O conflito político em 1917 era conduzido dentro do que se pode chamar de uma constituição tácita que afirmava: a maioria dos soviets tem a palavra final em matéria de programa e de pessoal. Logo de início, Aleksandr Kêrenski foi inserido no governo como um representante do Soviete (Por esta e outras razões, o contraste geralmente feito entre um período inicial de “poder dual” e o período final de coalizão parece dispensável). No início de maio, o Governo Provisório propôs, mas o Soviete dispôs quando ele estava de acordo em aceder às exigências governamentais de enviar mais representantes ao

governo. É difícil imaginar uma iniciativa política importante sendo levada adiante contra a vontade explícita da maioria dos soviets. As diversas crises políticas que surgiram naquele ano terminaram quando a autoridade do Soviete tornou públicas as suas vontades, já que ela tinha o verdadeiro controle da força coercitiva. Isso foi verdade em março, abril, julho, agosto, e também em outubro.

A principal fonte de conflito estava no que era chamado, à época, de *krízis vlasti*, crise de poder. Geralmente, a questão era formulada da seguinte maneira: *dvoievlastie*, um poder dual, uma soberania dual, é uma contradição em termos – se o cachorro tem *dois* donos, então quem toma a decisão final, a quem realmente importa? Desse modo, “poder dual” é o mesmo que “múltiplo poder”, que é equivalente a absolutamente nenhum *vlast*: uma receita para a disfunção governamental. Precisamos de *um vlast* incontestável e reconhecido. Nesse ponto, as opiniões começaram a divergir. O partido liberal Kadet, o primeiro a levantar essa linha de pensamento, disse: por isso os soviets devem sair de cena. Os bolcheviques, que rapidamente adotaram esse argumento para os seus próprios propósitos, disseram: portanto, *todo* o poder deve ir para os soviets!

Do nosso ponto de vista, essa forma de encarar a questão é enganosa, já que ela obscurece o fato de que, para o bem ou para o mal, os soviets *tinham* o *vlast*. A jornalista americana Rheta Childe Dorr chegou em maio de 1917 e foi imediatamente informada de que o Soviete “é o único governo que nós temos agora na Rússia”. Ela informa seus leitores (em seu livro) que:

Os Soviets, ou Conselhos de Delegados dos Trabalhadores e Soldados, que se espalharam como um incêndio pelo país, são o que há de mais próximo de um governo que a Rússia já conheceu desde os primeiros dias da revolução... Petrogrado não é a única cidade em que o Conselho dos Delegados dos Trabalhadores e Soldados assumiu o controle sobre o destino do povo russo. Todas as cidades tinham o seu conselho, e não havia questão, civil ou militar, que eles não se sentissem capazes de resolver.

A própria Dorr era extremamente hostil ao que sentia ser o

regime tirânico da multidão. Ela considerava que o domínio soviético não era em nada melhor, e em alguns aspectos até pior, que o dos tsares em questões como a da censura à imprensa. É preciso notar que esse livro foi publicado *antes* da Revolução de Outubro.²

Dadas as circunstâncias, a verdadeira questão era: poderia o programa soviético ser realizado através de uma parceria sincera com os reformistas da elite; ou a distância entre elite e *naród* em questões tão fundamentais como a guerra, a questão agrária e a regulação econômica era grande demais para ser superada? Os Bolcheviques rotularam essa tentativa de parceria entre classes de *soglachátielstvo* – um termo, em geral, equivocadamente traduzido como “conciliação” ou (pior) “compromisso”, mas que pode ser traduzido de uma maneira muito mais direta como “acordismo”. Então, a questão anterior ao eleitorado soviético era: seria viável o acordismo? Sim, poderia ser melhor trabalhar com a elite do que contra ela, mas isso significa que deveríamos abrir mão dos objetivos da revolução?

Adotando de novo uma sugestão do povo à época, podemos dividir as respostas em dois grandes grupos: os *ni-nis* contra os *ili-ílis*. Em russo, “*ni-ni*” significa “nem-nem” – ou, no contexto de 1917, “nem Lênin, nem Kornílov”. Os *ni-nis* rejeitaram os extremos e chamavam as pessoas sensatas de ambos os campos, o socialista e o da elite, a trabalharem juntas. Ainda hoje, muitos historiadores acham que esse caminho era possível e que foi uma oportunidade perdida.

Em russo, “*ili-íl*” significa “ou-ou”: representantes da elite e representantes da constituinte dos soviets *não podem* trabalhar em conjunto, e a tentativa de fazê-lo significará políticas falhas e, em última instância, um *vlast* falido. Se for esse o caso, então há apenas dois caminhos para escapar da *krízis vlasti*: ou estabelecer um governo só com os partidos dos soviets, ou se livrar do que os membros enfurecidos da elite

² Cf. DORR, 1917. Este livro extremamente útil será logo reimpresso; o texto está disponível apenas online. Como um apêndice a essa conversa, incluí uma descrição mais exaustiva do retrato da Rússia anterior à Revolução de Outubro feito por Dorr.

chamavam depreciativamente de “comitês”, isto é, se elimina o sistema dos soviets como uma força nos assuntos nacionais.

Por sua vez, havia duas estratégias possíveis para eliminar o sistema soviético: o *golpe duro* ou o *golpe brando*. Uma tentativa de golpe *duro* foi feita pelo General Kornílov, em fins de agosto – mas isso foi uma aventura despropositada desde o começo, porque ia contra os fatos concretos da política em 1917, ou seja, os soviets tinham a lealdade das forças armadas. O golpe brando baseou-se numa estratégia diferente: ele tentou diversos meios para criar outro *vlast* de grande alcance com apoio nacional, enquanto pedia aos soviets para se retirarem voluntariamente. Nessa categoria ocorrem experimentos similares à Conferência Democrática e o Pré-Parlamento, durante o outono. Cada vez mais, a Assembleia Constituinte tornou-se o centro das tentativas de um golpe brando, isto é, de induzir o poder soviético a se curvar com graça.

Para o eleitorado soviético, a questão foi decidida em inícios de setembro, quando novas majorias nos soviets de Moscou e Petersburgo demonstraram seu apoio a um governo totalmente soviético e antiacordista. Isso tornou evidente que o futuro Segundo Congresso dos Soviets seguiria a mesma linha. A questão, então, ficou sendo: a constituição tácita se sustentaria? Seria a nova maioria soviética capaz de exercer o mesmo controle supremo sobre as políticas governamentais e seu pessoal, como fazia a antiga maioria do Soviete? É comum dizer que outubro foi a época em que os soviets derrubaram o Governo Provisório. Da nossa perspectiva, este foi o momento em que o Governo Provisório não conseguiu derrubar os soviets.

Ao mesmo tempo, os soviets atribuíram a liderança política ao partido bolchevique. Essa escolha foi uma implicação inevitável para a decisão mais fundamental de manter a existência do poder soviético, uma vez que os bolcheviques eram a única força política organizada disposta e capaz de fazer isso. (A Esquerda SR tinha disposição suficiente, mas mal constituía uma força política organizada.) A dissolução da Assem-

bleia Constituinte em inícios de janeiro acabou com a última chance de pôr fim ao poder soviético pacificamente, isto é, através de uma autodissolução voluntária. A partir de então, a questão foi resolvida no campo de batalha.

Já delineei como o *vlast* embrionário, estabelecido em Fevereiro, adquiriu um atributo bastante essencial à soberania: a habilidade de sustentar sua existência, de eliminar todos os rivais pleiteantes e *não* ser eliminado por eles. Em um artigo recente, relatei como três observadores russos da época, a partir dos mais variados pontos do espectro político, analisaram o modo como o novo *vlast* adquiriu outros atributos essenciais durante a guerra civil.³

A revolução democrática antiburguesa

Agora me debruçarei sobre o porquê de eu pensar que o processo acima descrito poderia ser chamado de “revolução democrática antiburguesa”. Começarei por ler uma passagem escrita em 1922 pelo líder menchevique Fiódor Dan, a respeito de suas recentes experiências na Rússia soviética. Ele sentia que a derrota do Exército Vermelho campesino na Polônia não fora apenas um fracasso militar:

[O Exército Vermelho] foi, é, e será invencível quando a questão for a defesa ou a proteção das conquistas revolucionárias dos camponeses contra as incursões da reação interna ou do imperialismo estrangeiro. Para defender o terreno que ele conquistou de um possível retorno do senhor de terras, o camponês do Exército Vermelho lutará com o maior heroísmo e o maior entusiasmo. Ele avançará de mãos vazias contra canhões e tanques, e seu fervor revolucionário contagiará e desorganizará até as tropas mais esplêndidas e disciplinadas, como nós vimos acontecer com os alemães, os ingleses e os franceses em igual medida...

Mas a ideia do comunismo bolchevique é tão estranha, e até hostil à mentalidade do Exército Vermelho camponês, que ele não consegue nem se inflamar nem contagiar os ou-

³ LARS, 2015.

tros com ela. A ideia de uma guerra para converter a sociedade capitalista em uma sociedade comunista não o atrai, e esse é o limite do potencial do Exército Vermelho para os bolcheviques.⁴

A passagem traz para nós dois pontos centrais da revolução russa. Primeiro, era forte ao expressar o programa campesino, e fraca ao ultrapassar seus limites. Este ponto justifica a parte “democrática” da minha definição. Segundo (um ponto encoberto por Dan), os camponeses dificilmente poderiam constituir uma força combativa eficiente, a menos que tivessem a liderança política de um partido embasado no setor urbano do *naród* – um partido que fosse capaz de usar as habilidades essenciais da elite, dos oficiais, mesmo que garantindo que os oficiais não tivessem influência política, especialmente na questão central da terra dos camponeses. Isto justifica a parte “antiburguesa” da minha definição, especialmente diante do amplo sentido popular dado a “burguês” em 1917.

Posso explicar melhor esse sentido que emprego respondendo às mais óbvias objeções. Primeiramente, um regime de partido único extremamente repressivo, com eleições fraudulentas e uma total ausência de liberdade política – como poderíamos chamar isso de “democrático”? Bem, “democracia” é uma palavra com uma ampla gama de significados e pelo menos dois aspectos são aplicáveis, talvez inevitavelmente, à Revolução Russa. Em primeiro lugar, “democracia” significa “um sistema dominado pelo *demos*, o *naród*”. Esse sentido de “democracia” não é incompatível com tirania – vide Platão. Apesar da falta de liberdade política, o começo da Rússia soviética pode ser descrito, precisamente, como um *vlast* do “trabalhador-camponês” em diversos aspectos cruciais. Todo o estrato dos senhores de terra foi liquidado como classe, a antiga elite educada foi completamente excluída do poder, as novas instituições governamentais foram, gradualmente, preenchidas por trabalhadores e camponeses, muitas das políticas do novo governo almejavam conseguir o apoio dessas classes (por exemplo, as campanhas de alfabetização em massa), e os

⁴ Cf. KING, 2016. Essa memória, bem apresentada, é enfaticamente recomendada.

trabalhadores e camponeses eram continuamente cantados em verso e prosa. Mesmo a imensa intolerância política é, de certa forma, uma característica “democrática”, na medida em que reflete os valores populares difundidos.

Em segundo lugar, no discurso marxista, “revolução democrática” refere-se a um conjunto de tarefas, uma transformação ampla da sociedade, que rejeita e desestrutura o *ancien régime*.⁵ Dentre estas tarefas estavam (no centro) terra para os camponeses, compromisso com a educação da massa, comprometimento com a proteção do bem-estar. Embora essas mudanças, de certa forma, tenham acontecido, às vezes é difícil perceber, dado o cenário de devastação da guerra civil.

Mas trazer a estrutura marxista nos leva a outra objeção: então, não deveria a revolução ser chamada de socialista? Sob certos aspectos, é claro, a revolução do *naród*, na Rússia, inevitavelmente seria “socialista”, isto é, seria liderada por socialistas comprometidos, cujos objetivos seriam estabelecer uma sociedade socialista. Os partidos socialistas tinham monopólio absoluto da lealdade política do *naród* e, além dos socialistas, nenhum outro partido jamais teve representatividade no sistema soviético. Além disso, as coisas ficam ainda um pouco menos claras e é preciso manter em mente os seguintes pontos:

1. De maneira nenhuma, seja lógica ou empírica, o projeto de estabelecimento do poder soviético exigiria um compromisso primeiro com a revolução socialista. É necessário dizer isso, porque existe um preconceito amplamente difundido nesse sentido. Por exemplo, a compreensão popular das Teses de Abril, de Lênin, é a de que ele rejeitou o objetivo dos velhos bolcheviques de uma revolução democrática, chamada de revolução socialista, e, ao fazer isso, tornou o poder soviético um objetivo aceitável. Essa leitura é completamente enganosa de várias maneiras, mas aqui só mencionaremos o fato de tanto Lênin quanto Trótski tomaram um caminho diferente em 1917, ao desvincularem a revolução socialista de poder soviético.

⁵ Em francês, *ancien régime*. (N. do T.)

Ambos enfatizaram que o poder soviético era reconhecido até pelas definições burguesas de democracia.

2. O objetivo em si da revolução socialista na própria Rússia *não* era parte da mensagem bolchevique em 1917. Os bolcheviques não propuseram um programa especificamente socialista. Na verdade, eles mal tinham um programa. O que eles fizeram foi se vender ao eleitorado do Soviete como o partido que tinha a vontade política de *cumprir na prática* as promessas programáticas dos outros partidos.

3. Em 1918, o próprio Lênin disse que outubro de 1917 representava meramente a parte democrática da revolução, que estava se tornando socialista apenas agora, em fins de 1918, quando o campesinato começava a se cindir. (Bukhárin repetiu essa análise em 1925.) Mas a esperança de Lênin em uma ruptura de larga escala no campesinato provou ser uma ilusão, e o regime bolchevique só sobreviveu porque achou uma base na maioria dos camponeses. Como escreve Evguêni Preobrajênski, em 1920 (note bem, *antes* da NEP):

Ao longo de toda a guerra civil, o campesinato médio não marchava ombro a ombro com o proletariado. Ele vacilou mais de uma vez, principalmente ao deparar-se com novas condições e novos fardos; mais de uma vez ele se aproximou dos seus inimigos de classe. [Mas] o estado do trabalhador/camponês, alicerçado por uma aliança do proletariado com 80% dos camponeses, já não poderia ter concorrentes pelo *vlast* dentro das fronteiras da Rússia.⁶

4. Em retrospectiva, Lênin e os outros foram obrigados a notar que as conquistas *democráticas* da revolução (“democráticas”, conforme o sentido marxista acima discutido) eram muito mais visíveis e completas do que os tímidos passos em direção à transformação socialista do país. A “revolução democrática” era real, a “revolução socialista” era declarativa.⁷

⁶ Preobrajênski, 1920.

⁷ Um ponto que precisa ser ressaltado é que este tipo de retrospectiva aconteceu *antes* da introdução da NEP, em 1921, e também depois. Em outras palavras, nunca houve um período em que os bolcheviques achassem que estavam por trazer a transformação do socialismo utópico (como o estereótipo de “comunismo de guerra” afirma), e que, depois, eles se tornaram mais sóbrios e mais realistas. Pelo contrário, eles sempre estiveram cômicos

5. Mais importante, o “socialismo” estava subordinado à preservação do apoio dos camponeses. Os *únicos* “passos em direção ao socialismo” que eram legítimos – anunciou Lênin, em abril 1917 – eram aqueles que poderiam ser vendidos aos camponeses como sendo de seu interesse. Como demonstrei em outro ponto, sempre que forçados a escolher entre os ideais socialistas e o apoio dos camponeses, os bolcheviques escolheram o apoio dos camponeses.⁸

Agora, passemos a outra linha de raciocínio, que afirma que os bolcheviques queriam uma *revolução* proletária, diferente de uma revolução do povo, ou *naród*. Uma versão desta vertente argumenta que há um forte contraste entre um discurso centrado no *naród* e um discurso centrado em *classe*, e que os bolcheviques teriam escolhido o último e rejeitado o primeiro. É claro que o que os bolcheviques diziam ou pensavam não precisa determinar como nós descrevemos a revolução. Entretanto, essas afirmações dão origem a questões significativas. Eu posso ver de onde vem esse argumento, por exemplo, nos primeiros, e polêmicos, embates entre os marxistas russos e os populistas russos, ou *naródniki*. Contudo, postular um enorme contraste entre um discurso sobre pessoas e um discurso sobre classe não é útil para entender 1917 nem, nesse sentido, o discurso do “bolchevismo de velha-guarda” anterior à guerra.

Praticamente, o termo e o conceito de *naród* estão em toda parte no discurso bolchevique em 1917. Aconteceu-me de, ao parar de escrever essa fala para uma pausa em um café próximo, deparar-me com a seguinte declaração de Trótski, feita em um momento extremamente dramático do Segundo Congresso dos Sovietes em outubro, quando outros partidos so-

de quão pouco eles avançaram em direção à verdadeira mudança socialista.

⁸ “Imediatamente depois da revolução de outubro, eles ganharam o apoio camponês ao permitir que os camponeses dividissem grandes propriedades (muito a contragosto dos socialistas ocidentais, que viam a desestruturação de grandes unidades de produção como um retrocesso econômico). Em 1919, eles se afastaram das “lutas de classes nas vilas” para uma acomodação com “o camponês médio.” Em 1920, eles basearam uma política agrícola de longo prazo em agricultura de pequena escala, no lugar de experimentos socialistas. Em 1921, eles se afastaram ainda mais ao permitir o livre comércio aos grãos”.

cialistas estavam em processo de saída: “O levante das massas populares [*narodnykh mass*] não precisa de justificativa. O que aconteceu não é uma conspiração, mas um levante”.⁹

Lênin usou o termo “classe” para se referir aos “camponeses mais pobres”. Este termo vago e indefinido era extremamente flexível e parecia significar “a maioria campesina, menos os camponeses ricos que se opusessem ao poder soviético”. Mas não é preciso cavar muito para descobrir que o termo central no discurso bolchevique a esse respeito era, e continua sendo, somente “campesinato” (*kriestíánstvo*), pura e simplesmente. (Documentei isso utilizando os muitos editoriais de Stálin para o *Právda* em agosto e setembro.) O límpido fato da questão é que os bolcheviques sempre pensaram o poder soviético como um “*vlast* trabalhador-camponês”.

Desde o começo, o cerne da perspectiva bolchevique era o assim chamado cenário “hegemônico”: o proletariado socialista lidera os camponeses “pequeno-burgueses” a levar a revolução “até o fim”, isto é, até as últimas consequências permitidas pelas circunstâncias. Certamente foram usados termos de um discurso de “classe”, como “pequeno-burguês”, mas de maneira que *não* entrasse em conflito fundamental com um discurso de “*narod*”. O cenário pinta uma parte do *narod* (o proletariado urbano) provendo a liderança política para outra parte do *narod* (o campesinato) para conquistar objetivos em *comum*. Como explicado acima, esse cenário continuou sendo válido como uma autodefinição bolchevique ao longo da guerra civil e depois.

Tendo justificado o “democrático” até certo ponto, voltemos à outra parte do meu rótulo, “antiburguesa”. Desde o começo – isto é, desde fevereiro –, o eleitorado soviético era hostil aos *burjúi*, tanto em seu sentido estrito de proprietários indus-

⁹ *Vtorói siezd*, p. 41. Estranhamente, a presença dos termos “*narodescos*” no discurso bolchevique em 1917 foi um motivo de desavença entre Stálin e Trótski, em 1924. Trótski zombava do uso desse tipo de discurso pelos bolcheviques, ele não gostava (o que contribui para o meu argumento); triunfantemente, Stálin apresentou uma passagem em que Lênin falava sobre o *narod*. Esse toma lá dá cá era extremamente superficial, mas vale notar que o próprio Trótski usava esse discurso *narodocêntrico* em 1917 - o exemplo citado acima é típico, nada extraordinário.

triais quanto em seu sentido mais amplo, os *tsenzoviki*, os *bielorúchki* (os de mãos brancas) e outros termos desagradáveis para a elite letrada. Mesmo nos primeiros dias, quando a esperança de uma parceria real ainda estavam nas alturas, os *burjúi* eram vistos com suspeita e, de fato, presumia-se automaticamente sua falta de sinceridade. Um comprometimento positivo às instituições socialistas era muito menos poderoso do que uma atitude negativa em relação à burguesia, tanto como indivíduos quanto como aos valores burgueses. A ânsia antiburguesa surge organicamente do próprio fato do poder soviético, e não só dos sonhos dos intelectuais socialistas.

Qualquer coisa parecida com uma classe burguesa, instituições de mercado e valores de classe média foi destruída pelos “tempos difíceis” russos, que começaram em 1914, e não havia vontade social ou política para reconstituí-la. Então, o socialismo na União Soviética ganhou corpo pela ânsia de fazer um grande país moderno funcionar sem uma burguesia, ou um mercado autônomo, ou o pluralismo burguês. Assim, tanto as dinâmicas sociais em curto prazo quanto o resultado econômico de longo prazo da revolução foram determinados, em primeiro lugar, pela ânsia antiburguesa do eleitorado soviético.

Concluirei com algumas palavras de um apelo feito pelo Segundo Congresso dos Sovietes durante a Revolução de Outubro, em resposta à debandada dos partidos socialistas opostos ao poder soviético. Os slogans abaixo condensam a maneira de a revolução se definir como democrática e antiburguesa. Note a declaração de hostilidade à burguesia mais do que qualquer referência ao socialismo (uma característica da retórica do Segundo Congresso), a centralidade da rejeição do acordismo, e a afirmação da legitimidade de um *vlast* baseado no *naród*: “Abaixo os acordistas (*soglachátieli*)! Abaixo os serviços da burguesia! Vida longa ao levante dos soldados, trabalhadores e camponeses!”¹⁰

¹⁰ *Vtorói sjezd*, p. 42.

Apêndice: *Inside the Russian Revolution*

(Passagens do livro de Rheta Childe Dorr, de um pronunciamento anterior sobre o poder soviético em 1917)

Para lhes fornecer uma ideia da situação em 1917, incluo aqui alguns excertos de um livro da americana Rheta Childe Dorr, correspondente, ativista dos direitos da mulher, socialista autodeclarada, embora, como veremos, seja de uma espécie peculiar. O nome do livro é *Inside the Russian Revolution*. Na seguinte passagem, ela descreve sua primeira impressão da Rússia ¹⁰:

Uma das primeiras coisas que vi na manhã de minha chegada a Petrogrado... foi um grupo de rapazes, cerca de vinte, que, suponho, marchava pela rua, diante do meu hotel, carregando uma bandeira escarlate com uma inscrição em grandes letras brancas.

– O que diz aquela bandeira? – perguntei ao recepcionista do hotel, que estava ao meu lado.

– Diz: ‘Todo Poder ao Soviete’ – foi a resposta.

– O que é o Soviete? – perguntei, e ele respondeu brevemente:

– É o único governo que agora temos na Rússia.

A julgar por esta passagem, a maioria de nós, naturalmente, haveria de supor que Rheta chegou à Rússia depois da revolução bolchevique, em outubro, quando os soviets derrubaram o Governo Provisório. Mas, na verdade, Dorr chegou em fins de maio de 1917 e ficou na Rússia só até fins de agosto. O livro dela consiste em colunas de jornal escritas durante o outono; ele foi enviado à gráfica *antes* da Revolução de Outubro. Sua perspectiva nos mostra um olhar de valor inestimável sobre o que ocorria em 1917, livre de retrospectivas.

O relato de Dorr traz um fato essencial: “Os soviets, ou conselhos dos soldados e delegados dos trabalhadores, que se espalharam qual fogo descontrolado pelo país, são o mais

próximo de um governo que a Rússia já conheceu desde os primeiros dias da revolução... Petrogrado não é a única cidade em que o Conselho dos Delegados dos Trabalhadores e Soldados assumiu o controle sobre os destinos do povo russo. Todas as cidades tinham o seu conselho, e não havia questão, civil ou militar, que eles não se sentissem capazes de resolver” (10, 19). A própria Dorr era intensamente hostil ao que sentia ser o regime tirânico da multidão, em parte por causa de sua devoção à guerra contra a Alemanha. Ela considerava o domínio soviético nada melhor, e em alguns aspectos até pior, que o dos tsares. Peguemos a censura à imprensa:

Ainda que [o viajante americano médio] pudesse ler todos os jornais diários, mesmo assim, ele não conseguiria muita informação. A censura à imprensa é tão rígida e tirânica hoje quanto era no ápice da autocracia, só que um tipo diferente de notícias é suprimido (5).

Para dar aos seus leitores americanos uma ideia da “febre dos comitês” que tinha tomado a Rússia, ela usa a seguinte analogia:

Tentem imaginar como seria, digamos, em Washington, no escritório do secretário da Fazenda, se um comitê da Federação Americana do Trabalho entrasse e dissesse: “Nós viemos controlá-lo. Entregue seus livros e todos os seus papéis confidenciais”. É isso o que acontece com os ministros na Rússia, e vai continuar até que consigam formar uma administração que responda apenas ao eleitorado, e que não seja escravo do Conselho dos Delegados dos Trabalhadores e Soldados (47-8).

Dorr mantinha-se cética em relação às afirmações do Soviete, de que ele não queria controlar o *vlast* supremo da terra. Ela descreve um episódio das disputas políticas internas que levaram à Revolução de Outubro:

Os Sovietes? Depois de uma briga feroz, eles votaram incessantemente a favor do apoio a Kêrenski. Eles votaram uma vez para dar a ele o poder supremo. Mas eles nunca estiveram satisfeitos com isso, e Kêrenski sabia muito bem disso. Eles provaram ser desonestos, me parece, por suas ações em outubro,

ao se recusarem a apoiar qualquer ministério que não fosse feito exclusivamente de socialistas, e, portanto, fazendo de tal corpo objeto de crítica e controle (205).

Para Dorr, a única esperança de salvação para a Rússia seria se os elementos sãos da sociedade “pegassem pelo colarinho essa turba russa imensa, desorganizada, ignorante, agitada e ansiosa e a forçasse a escutar a voz da razão” – operação cujo custo, ela sabia, seria um grande derramamento de sangue (34, 38). Ela é implacavelmente otimista no final de seu livro, pois sentia que a Fome e o Frio do “General Janeiro” destruiria o poder soviético nos próximos meses. O julgamento final sobre a Rússia, anterior a Outubro: “Vi um povo entregue a uma tirania de classe apressando-se por instaurar outra, tão brutal e despreocupada com o bem comum quanto a anterior”.

Referências bibliográficas

DORR, Rhett Childe. *Inside the Russian Revolution*. New York: The Macmillan company, 1917.

KING, Francis (ed.). *Two Years of Wandering: A Menshevik Leader in Lenin's Russia*. London: Lawrence & Wishart, 2016.

LIH, Lars T. “Bolshevism's ‘Services to the State’: Three Russian Observers”. In: *Revolutionary Russia* (28: 2, 2015). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09546545.2015.1092774>

Preobrajênski, Evguêni. “Social Base of the October Revolution”. In: *Pravda*, 7 November 1920.

Vtorói siezd RSDRP, iiul'-avgust 1903 goda: Protokoly 1959, Moskva: Gospolizdat.

Tradução: Rafael Bonavina¹¹

¹¹ Aluno da área de Língua e Literatura Russa, FFLCH/USP.

Vanguardas Russas: a arte revolucionária*

Arlete Cavaliere**

Resumo: A criação da primeira república socialista na Rússia, em 1917, provocou uma extraordinária atmosfera de inquietude e renovação nos campos social, político e cultural, cujos desdobramentos se fizeram sentir durante todo o século XX. Em 2017 comemora-se o centenário desse tempestuoso momento histórico, que gerou um dos fenômenos culturais e artísticos mais surpreendentes e multifacetados da história da arte moderna, denominado vanguardas russas. Muitos artistas russos surgiram, então, como representantes genuínos da nova era proletária, combinando extremismo na forma e acentuada propaganda política, a produzir uma audaciosa simbiose de variadas tendências estéticas e artísticas, vicejantes durante os anos revolucionários. Discorrer sobre essa nova concepção de arte e cultura e sobre a profusão de experiências estéticas daquele período constitui um tema de extremo interesse.

Abstract: The formation of the first socialist state in Russia in 1917 generated an extraordinary atmosphere of restlessness and renewal in the social, political and cultural spheres, whose effects were felt throughout the 20th century. In 2017 marks the centenary of this stormy historical moment that gave rise to one of the most surprising and multifaceted cultural and artistic movements in the history of modern art, called the Russian avant-garde. Many Russian artists presented themselves as genuine representatives of the new proletarian era, combining extremism in form with marked political propaganda, producing a bold symbiosis of varied aesthetic and artistic tendencies that thrived during the revolutionary years. This new conception of art and culture and the profusion of aesthetic experiences of that period is a subject of great interest.

Palavras-chave: arte russa, vanguardas, revolução

Keywords: Russian art, avant-gardes, revolution

*Artigo submetido em 04 de dezembro de 2017 e aprovado em 11 de dezembro de 2017.

**Professora Titular de Arte, Teatro e Cultura Russa da FFLCH-USP e autora de vários livros, como *O inspetor geral de Gógol-Meyerhold: um espetáculo síntese* (1996); *Teatro russo: percurso para um estudo da paródia e do grotesco* (2009); *O nariz & A terrível vingança (de Nikolai Gógol): a magia das máscaras* (Edusp, 1990); *Teatro completo*, de Nikolai Gógol (2009); *Dostoiévski-trip*, de Vladímir Sorókin (2014). E-mail: cavalier@usp.br

A Revolução Russa de 1917 engendrou um dos movimentos culturais e artísticos mais surpreendentes e multifacetados da história da arte moderna.

Nas primeiras décadas do século XX a Rússia experimenta uma extraordinária atmosfera de inquietude e renovação nos campos social, político e cultural. A revolução de 1905 marcaria o primeiro passo de uma efervescência geral, que se faria recrudescer na década posterior. No campo artístico e cultural, há uma vaga de agitação em grande parte oriunda da juventude intelectualizada, que produzirá os seus frutos em praticamente todos os ramos da criação artística. Esses jovens artistas manifestam uma tendência acentuada em direção a novos procedimentos estéticos e ao descontentamento em relação à linguagem convencional e passadista. Essa revolta vem acompanhada, ao mesmo tempo, da exigência de um retorno às origens, às fontes primeiras da cultura russa, e da negação de valores considerados ultrapassados.



1930. Animais. Pavel Filonov.

É preciso lembrar que na última década do século XIX o ocidente vivera o clima do simbolismo e do decadentismo, cujo reverberar em solo russo produziu, no campo da poética e do pensamento filosófico, proposições e experiências estéticas de impacto decisivo na cultura russa. As especificidades artístico-literárias decorrentes desempenham um papel determinante para o surgimento de tendências e correntes estéticas que conformariam, um pouco depois, um amplo movimento que se convencionou chamar de Vanguardas Russas, denominação certamente abrangente, a integrar uma grande variedade de fenômenos (dentre os quais o futurismo russo) na criação de muitos indivíduos.

Krystyna Pomorska afirmou, com razão, que o simbolismo russo preparou o caminho para a pesquisa sonora da poesia, um dos procedimentos essenciais da poética do futurismo russo. Ao criarem a “poesia como música” e a “poesia de nuances”, os simbolistas procuram destruir a “poesia como pensamento em imagens”. O movimento futurista russo descarta depois o misticismo filosófico de seus antecessores e em seu lugar propõe uma abordagem poética poderosamente técnica.¹

Com efeito, o futurismo russo foi apenas o estágio final de uma determinada trilha da arte moderna surgida na Rússia sob o impulso do grupo Mir Iskustva (O mundo da arte), que passa a veicular, no início do século XX, por meio de uma revista de mesmo nome, dirigida por Serguéi Diáguilev (1872-1029), o novo clima e as novas tendências artísticas européias, como o impressionismo, o cubismo francês e ainda o expressionismo alemão. A proposta do grupo é, sobretudo, promover uma verdadeira cruzada contra uma estética pragmática, materialista ou de intenção social, que, segundo seu ideário, prestava mais atenção às mensagens sociais do que à cor e à composição da obra artística.

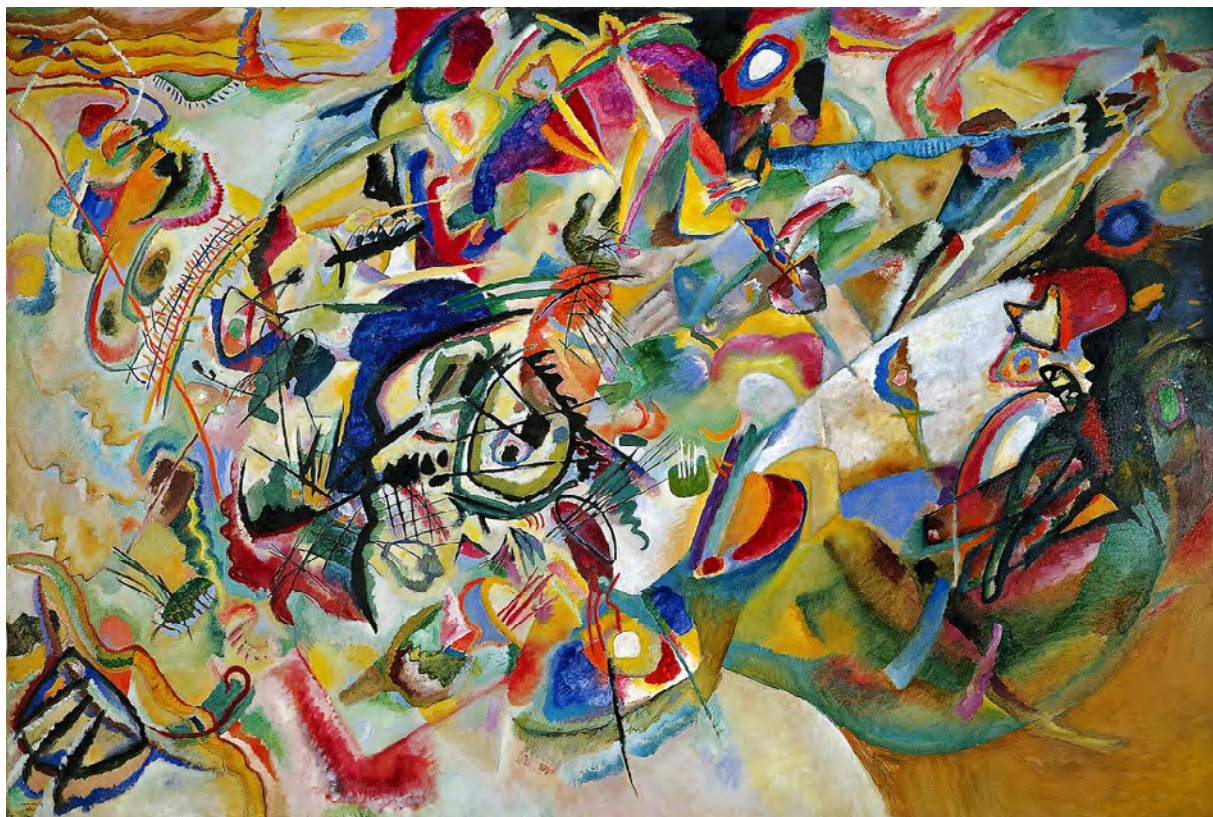
Ao mesmo tempo, em todos os âmbitos das artes russas se mesclavam, cada vez mais, as últimas investigações européias com uma exploração apaixonada do passado nacional russo. O grupo “O mundo da arte” fazia importantes descobertas a

¹ Cf. POMORSKA, 1972, p.163.



À esquerda: V. Tátlin. 1910. *Modelo do artista*.

Abaixo: V. Kandínski, *Composição VII*, 1913.



cerca da arte pictórica do ícone russo. Esse interesse pelo passado artístico russo abriu novos horizontes à investigação estética e ao estudo aprofundado da arqueologia e da história da arte russa, que se fez sentir até o período pós-revolucionário.

Também a nova música moderna russa (Scriabin e mais tarde Rakhmáninov, Stravinski e, finalmente, Prokófiev) teve grande impulso com o grupo “O mundo da arte” e, graças a ele, a música européia moderna de Wagner e Debussy adquiriu ampla difusão na Rússia.



Kazimir Maliévitch. 1932. Mulher com Ancinho.

No campo das artes plásticas, as correntes russas da pintura de vanguarda, opondo-se a seus predecessores realista-positivistas (os assim chamados artistas “Ambulantes”, em russo, *peredvíjniki*), e contrárias também aos simbolistas, considerados apocalípticos e místicos, vão encontrar em sua pesquisa formal uma inspiração criativa em perfeita sintonia com os aspectos da nova civilização urbana. A pulverização do velho mundo reclama ao artista outras soluções e uma nova visão do real.

Assim, o lema “arte da nossa época”, como complemento do desenvolvimento técnico e do ritmo da civilização moderna, será um tema generalizado no programa futurista (não apenas no movimento russo), que se bifurcará mais tarde em outros caminhos da arte moderna, como, por exemplo, o Construtivismo, vigente na Rússia alguns anos depois da revolução de 1917.

Certamente, se um movimento desta magnitude responde perfeitamente à sensibilidade russa em um determinado momento histórico, corresponde também a uma disposição de espírito universal. A crise da cultura se faz sentir no Ocidente, onde se assiste, entre outros fenômenos, à eclosão do futurismo de Marinetti e do cubismo analítico de Braque e Picasso, surgido por volta de 1907, sob

a influência de Cézanne. Esses criadores, sensíveis à decomposição e à fragmentação do mundo físico e carnal, se consagrariam, depois da descoberta da arte negra, à invenção da geometria do mundo concreto e de suas formas.

Pomorska assim esclarece as diferenças entre os “diferentes futurismos”:

“Mas deixemos claro uma coisa: a semelhança é apenas na maneira geral de se exprimir. O programa estético e a prática poética dos futuristas russos não seguem o exemplo italiano. Ambos os movimentos pregavam a “poesia da nossa época” (*poésia sovriemiénosti*), que seria um complemento do desenvolvimento técnico e do ritmo da civilização moderna. Mas esse ponto do programa era universal: não somente era algo generalizado dentro do universo futurista como ainda os futuristas o compartilhavam com outros caminhos da arte moderna, como o Construtivismo, por exemplo. Desse postulado básico os russos e os italianos retiraram conclusões inteiramente diversas.”²

Neste sentido, é possível afirmar também que o Cubismo teve fundamental importância para o desenvolvimento da estética do Futurismo russo: a transformação direta da linguagem plástica cubista em linguagem poética se encontra no Futurismo russo.

Georges Braque teria dito sobre a pintura cubista: “não acredito em coisas. Acredito apenas nas relações mútuas entre as coisas.”³ Eis aqui o conceito essencial da pintura cubista, segundo o qual um objeto é apresentado simultaneamente de diferentes pontos de vista, ao mesmo tempo analítica e sinteticamente.

A maior parte dos futuristas russos (Vielímir Khlébnikov, David e Nikolai Burliuk, Vassíli Kamiênski, Elena Guro, Vladímir Maiakóvski, Aleksei Krutchônikh) esteve ligada à pintura e por isso, a ala mais representativa do movimento recebeu o nome de “cubo-futuristas”, numa clara conexão das artes verbais com as artes visuais. Ao lado da crítica dos futuristas a

² Ibidem, pág.73.

³ Cf. MARCADÉ, 1971, pág. 196.



Liubov Popova. 1915. Autorretrato Futurista

uma literatura “temática” se alinham os cubistas na sua rejeição de uma cópia servil dos objetos pela pintura: a arte verbal, como também a arte visual, cessaria de imitar a natureza pela descrição de seus objetos. O mundo artístico, o mundo poético, torna-se, assim, válido por si mesmo e a “inteligência do artista” substitui a sua “observação”.

É extremamente difícil desenhar um quadro completo e preciso de todo o movimento futurista russo, especialmente entre os anos de 1910 e 1914, tal o ritmo frenético de suas atividades: os grupos se formam e se reformam, se dividem e se agrupam, polemizam uns com os outros, reaparecem em outras cidades, sempre prontos a novas experiências, as mais inesperadas e inusitadas.

Os pintores russos de vanguarda se articularam, de início, em dois grupos:

1. União da Juventude (*Soiuz molodió*), de Petersburgo (Filónov, Rozánova, Chkólnki), cuja primeira exposição data de março de 1910.

2. Valete de Ouro (*Bubnóvi valiét*), de Moscou (David Burliuk, Iliá Machkóv, Nikolai Kúblin), que expõe pela primeira vez em dezembro de 1910.

Mais tarde alguns dissidentes (Lariónov, Gontcharóva. Maliévitch, Tatlin, Chagall e outros) se separam do Valete de Ouro, dando origem a um terceiro grupo, *Oslíni Khvost* (Rabo de asno), que expõe em março de 1912.

As diferenças entre essas duas tendências eram basicamente de caráter de filiação estética: os membros do Valete de Ouro espelhavam-se sem reservas nos exemplos franceses, enquanto os do Rabo de asno aspiravam a uma fusão das experiências ocidentais com o gosto dos primitivos e da arte popular russa.

Tanto Maliévitch como Gontcharóva, do grupo Rabo de Asno, se inspiram, então, em temas camponeses, pintando em tom cubista cenas e figuras da vida nas aldeias, ceifadores e mulherzinhas com baldes e ancinhos, os trabalhos do campo, a colheita das maçãs, dos girassóis, do centeio.

É importante sublinhar a paixão dos pintores cubo-futuristas pela arte dos “naifs” e dos primitivos. Dérain e Picasso tinham descoberto o encanto das esculturas negras, das máscaras africanas e dos amuletos selvagens. Da mesma forma, os pintores russos se entusiasmam pelos ícones e letreiros das velhas lojas, pelos utensílios e brinquedos populares, pelas estátuas de pedra das estepes e, sobretudo, pelos *lubók*, impressos que ilustravam romances cavalheirescos, aventuras de heróis fabulosos, episódios dos evangelhos apócrifos.

Gontcharóva absorve em seu trabalho a tradição do *lubók* e dos ícones e chegou a escrever: “O cubismo é uma bela coisa, ainda que não de todo nova. As estátuas de pedra dos citas, as bonecas russas de madeira pintada que se vendem nas feiras, são feitas à moda cubista.”⁴

Em seus manifestos (*Viveiro de juízes* [Sadók sudiéi], de 1910, *Uma bofetada no gosto do público* [Pochchótchina obchéstvienomu vkússu], de 1912), os cubo-futuristas David e Nikolai Burliuk, Vielímir Khlébnikov, Alekséi Krutchônikh e Vladímir Maiakóvski não se cansam de proclamar que a palavra deveria seguir “audaciosamente as pegadas da pintura” (1912).

Assim, tomando a pintura por modelo, a sua poesia adquire uma textura concreta e rugosa. Para eles o que importa é o aspecto sonoro da palavra: esse era o único material e tema da poesia. Em lugar do vocalismo, da liquidez, da musicalidade dos versos simbolistas, os novos poetas cubo-futuristas trabalham a “palavra pura”, sem relação com qualquer função referencial ou simbólica, no que diz respeito ao objeto. Para eles, a “palavra em liberdade” deveria operar com sua própria estrutura, criando “objetos novos”. Isto corresponde, sob certo sentido, à “arte sem objeto” dos cubistas com sua busca da forma geométrica, do espaço e da cor.

O que está em pauta é uma orientação estética voltada para a concreção, o que significa uma referência direta ao objeto, ao invés de alusões indiretas. A arte passa a ser vista como ofício, em lugar da “teurgia” dos simbolistas e de sua programática nebulosidade e ambigüidade.

⁴ Cf. *Ibidem*, pág.238.

Desta forma, a arte como uma espécie de ciência experimental, um ofício especializado (saber “como fazê-lo”), se opõe à noção de inspiração. O artista se define como um operário que trabalha seu ofício com a precisão das fórmulas científicas. Não celebra mais os estados de alma, os símbolos etéreos, mas, isto sim, as cidades com suas luzes, as fábricas com o ruído de suas máquinas. Há, por certo, um claro programa social aí veiculado: a participação da arte na vida social a acompanhar a proclamação de uma nova maneira de viver e de uma arte e de uma ciência novas, que viriam a completar a transformação iniciada pelo movimento revolucionário. Clama-se pelo valor democrático da palavra, e até mesmo pelo valor universal da arte.

Logo após a Revolução de Outubro, os futuristas se autodenominam “tamboreiros da revolução”, e o que pretendem com seu programa é “ensinar o homem da rua a falar”. Isso significa destruir os antigos valores e construir os novos, isto é, propõem a reorganização consciente da língua aplicada a novas formas de ser.

De tanto analisar e decompor as palavras, os cubo-futuristas haviam chegado à chamada linguagem “transmental” (linguagem *zaúm*). Havia levado ao extremo a experiência sonora, a articulação informe de vocábulos inexistentes, mistura de tramas fonéticas abstratas, de nexos arbitrários. Abandonam assim a natureza e a transcendência do símbolo para inserir a prática poética na concreção do mundo da produção, a utilizar os recursos modernos da técnica e da ciência para a construção de espécies de piruetas verbais e combinações absurdas de sons.

O primeiro exemplo foi dado, em 1912, por Krutchônikh, o principal teórico da linguagem *zaúm*, por meio dos seguintes versos, que não têm qualquer sentido:

DIR - BUL-CHCHIL
 UBIEIUR
 SKUM
 VI - SO -BU
 R - 1- EZ



Liubov Popova. 1921. Construção de Força Espacial.

Aparentemente, trata-se de uma experiência sonora pura, mas Krutchônikh explica: “As palavras morrem, o mundo é eternamente jovem. O artista vê o mundo de maneira nova e como Adão dá um nome a cada coisa. O lírio é belíssimo, mas é feita, violada e consumida a palavra “líria”. Portanto eu o chamo “eui”, devolvendo-lhe a pureza primitiva”.⁵ Com a linguagem Zaúm a poesia alcança a negação total dos valores precedentes e segue o mesmo caminho da pintura.

O próprio Krutchônikh tece as relações: “Os pintores “budietliany” gostam de usar partes anatômicas e divisões, e os “budietliany” criadores da linguagem usam palavras partidas, meias palavras, com que fazem astuciosas e bizarras combinações (linguagem transmental). Dessa forma, obtém-se a máxima força expressiva. E é justamente nisso que se destaca a linguagem de nossa época violenta, a linguagem que aniquilou a linguagem estagnada de antes”.⁶

Com efeito, no seu jogo abstrato a *zaúm* coincide com o abstracionismo pictórico e sua ruptura decisiva com a representatividade, com o figurativo.

É preciso assinalar que às vésperas da Revolução de Outubro, de par com a invenção poética, ocorria uma conseqüente pesquisa filológica a investigar as inúmeras possibilidades da língua russa. Essa investigação se revelaria, em particular, por meio de estudiosos, hoje renomados, conhecidos como “formalistas russos”, que formulam uma teoria da literatura e uma ciência da arte poética. Trabalhos seminais foram produzidos, especialmente entre 1915 e 1930, em duas frentes principais, cujas preocupações estéticas continuam de extrema atualidade: o Círculo Lingüístico de Moscou, em 1914, com a fundamental participação de Roman Jakobson, e a Associação para o Estudo da Linguagem Poética, a Opoiaz (*Óbchchestvo izutchéniia poetícheskovo iaziká*), em Petrogrado, em 1917, com uma profunda pesquisa sobre a textura fônica do poema efetuada por Óssip Brik, pioneiro em matéria de poética e lingüística modernas.

⁵ Cf. RIPELLINO, 1971, p. 36.

⁶ KRUTCHÔNIKH; KHLÉBNIKOV, 1913, p. 13.

No centro desses debates, dos quais participavam igualmente muitos dos poetas futuristas, as questões mais discutidas diziam respeito às relações entre as propriedades puramente lingüísticas da poesia e suas características que transcendem os limites da língua e acentuam a semiologia geral da arte.

Krutchônikh, por exemplo, também apontara as possibilidades da aplicação da linguagem *zaúm* no teatro. Segundo ele, só a língua transmental, aplicada ao palco, poderia evitar a deformação fonética que os homens exercem. Ele sugere, assim, substituir paulatinamente as velhas comédias por um repertório de textos transmentais e habituar os atores à dicção de breves seqüências fonéticas, que tivessem a rapidez da imagem cinematográfica. A proposta é fazer a arte dramática renascer, por meio da linguagem *zaúm*, formada por velocíssimas “cinpalavras”. Como um conjunto de peças transmentais, como um tecido de sons rudes, Krutchônikh concebeu, por exemplo, o libreto da ópera Vitória sobre o sol (*Pobiéda nad sotsén*). A concepção do *zaúm* no palco fica bastante clara na seguinte definição: “A língua transracional é, antes de tudo, a língua da ação pública, cujo ritmo e freqüência superam em muito, em velocidade e dinamismo, a lentidão do discurso humano usual. A língua transracional é o único meio de desenvolver as possibilidades do palco e abrir para o teatro novos caminhos de desenvolvimento.”⁷

Do ponto de vista do trabalho do ator, em seu laboratório de Pesquisas Teatrais, fundado em dezembro de 1922, o diretor Radlov experimentou com um grupo de atores, uma espécie de interpretação não-objetiva, que combinava as batidas fonéticas com uma mímica abstrata. Estava convencido de que uma linguagem de articulações desconexas, de fragmentos acústicos, ressaltaria melhor a tensão dramática. E afirma, referindo-se à atuação do ator, como que inspirado pelas tramas geométricas dos quadros suprematistas de Maliévitch:

“O movimento de seu corpo desperta no espectador, antes de mais nada, sensações espaciais. Depende de sua habilidade de criar, em quem olha, o sentido concreto das três dimensões

⁷ Cf. TCHOUKOVSKI, 1976, p. 49.

deste espaço. O cubo de ar que envolve o corpo humano começa a viver, intersectado pelas linhas dos seus movimentos. Essas linhas, temporariamente retesadas, são percebidas pela nossa memória como existentes na realidade. Imaginem olhar um homem que nas trevas toma um archote na mão e movimenta-o rapidamente pelo ar. Veremos uma série de círculos, elipses, mas não seremos capaz de determinar onde se encontra, em um dado momento, a mão que segura a luz. Assim, também o ator grava no espaço várias formas simples que vivem no ar. Aproveitando-se disso e treinando num dado sentido o próprio corpo, o ator criará diante de nós um jogo de círculos, de linhas fantásticas, de losangos e toda espécie de formas de ângulos agudos.”⁸

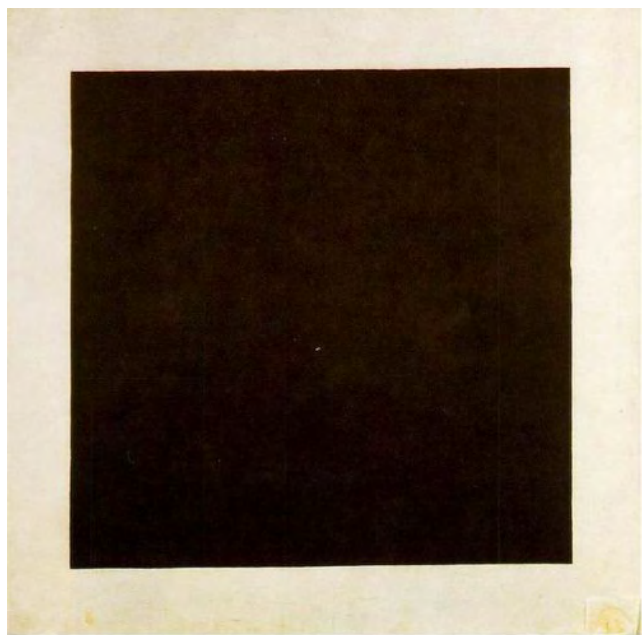
Há aqui uma clara conexão com os métodos cubistas de renúncia às formas estáticas de representação e de busca da imagem deslocada, ou seja, de uma nova forma de percepção artística.

Uma das propostas mais radicais nessa direção é, sem dúvida alguma, a pintura de Kazimir Maliévitch, representante do Suprematismo. Assim como Krutchônikh, Maliévitch procura escapar na pintura aos esquemas lógicos e se propõe a ir mais além das propostas dos pintores cubo-futuristas: radicaliza a dissociação da pintura com os problemas externos, procurando uma expressão pictórica totalmente abstrata e não figurativa. É a ruptura total da dependência da pintura com os objetos exteriores. A matéria-prima de Maliévitch é a sensibilidade pura, que tem como exemplo o quadrado negro sobre fundo branco, de 1913. O objetivo do Suprematismo é distanciar-se da realidade e do caráter figurativo e utilitário da pintura. Essa espécie de ascese plástica conduziria o criador do suprematismo ao desenvolvimento de uma nova semântica visual, que tem em seu Quadrado branco sobre fundo branco, de 1918, a resolução extrema e absoluta de toda contradição.

Com o suprematismo de Maliévitch, a pintura deixa de representar a vida e passa a fazer parte dela, alcançando, assim, o seu estatuto de independência. É a consciência suprema do

⁸ RADLOV apud RIPELLINO, 1971, p. 44.

valor da obra de arte enquanto tal, da forma pura desenraizada, baseada apenas na sensibilidade, que está na base daquelas tramas fonéticas, daqueles jogos sonoros inusitados da linguagem *zaúm*, despidos de qualquer ligação com o mundo exterior.



Os “caprichos” geométricos do suprematismo (constelações de triângulos, círculos, trapézios) e os “malabarismos” transracionais da *zaúm* pareciam sonhar devolver ao fazer artístico uma pureza primitiva, uma “pureza do nada”, e vão prosperar enormemente no período da Revolução, em que a busca de novos valores humanos se orienta para uma reconstrução que reconduz aos valores primitivos originais.

De fato, grande parte dos artistas de vanguarda se apresenta como representante genuíno de uma nova era, a era do proletariado, numa combinação de extremismo na forma com uma acentuada propaganda política. Mas isso não significa que todos os artistas vanguardistas tinham necessariamente compromissos políticos. Muitos desses inovadores aderem ao regime soviético como forma entusiasmada de experimentar novas possibilidades artísticas, capazes de expressar o ritmo tempestuoso da revolução e infundir na cena artística e cultural o espírito do grande furacão de Outubro. É o caso de Maiakóvski, Meyerhold, Taírov, Khlébnikov, Krutchônikh, Rádlov, Gránóvski, para citar apenas alguns deles.

Entre os anos de 1917 e 1924, qualquer teoria nova, qualquer proposição excêntrica, qualquer tentativa, por mais audaciosa que pudesse parecer, encontrava sempre seguidores entusiasmados. Em todas as correntes havia sempre uma clara tendência à destruição da velha estética, pois a vanguarda interpreta a vitória do proletariado como a derrubada definitiva do realismo e do tradicionalismo com seu “individualismo egoísta e burguês”.

Sem dúvida, o grande liberalismo dos primeiros anos da Revolução deve-se à falta de uma linha teórica precisa. Desde o começo, o Partido considera a transformação cultural como o resultado lógico das transformações sociais e políticas. Mas havia grandes divergências de opiniões sobre esse problema, particularmente entre os artistas e intelectuais, que professavam simpatia pelo novo regime e se consideravam seus aliados e colaboradores.

A posição mais extremada foi adotada pelo grupo do Comitê Central das Organizações Culturais, o *Proletkult*, que propunha o desprezo radical do passado e a criação de uma cultura nova para o proletariado triunfante. O fato é que não sabiam exatamente o que oferecer como substituto do “velho” e, por isso, experimentavam diferentes direções.

Esse foi um dos fenômenos mais interessantes do período: o *Proletkult* apresentava um caráter claramente político e “sociológico”: lutava por uma arte de agitação e propaganda, mas, como desejava encontrar novas formas de conteúdo revolucionário, seus caminhos se cruzaram com os da vanguarda.

Todas as tendências esquerdistas em arte, nascidas e formuladas no período pré-revolucionário, receberam novo ímpeto da Revolução e tiveram um florescimento espantoso, principalmente entre 1918 e 1923, e ainda depois. Os anos da Nova Política Econômica (NEP), entre 1922 e 1928, também favoreceram a liberdade das artes, a experimentação e a excentricidade.

Somente no final da década de 1920, quando uma nova ofensiva em todos os terrenos marcou a consolidação e o endurecimento do regime, a vanguarda foi combatida e finalmente destruída com métodos policiais.

É nesse contexto de perplexidade diante de um gradativo esvaziamento dos ideais revolucionários em todos os setores da vida russa, que aquele entusiasmo retumbante dos primeiros anos e todo um rico período de experimentalismo nas artes se evaporam agora junto com as utopias das vanguardas.

Referências bibliográficas

- AMIARD-CHEVREL, C. (org.) *Théâtre et Cinéma – Années Vingt – Une quête de la modernité*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1990.
- CAVALIERE, A. *Teatro Russo – Percorso para um estudo da paródia e do grotesco*. São Paulo: Humanitas, 2009.
- MARCADE, V. *Le renouveau de l'art pictural russe - 1863-1914*. Lausanne: Éditions L'Age d'Homme, 1971.
- POMORSKA, K. *Formalismo e Futurismo*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- RIPELLINO, Ângelo M. *Maiakóvski e o teatro de vanguarda*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- RUDNITSKI, K. "Teatr futurístov" ("O teatro dos futuristas"). In: *Rúskoe rejissiórskoe iskusstvo 1908-1907* (A arte dos diretores russos 1908-1917). Moscou: Naúka, 1990.
- SCHNAIDERMAN, B. *A poética de Maiakóvski*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- TCHOUKOVSKI, K. *Les Futuristes*, Lausanne: Editions l'Age d'Homme, 1976.
- TERIÓKHINA, V. N., ZIMENKÓV, A.P. *Rúskii Futurism – teória, práktika, krítika, vospominánia* (Futurismo russo – teoria, prática, crítica, recordações). Moscou: Editora Nasliédie, 1999.
- VÁRIOS, *Sinvolizm v Avangarde* (O Simbolismo na Vanguarda). Moscou: Naúka, 2003.

Greves durante o período soviético inicial, 1922 a 1932: Da militância à passividade da classe trabalhadora?*

Kevin Murphy**

Resumo: Este artigo investiga a atividade grevista no período soviético inicial. Usando os relatórios mensais da OGPU (polícia política) para Stálin, o ensaio oferece evidências estatísticas sobre a frequência, número de participantes e resoluções da atividade grevista dos trabalhadores. Discute-se que ao invés da repressão, os trabalhadores e o Estado alcançaram um “compromisso” durante a Nova Política Econômica (NEP), que posteriormente foi enfraquecida pelas medidas draconianas contra a classe trabalhadora durante o rápido processo de industrialização. O artigo apresenta os distúrbios entre os trabalhadores durante esse período final e explica por que alguns trabalhadores revidaram diferentemente da esmagadora maioria.

Abstract: This article investigates strike activity in the early Soviet Union period. Using monthly OGPU (political police) reports to Stalin, the essay provides statistical evidence on the frequency, participants, and resolution of workers’ strike activity. It argues that rather than repression, workers and state reached a ‘compromise’ during the New Economic Policy era that was later undermined by Stalin’s draconian measures against the working class during rapid industrialization. It shows workers unrest during this later period and explains why some workers fought back while the overwhelming majority did not.

Palavras-chave: Greves, Soviete, Trabalhadores, NEP, Stálin, Primeiro Plano Quinquenal, Resistência.
Key words: Strikes, Soviet, workers, NEP, Stalin, First Five-Year Plan, resistance.

*Artigo submetido em 16 de outubro de 2017 e aprovado em 14 de novembro de 2017. Gostaria de agradecer aos participantes da Conferência de História do Trabalho de Amsterdã pelos comentários sobre este artigo, especialmente a Wendy Goldman e Diane Koenker pelas sugestões enviadas por escrito. Gostaria de agradecer ainda a Julia Gusev pela ajuda na análise dos relatórios de greve da OGPU e a Aleksei Gusev por seus comentários provocativos sobre a NEP e a classe trabalhadora soviética.

** Professor de História na Universidade de Massachusetts, em Boston. É autor de *Revolution and Counterrevolution: Class Struggle in a Moscow Metal Factory*, que recebeu o prêmio Isaac Deutscher como livro marxista do ano em 2005. Também é editor da série Jacobin Magazine Centenary sobre a Revolução Russa. E-mail: kevinmurphy999@yahoo.com

A relação entre o regime soviético e a classe trabalhadora é, há muito, o centro da controvérsia sobre a natureza do sistema soviético e a ascensão do stalinismo. A dinâmica da atividade grevista diz muito sobre essa relação. Considerado que o regime soviético se colocava como um governo em defesa do interesse do proletariado, o que levava os trabalhadores a fazer greve e como o Estado respondeu? Até pouco tempo era praticamente impossível responder de maneira definitiva mesmo às questões mais básicas sobre a atividade grevista durante o período soviético inicial. O acesso aos arquivos da antiga União Soviética e às fontes publicadas nos ajudam a resolver algumas dessas questões e indicam áreas que requerem mais pesquisas.

Este artigo mapeia os contornos gerais das primeiras atividades grevistas soviéticas. Os resumos da OGPU, publicados como *"Soverchiénno sekriétno": Lubiánka-Stalini o polojênii v stranié (1922-1934 gg.)*, apresentam um quadro notável e sem precedentes para aferir as paralisações do trabalho. Apesar de algumas lacunas nos dados, hoje temos informações suficientes para avaliar o número de greves no começo do período soviético, a dimensão da participação dos trabalhadores, a duração dos conflitos, os motivos para realização das greves, quais trabalhadores eram mais propensos a aderir à greve em diferentes períodos, e como as paralisações eram resolvidas. Examinar os eventos pelo prisma de uma fábrica estrategicamente importante, a Serp i Molot em Moscou, oferece uma perspectiva adicional de base que não necessariamente é discernível por meio da análise quantitativa realizada pelo alto¹. Neste capítulo, examinarei a atividade grevista durante quatro períodos relativamente distintos: a recuperação da militância trabalhista após a Guerra Civil, o estabelecimento de um

1 MURPHY, 2005.

“contrato social” durante a NEP, a crescente pressão sobre este contrato no final da NEP e a atividade grevista decrescente, mas muito mais carregada politicamente, durante o Primeiro Plano Quinquenal, entre 1928 e 1932.

O nível geral da atividade grevista no Império Russo e na União Soviética nos primeiros trinta anos do século XX está agora bem estabelecido. Embora alguns totais agregados ainda estejam faltando, especialmente durante o período de Guerra Civil, a tendência geral está clara. Não surpreende que os pontos altos da atividade grevista estejam diretamente relacionados aos movimentos revolucionários de 1905 e 1917. Também vale mencionar a assombrosa propensão dos trabalhadores russos para o engajamento em greves políticas (32 vezes) entre o massacre de Lena em abril de 1912 e 1917. Apesar das repetidas prisões de militantes pela Okhrana depois de cada greve – uma ordem de magnitude de mais prisões do que a resposta do Estado soviético durante a NEP – o crescente movimento da classe trabalhadora foi interrompido apenas brevemente com o início da guerra².

Informações incompletas sobre greves durante o período da Guerra Civil tornam problemática qualquer avaliação. O certo é que uma significativa onda grevista ocorreu durante o início do ano de 1921, mas ainda há controvérsia quanto ao escopo, causas, o papel dos partidos de oposição e o nível de coerência política da revolta trabalhista³. Infelizmente, dados comparativos das greves de 1921 na União Soviética ainda não foram publicados.

2 Por exemplo, sobre a repressão pela Okhrana na região de Moscou entre 1912-1916, ver Arquivo Estatal da Federação Russa, Moscou (Gossudárstvenni arkhiv rossíiskoi federátsii, GARF), fond 63, opisi 33-36.

3 Jonathan Aves, em seu estudo pré-arquivístico, *Workers Against Lenin*, p. 111, afirma que os distúrbios industriais “disseminados por um pequeno número de ativistas e rumores envolvia a maior parte das regiões industriais do país”, mas esse estudo omite dados estatísticos da primeira metade de 1921. Serguei Iarov, em seu estudo de arquivo *Gorodjanin kak politik*, p. 74, discute que o início de 1921 testemunhou “o mais poderoso protesto em Petrogrado desde os eventos de fevereiro de 1917”. O trabalho de arquivo de Simon Pirani sobre a onda grevista em Moscou, “Class Clashes”, mostra que, embora os socialistas revolucionários de esquerda, mencheviques e anarquistas tivessem desempenhado um papel importante nas paralisações, no plano político esse papel foi superestimado tanto por historiadores ocidentais quanto soviéticos.

Ano	Greve	Grevistas	Média de grevistas por greve	Dias de trabalho perdidos
1901	164	32,218	196	110,193
1902	123	36,671	298	128,200
1903	550	86,832	158	444,919
1904	68	24,904	366	185,412
1905	13,995	2,863,173	205	23,609,387
1906	6,114	1,108,406	181	5,500,562
1907	3,573	740,074	207	2,431,527
1908	892	176,101	197	864,666
1909	340	64,160	189	417,768
1910	222	36,623	165	256,385
1911	466	105,110	226	791,053
1912	2,032	725,491	357	2,378,057
1913	2,404	887,096	369	3,482,610
1914	3,534	1,337,458	378	7,755,072
1914 (Janeiro a Julho)	3,493	1,327,897	380	5,662,315
1914 (Agosto a Dezembro)	41	9,561	233	259,049
1915	928	538,528	581	1,863,392
1916	1,161	878,347	757	3,368,617
1917	4,307	2,203,846	512	n/a
1918	n/a	n/a	n/a	n/a
1919	n/a	n/a	n/a	n/a
1920	146	135,442	928	n/a
1921	170	86,269	507	n/a
1922	538	197,022	366	n/a
1923	434	168,864	380	n/a
1924	300	n/a	n/a	n/a
1925	434	73,243	169	91,517
1926	843	106,044	126	143,730
1927	905	80,784	89	n/a
1928	842	93,835	111	134,875
1929	735	65,443	89	95,424

Tabela 1 – Atividade grevista no Império Russo e na União Soviética, 1901-1929

Dez meses (de janeiro a outubro).

Seis meses (julho a dezembro).

Fontes: ver as seguintes fontes para 1901-1916: Haimson; Brian, 1992, p. 444-445; dados para 1917 (janeiro a outubro): Koenker; Rosenberg, 1989, p. 69-70; dados para 1920-1922: AVES, 1996, p. 69, 183, 184; dados para 1923: Andreev, 2002, p. 47; dados para 1924-1926, 1928-1929: *Soverchiénno sekriétno*, vol. III: p. 112, vol. IV: p. 1026-1028, vol. VI: p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603, 670, vol. VII: p. 85, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564, 603; dados para 1927: Arquivo Estatal Russo de História Sociopolítica, Moscou (Rossiiskii gosudarstvenni arkhiv sotsialno-politícheskoi istorii, RGASPI), f. 17, op. 85, diélo 311, list 7.

Sabemos pela série *Soverchiénno sekriétno* que até 1922 a atividade grevista era muito menos politicamente carregada, sendo que quase todas as greves derivavam de questões econômicas. São discerníveis muitos outros atributos das ações grevistas do início da NEP. Em primeiro lugar, o número relativamente alto de participantes em cada paralisação (366 em 1922, e 380 em 1923) contrasta com as ações tardias da NEP e mostra que muitas greves se movimentavam para além dos limites de uma única fábrica. Em segundo lugar, ainda que a questão salarial fossem sempre a principal razão para o engajamento dos trabalhadores soviéticos em ações coletivas, metade das greves em 1923 e 40% delas em 1924 ocorreram especificamente em decorrência do atraso no pagamento dos salários. Dado o rápido crescimento da inflação antes da estabilização da moeda em 1924 (os trabalhadores da Serp i Molot recebiam milhões de rublos), a prioridade dada pelos trabalhadores à questão do atraso nos pagamentos é bastante compreensível⁴. Em terceiro lugar, ainda que a militância tradicional dos metalúrgicos persistisse no início da NEP, a diferenciação industrial das paralisações era relativamente homogênea. Os metalúrgicos organizaram 80 das 300 greves de 1924; os trabalhadores têxteis, 44; os mineradores, 36; os trabalhadores da indústria química e portuários, 21 cada⁵. Em quarto lugar, um número desproporcional de greves no início da NEP ocorreu em Moscou. Relatórios do soviete de Moscou em 1923 indicam uma atividade grevista praticamente ininterrupta na capital com paralisações se espalhando de fábrica em fábrica⁶. Nos últimos cinco meses de 1923, 51 das 217 greves reportadas (23,5%) ocorreram na capital. Relatórios mensais detalhados a Stálin sobre as queixas dos trabalhadores da indústria sugerem que os líderes soviéticos tinham bastante consciência das implicações políticas, especialmente depois

4 Anuncio da fábrica, 1 de abril de 1922, Arquivo Central da Cidade de Moscou (Tsentrál'ni munitsipál'ni arkhiv Moskvi, TsMAM), f. 176, op. 2, d. 102, l. 635. *Soverchiénno sekriétno*, v. III, p. 112.

5 *Soverchiénno sekriétno*, v. III, p. 112.

6 Relatórios ao soviete de Moscou, 1923, Arquivo Central da Região de Moscou (Tsentrál'ni gossudárstvenni arkhiv moskovskoi oblasti, TsGAMO), f. 19, op. 1, d. 62.

Greves durante o período soviético inicial, 1922 a 1932

Ano	Salário	Atraso no pagamento	Condições de trabalho	Outras causas
1923	101	156	N/A	55
(dados de 312 de 434 greves (71.9%))	32.4%	50.0%		17.6%
1924	151	120	9	20
(dados de 300 de 300 greves (100%))	50.3%	40.0%	3.0%	6.7%
1925	80	20	17	17
(dados de 134 de 434 greves (30.9%))	59.7%	14.9%	12.7%	12.7%
1926	508	173	48	106
(dados de 835 de 843 greves (99.1%))	60.8%	20.7%	5.7%	12.7%
1927	478	75	57	127
(dados de 737 de 905 greves (81.4%))	64.9%	10.2%	7.7%	17.2%
1928	589	59	72	122
(dados de 842 de 842 greves (100%))	70.0%	7.0%	8.6%	14.5%
1929	500	38	80	117
(dados de 735 de 735 greves (100%))	68.0%	5.2%	10.9%	15.9%
1923-1929	2407	641	283	564
(dados de 3,895 de 4,493 greves (86.7%))	61.8%	16.5%	7.3%	14.5%

Tabela 2 – Causas das greves na União Soviética, 1923-1929

Fontes: “*Soverchiénno sekriétno*”, vol. I: p. 864, 890, 929, 950, 983, vol. III: p. 112, 705, vol. IV: p. 88, 168, 227, 307, 371, 441, 525, 621, 704, 802, 905, 1022, vol. V: p. 232, 307, 355, 413, 483, 556, 584, vol. VI: p. 99, 160, 206, 256, 315, 415, 455, 503, 544, 576, 603, 670, vol. VII: p. 85, 139, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564, 602.

que os distúrbios industriais levaram à formação da oposição trotskista⁷.

As greves na fábrica Serp i Molot oferecem uma visão desse novo distúrbio no início da NEP na capital soviética. A atividade grevista em 1922 foi modesta, com duas greves em lojas específicas, mas em 1923 os trabalhadores se tornaram melhor organizados e mais exigentes. Uma greve sem precedentes por uma jornada de seis horas em fevereiro de 1923 ilustra a militância trabalhista no início da NEP. Depois que a direção e representantes dos sindicatos rejeitaram a petição pela jornada de seis horas, trabalhadores articularam uma reunião e votaram a greve. Sob ameaça da direção de utilizar substitutos, os trabalhadores concordaram unanimemente em voltar, embora insistissem que a loja deveria ser retomada sem prejuízo aos líderes grevistas⁸. Muitos trabalhadores em 1923 não se esqueceram da força e tática da ação coletiva aprendidas durante os anos pré-revolucionários, e o alto nível de organização contrastava com o declínio durante a NEP⁹. Dois meses depois, três lojas pararam contra o aumento das normas de produção e em solidariedade a muitas outras fábricas do distrito. Em um encontro de delegados eleitos, muitos defenderam a busca por uma união de apoio formal para a paralisação e, assim como em muitas greves do início da NEP, essa terminaria em um acordo com o aumento das normas de produção, ainda que não no nível desejado pela direção¹⁰. Outra onda de greves na primavera de 1924 teve início numa fábrica de pregos predominantemente feminina, na qual as trabalhadoras exigiam aumento salarial e redução das normas de produção, e novamente foi organizada uma reunião. “As grevistas não permitiram que ninguém da administração, do comitê de fábrica, da célula ou mesmo trabalhadores de outras fábricas

7 Soverchiénno sekriétno, vol. I, p. 929, 949, 957, 981. Sobre a formação da oposição trotskista, ver Carr, *The Interregnum*, p. 257-370, e Deutscher, *The Prophet Unarmed*, p. 75-163.

8 Formulário do diretor da fábrica para Machinotrest, 26 de fevereiro, 1923, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 175, l. 1.

9 Relatório ao soviete de Moscou, fevereiro de 1923, TsGAMO, f. 19, op. 1, d. 62, ll. 46, 56, 58.

10 Reunião de articulação, 1 de março de 1923, TsMAM, f. 176, op. 1, d. 137, ll. 7, 9-16, 24.

participassem da reunião.” A paralisação se espalhou para fábricas de puxadores de fio, e um relatório ao soviete de Moscou observou que as “paralisações em uma fábrica e depois em outra parecem ser crônicas”¹¹.

Como as greves eram resolvidas no início da NEP? Os relatos da OGPU entre 1922 e 1928 mencionam apenas seis incidentes nos quais as autoridades prenderam trabalhadores grevistas, e apenas cinco outras greves em que usaram ou ameaçaram usar a força.¹² Ainda que certamente estejam faltando alguns relatórios sobre autoridades do governo pedindo a prisão de grevistas¹³, seria pouco provável que os agentes da OGPU omitissem deliberadamente tais informações dos membros do comitê central, ainda que novos trabalhos de arquivo sobre o tema sejam necessários¹⁴. Os eventos na fábrica Serp i Molot e dados mais detalhados do final da NEP mostram que foram os acordos e apaziguamentos com a direção, e não a repressão, que dominaram a resolução das greves. Um relatório de agosto de 1923 sobre a resolução de 47 greves menciona um dos seis incidentes da NEP em que grevistas foram presos (em Teikovo), mas dezessete greves foram resolvidas com a satisfação das exigências dos trabalhadores, dez por esclarecimento e três com o retorno às antigas condições de trabalho; os motivos das demais não são claros¹⁵.

A mais notável característica da atividade grevista durante a NEP é a acentuada queda do número de participantes das greves, de 197.022, em 1922, para 73.243, em 1925. Esse decréscimo é ainda mais significativo se considerarmos que a classe trabalhadora soviética cresceu constantemente durante a

11 Relatório ao soviete de Moscou, abril de 1924, TsGAMO, f. 66, op. 22, d. 87, l. 45.

12 Soverchiénno sekriétno, vol. I, p. 247, 771, 890, 933, 957-958; vol. IV, p. 129, 563-564, 841, 843; vol. V, p. 557.

13 Por exemplo, os relatórios da OGPU não mencionam a deportação de 92 ativistas em Leningrado em julho de 1923, ou a prisão do comitê de greve dos trabalhadores portuários de Leningrado em agosto de 1924. (TCHERNIAEV, 2000, p. 315, 328).

14 Aleksei Gusev discute que o autor deste artigo superestima a medida em que a repressão do Estado contribuiu para dissolver a atividade grevista na União Soviética de 1921 a 1934.

15 Soverchiénno sekriétno, vol. 1, p. 890.

NEP, de 1,30 milhão, em 1921, para 2,79 milhões (aproximadamente o nível do pré-guerra), em 1926, e 3,77 milhões em 1928. A propensão para greve dos trabalhadores soviéticos caiu consideravelmente (cf. Tabela 3).

Ano	Número de trabalhadores empregados em grandes indústrias	Média de participantes de greves por mês	Percentual de trabalhadores participantes de greves por mês
1913	2.44 milhões	73,925	3.03%
1917 (dados para dez meses, jan. a out.)	2.89 milhões	220,385	7.63%
1921 (dados para seis meses, jul. a dez.)	1.30 milhão	14,378	1.11%
1926	2.79 milhões	8,837	0.32%
1928	3.96 milhões	7,820	0.20%

Tabela 3 – Propensão de adesão à greve para trabalhadores russos e soviéticos

Fontes: dados sobre o número de trabalhadores de grandes indústrias são de DAVIES, 1994, p. 278, 282, 319. Esses dados de emprego não incluem trabalhadores do setor de transportes, comunicação, madeira ou indústrias de construção, embora algumas greves tenham ocorrido nessas

O que explica esse declínio na propensão dos trabalhadores a se engajarem em atividades grevistas? Alguns historiadores continuam a afirmar que a repressão do Estado sobre as classes trabalhadoras soviéticas fez cair o número de greves, mas há poucas evidências que sustentam isso¹⁶. E. H. Carr e R.

16 Vladimir Brovkin em *Russia After Lenin*, p. 173-189, afirma que ao longo da NEP os bolcheviques “mantiveram uma política anti-trabalhadores”, mas sua impressionante pesquisa de arquivo revela apenas duas instâncias em que as autoridades prenderam trabalhadores. Do mesmo modo, Diane Koenker, em *Labor Relations in Socialist Russia*, p. 192, afirma que, ainda que os trabalhadores “pudessem se engajar em ‘paralisações’, em 1921, as ‘greves’ eram consideradas atos políticos graves e punidos com rigor”, e afirma que o socialismo que emergiu da Guerra Civil “se apoiava no poder das agências de Estado – a Tcheká e o campo de concentração – para garantir a adesão aos objetivos e políticas definidos pelo centro”. Andrew Pospelovsky, em *“Strikes”*, observa que depois de 1922, os relatos de prisões de trabalhadores eram raros mas sugere que é “provável que os líderes da organização do chão de fábrica tenham sido presos em batidas gerais de elementos ‘antissoviéticos’, socialistas revolucionários, mencheviques, e ‘membros’ de outros partidos políticos”. Da mesma forma, R. W. Davis e J. D. Barber, em *“Employment e Industrial Labour”*, p. 94, afirmam que em meados dos anos 1920, “os trabalhadores tinham efetivamente perdido o arduamente adquirido direito à greve; as penalidades contra as greves eram quase mais

indústrias. Ver as seguintes fontes para dados de greve de 1913: Haimson; Brian, 1992, p. 444-445; dados para 1917: Koenker; Rosenberg, 1989, p. 69-70; dados para 1921: AVES, 1996, p. 183; dados para 1926 and 1928: Soverchiénno sekriétno, vol. IV: p. 1027, vol. VI: p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603, 670, vol. VII: p. 85

W. Davies apresentam um argumento institucional mais convincente, enfatizando o uso de acordos coletivos e corpos de arbítrio para evitar greves. As Comissões de Taxas e Conflitos (RKK) trataram de mais de oito mil disputas envolvendo mais de sete milhões de trabalhadores nos três últimos anos fiscais da NEP, com questões não resolvidas enviadas para arbítrio. Mas Carr e Davies também reconhecem a retirada de longo prazo dos sindicatos nesse ajuste industrial. A partir de 1925, “o destino do trabalhador repousava em um compromisso instável” entre o Vesenkha [Conselho Supremo da Economia Nacional] e os administradores vermelhos por um lado, ávidos para aumentar a eficiência da indústria e cortar custos, e os sindicatos, ainda preocupados com “os interesses materiais imediatos e o bem-estar dos trabalhadores”¹⁷.

A limitada ação grevista dos trabalhadores do Serp i Molot está de acordo com essa noção de “compromisso instável” durante a NEP. Nenhuma greve foi reportada na fábrica antes dos distúrbios do início de 1924 e apenas uma durante todo ano de 1925. Considerando-se tanto a persistência das dificuldades econômicas quanto a ausência de evidências de repressão por parte do governo, esse intervalo notável no ativismo trabalhista pode ser explicado pelo sucesso do governo em cooptar as dificuldades dos trabalhadores por meio de canais sindicais oficiais. Acordos coletivos anuais entre o sindicato dos metalúrgicos e a administração decidiam sobre taxas salariais, mas outras disputas entre o comitê de fábrica e a administração eram resolvidas pela RKK. Um representante da RKK explicou que repetidos conflitos com o comitê de fábrica não poderiam ser revolvidos, de modo que “era necessário criar uma comissão autorizada composta por representantes dos trabalhadores e da administração com base em paridade”¹⁸. Sessões semanais discutiam comunicados coletivos ou

severas do que antes da revolução”.

17 CARR; DAVIES, 1969, I, p. 600-601. Os dados de 1925 a 1926 são 2.426 disputas envolvendo 3,2 milhões de trabalhadores; de 1926 a 1927: 3.155 disputas envolvendo 2,46 milhões de trabalhadores; 1927 a 1928: 2.661 disputas envolvendo 1,87 milhões de trabalhadores.

18 Memórias de Dmitriev, GARF, f. 7952, op. 3, d. 255, ll. 51-52.

individuais dos trabalhadores, incluindo solicitações de roupas para o trabalho, pagamento, reclamações sobre transferências injustas, apelos sobre categorias de salário e mesmo solicitações para reduzir a jornada de trabalho. Durante dezoito meses entre 1924 e 1925, a RKK tratou de casos que envolveram o surpreendente número de 13.068 trabalhadores. A comissão esteve ao lado de 8.529 trabalhadores (65%) e contra 3.918 (29,86%), sendo que os demais casos, que envolveram 675 trabalhadores (5,14%) ou não foram resolvidos ou foram mandados para uma instância superior. A influência da base sobre a RKK é ilustrada por dois relatórios de comitês de fábrica de 1925. O primeiro resumo do trabalho da RKK emitido em maio detalhou 220 conflitos durante o primeiro semestre, envolvendo 5.066 trabalhadores. A RKK esteve do lado dos trabalhadores em 46% dos casos e contra eles em 51%. Uma revisão do relatório incluiu ainda outros 66 conflitos, todos decididos em favor dos trabalhadores. O novo total mostrou que uma ligeira maioria (50,06%) dos 5.463 trabalhadores afetados tiveram resoluções favoráveis¹⁹. Como mostraram Andreev Bordkin e Kirianov, outros corpos de deliberação e conciliação em Moscou trataram de inúmeros conflitos que envolveram mais de duzentos mil trabalhadores tanto em 1923 quanto em 1924.²⁰

Os trabalhadores têxteis, relativamente menos bem pagos, foram a exceção nesse contrato social durante a NEP. Eles entraram em greve 92 vezes em 1925 (ver Tabela 5 neste artigo) e seus 33.167 participantes representaram o surpreendente percentual de 45,3% de todos os grevistas do ano. O estudo de Chris Ward sobre os trabalhadores de algodão durante a NEP explica que a onda de greves foi uma resposta da militância para os esforços do governo de intensificar o processo de trabalho. Os trabalhadores têxteis mostraram um elevado nível de organização, elegendo comitês de greve, muitos dos quais surgidos nos comitês de fábrica que tinham sido tomados por

19 Ver as seguintes fontes sobre as reuniões da RKK, 1924: TsGAMO, f. 186, op. 1, d. 950, ll. 63-99; para relatórios dos comitês de fábrica, 1924, 1925: TsMAM, f. 186, op. 2, d. 216, ll. 5-6; d. 220, ll. 15-16; para relatórios dos comitês de fábrica, 1925: TsMAM, f. 186, op. 2, d. 254, ll. 45-47.

20 ANDREEV, 2002, p. 52.

militantes²¹. Não é coincidência que onde os empregados eram mais críticos de seus sindicatos, entre os operadores têxteis de Ivanovo, os trabalhadores optaram por construir redes independentes, continuaram a fazer greve em 1925 e 1926²² e mantiveram essa tradição de militância durante o Primeiro Plano Quinquenal.

Acordos coletivos, RKKs e outros corpos de deliberação forneceram um grau de estabilidade social durante a NEP, mas esse compromisso entre trabalhadores e Estado era inerentemente instável. Carr e Davies sugerem que o “compromisso instável” entre o Estado soviético e a classe trabalhadora esteve sob enorme pressão durante as incessantes campanhas de corte de gastos do governo durante a NEP. Na medida em que “o impulso de industrialização se intensificou, os sindicatos lutaram uma batalha perdida; as necessidades da indústria eram primordiais”, de modo que os líderes sindicais “se contentaram em fazer uma retirada ordeira”, salvando o que fosse possível no caminho²³. Com menos contratos sindicais favoráveis, alguns trabalhadores organizaram uma ação grevista. O que é notável é como essas paralisações foram resolvidas (ver Tabela 4).

Supondo que os relatos de greve da OGPU para Stálin não eram filtrados (ou seja, dados desfavoráveis não eram omitidos), a amostra de 31,7% é estatisticamente suficiente para tirar conclusões sobre como as greves foram resolvidas nesse período. Significativamente, a repressão no sentido amplo (prisões, uso ou ameaça de uso de violência contra trabalhadores) foi muito menos frequente (9,4%) do que os historiadores presumiram. Na maioria dos casos (61,2%) chegou-se a algum compromisso com os trabalhadores, com um incrível índice de 45% das greves resolvidas com a concordância da direção em relação às algumas ou todas as exigências dos trabalhadores.

21 WARD, 2002, p. 176-180.

22 Soverchiénno sekriétno, vol. III, p. 253, 285-288, 311-313, 456-458, 520, 531, 605, 607, 652, 655, 668-671, 708, 711, 729-731; vol. IV, p. 52-54, 63, 261, 310-311, 402-404, 499, 558, 570, 734-735, 747, 836, 943.

23 CARR; DAVIES, 1969, I, p. 544, 600-601.

Em 1926, os trabalhadores temporários (*otkhódniki*) emergiram como o setor mais militante da classe trabalhadora soviética. Menos acostumados às regras da negociação industrial, a seção menos estudada da classe trabalhadora soviética era também a mais propensa a entrar em greve. Em 1928, os trabalhadores temporários organizaram mais de metade das greves e compuseram mais de metade do contingente grevista.

A esmagadora maioria dos trabalhadores soviéticos, contudo, continuou a levantar queixas dentro dos limites dos canais formais sindicais, ainda que em condições menos favoráveis. Evidências da fábrica Serp i Molot ilustram o retrocesso dos sindicatos durante a NEP e o fortalecimento da posição da administração. A direção começou a usar o alto nível de desemprego como arma disciplinar contra os trabalhadores. Em abril de 1925, um porta-voz do comitê do partido de Moscou defendeu um corte salarial, afirmando em tom de ameaça que o desemprego em Moscou havia dobrado e chegado a 96 mil trabalhadores nos cinco meses precedentes, sendo sete mil metalúrgicos desempregados. A crise econômica durante o final da NEP fortaleceu a posição do Estado contra a classe trabalhadora, mas ainda em abril de 1925 havia uma dissidência declarada muito viva dentro do partido, uma vez que pelo menos quatro porta-vozes condenaram a proposta de redução salarial. Ainda que o salário real dos trabalhadores tivesse aumentado e chegado a 94% dos níveis do pré-guerra no começo de 1925, os aumentos salariais de 10,6 e 6,2% nos últimos três anos da NEP foram, na realidade, pequenas reduções, considerando que mesmo o jornal da fábrica reconheceu que a inflação de 1926 foi de 16%²⁴.

Os trabalhadores não culpavam automaticamente a política de Estado pelo declínio de suas posições econômicas. As muitas divisões sobrepostas dentro da força de trabalho (baseadas na fábrica, habilidade, idade, gênero, origem urbana ou camponesa etc.) foram exacerbadas durante a crise no final da NEP. Por exemplo, a promoção de poucas mulheres incitava ressentimento entre alguns trabalhadores homens. Um

24 Martenovka, 7 de novembro de 1925, 7 novembro de 1926, 12 de fevereiro de 1928, 26 de outubro de 1928.

Ano	Prisão de trabalhadores pelas autoridades	Uso de violência (ou ameaça) contra os trabalhadores	Intervenção do sindicato ou arbítrio	Concordância da direção em reexaminar a questão	Satisfação parcial ou total das exigências dos trabalhadore pela direção	Recusa da direção em atender às exigências dos trabalhadores	Trabalhadores optam por deixar a fábrica	Direção convence os trabalhadores a voltar ao trabalho
1925 (dados de 186 das 434 greves - 42.9%)	0 0%	27 14.5%	24 12.9%	6 3.2%	88 47.3%	19 10.2%	8 4.3%	14 7.5%
1926 (dados de 292 das 843 greves - 34.6%)	4 4%	24 8.2%	42 14.4%	21 7.2%	130 44.5%	40 13.7%	10 3.4%	21 7.2%
1927 (dados de 213 das 905 greves - 23.5%)	1 1%	9 4.2%	22 5.2%	8 3.8%	93 43.7%	61 28.6%	6 2.%	24 11.3%
1925-1927 (dados de 691 das 2182 greves - 31.7%)	5 0.7%	60 8.7%	77 11.1%	35 5.1%	311 45.0%	120 17.4%	24 3.5%	59 8.5%

Tabela 4 – Resolução das greves na União Soviética, 1925-1927

Fontes: Soverchiénno sekriétno, vol. III: p. 36-38, 49-56, 120-121, 137-140, 177-181, 194-198, 226-232, 249-255, 285-294, 310-322, 54, vol. v: pp. 22-27, 50-60, 126-135, 159-174, 234-243, 263-273, 309-315, 335-340, 357-363, 380-391, 415-421, 444-450, 485-492, 511-518, 557-564, 585-586, 592-593, 611-612, 637-638, 646-647, 655-667.

Ano	Metalúrgicos: greves e partici- pantes	Trabalhadores têxteis: greves e participantes	Trabalhadores temporários: greves e partici- pantes	Outras indústrias: greves e partici- pantes	Total
1924 (dados de todas as 300 greves - 100%)	80 (26.7%)	44 (14.7%)	n/a	176 (58.7%)	300 greves
1925 (dados de todas as 434 greves - 100%)	113 (26.0%)	92 (21.2%)	53 (12.2%)	176 (40.6%)	434 greves
	10,373 (14.7%)	33,167 (45.3%)	10,269 (14%)	19,070 (26%)	73,243 particip.
1926 (dados de todas as 843 greves - 100%)	175 (20.8%)	114 (13.6%)	305 (36.2%)	249 (29.4%)	843 greves
	20,412 (19.2%)	11,728 (11.1%)	45,483 (42.9%)	28,421 (26.8%)	106,044 particip.
1927 (9meses) (dados de 737 das 905 greves - 81.4% - e 63,781 dos 80,784 partici- pantes - 79%)	110 (14.9%)	123 (16.7%)	290 (39.3%)	214 (29%)	905 greves
	13.090 (20.5%)	10,926n(17.1%)	26,851 (42.1%)	12,914 (20.2%)	80,787 particip.
1928 (dados de todas as 842 greves - 100%)	116 (13.8%)	122 (14.5%)	457 (54.3%)	147 (17.5%)	842 greves
	11,091 (11.8%)	20,294 (21.6%)	50,152 (53.4%)	12,370 (13.2%)	93,907 particip.
1929 (dados de todas as 735 greves - 100%)	64 (8.7%)	65 (8.8%)	514 (69.9%)	92 (12.5%)	735 greves
	4,663 (7.1%)	5,134 (7.8%)	49,080 (75%)	6,566 (10%)	65,443 particip.

Tabela 5 – Greves por indústria na União Soviética, 1924-1929

Fontes: *Soverchiénno sekriétno*, vol. III: p. 112; vol. IV, p. 1023, 1024, 1026, 1027, 1029, 1030, 1032, 1033, 1035, 1036, vol. V: p. 232, 307, 355, 413, 483, 556, 584, vol. vi: p. 99; vol. VII: p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603, 670, vol. VIII: p. 85, 139, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564, 602.

trabalhador de uma indústria de laminação reclamou do fato de mulheres terem sido designadas para operar máquinas e propôs que “se tomassem medidas para que elas fossem removidas”. Uma porta-voz mulher notou que “maquinistas mais velhos não apoiavam as mulheres; trabalhadores técnicos não têm pena de nós”²⁵. Da mesma forma que os homens culpavam as mulheres pela piora em suas posições, elas expressavam semelhante hostilidade contra os trabalhadores do campo. Durante uma discussão sobre desemprego de mulheres em maio de 1928, a representante sindical atribuiu o aumento do desemprego entre as mulheres ao massivo influxo de mão de obra do campo. As 146 mulheres presentes na reunião atribuíram o crescimento do desemprego ao “influxo da população camponesa”, e passaram uma resolução para “interromper o registro dos desempregados vindos das vilas, exceto para trabalhadores temporários”²⁶. O final da NEP também viu um aumento significativo do antissemitismo na classe trabalhadora. Em 1926, o comitê central do Komsomol aprovou uma resolução para combater “o recente fortalecimento do antissemitismo entre os jovens” e admitiu que “um espírito antissemita penetrou os quadros [do Komsomol] de forma pronunciada”. No verão de 1926, o resumo das informações do comitê de Moscou incluiu uma seção regular sobre o antissemitismo que expressava preocupação de que “recentemente tem sido possível observar o crescimento de um espírito antissemita que encontrou reverberação entre diferentes grupos de comunistas”²⁷.

A divisão mais aparente entre os trabalhadores soviéticos, contudo, era entre as fábricas. Embora a maioria dos trabalhadores soviéticos permitissem que os sindicatos decidissem sobre disputas com a administração nos últimos três anos da

25 Reunião da fábrica de laminação, 2 de outubro de 1928, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 795, ll. 22, 29-31.

26 Reunião das mulheres, 13 de maio de 1928, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 180, ll. 51-52.

27 Discussão e resolução do comitê central do Komsomol, 28 de outubro de 1926, Centro de Documentação sobre Organizações de Jovens, Moscou (Tsentr khраниéniiia dokumentát-sii molodiójnikh organizatsii, TsKhDMO), f. 1, op. 23, d. 564, ll. 2-4, 35; Resumos de informações do comitê de Moscou, de maio até o início de outubro de 1926, RGASPI, f. 17, op. 85, d. 66, l. 62; d. 67, ll. 27, 36-37, 60, 88.

NEP, aproximadamente 280 mil trabalhadores optaram por evitar os sindicatos e organizar greves. Não obstante, o nível de solidariedade entre as fábricas e dentro delas havia diminuído consideravelmente. Enquanto no começo da NEP o número médio de grevistas por paralisação era de quase quatrocentos por greve, em 1927, as paralisações contavam em média com 89 trabalhadores. Quase todas as greves eram limitadas a uma fábrica e duravam apenas um dia ou menos.

Três greves no Serp i Molot ilustram a dinâmica das paralisações em uma única fábrica no final da NEP. Em 15 de novembro de 1926, setenta fundidores e cortadores de uma fábrica de fundição organizaram uma greve “italiana” (*italianka*) de duas horas e meia depois que a administração decidiu que eles teriam que pagar por peças com defeito (*brak*). Os trabalhadores, alegando que a administração não tinha direito de penalizá-los segundo o acordo coletivo, pararam o trabalho às 7h30 da manhã. Os comunistas da fábrica “participaram pouco da paralisação e adotaram uma postura passiva, a não ser pelo secretário da célula, o representante do sindicato e um trabalhador do partido”. A RKK resolveu a paralisação se colocando ao lado dos trabalhadores e ordenando que a administração “retornasse temporariamente o sistema de pagamento anterior”²⁸.

Uma greve em janeiro de 1927 se desenrolou ostensivamente devido à falta de calefação na fábrica, mas na realidade se centrava na distribuição salarial. Os trabalhadores insistiam na compensação pelo trabalho feito durante o feriado, mas a administração afirmava não ter dinheiro e que o pagamento seria feito no dia 15 do mês. Na manhã do dia 14, cerca de 35 trabalhadores (incluindo membros do partido) alegaram não poder trabalhar devido à calefação inadequada. O opositor Jirov e outro trabalhador foram para o escritório da fábrica para explicar a situação. O presidente e outro membro do comitê da fábrica entraram e perguntaram aos trabalhadores

28 Resumo do comitê de Moscou, 20 de novembro de 1926, Arquivo central para documentação de movimentos sociais de Moscou (Tsentrālī arkhiv obščestvennikh dvijēni Moskvi, TsAODM), f. 429, op. 1, d. 62, ll. 13-15; resumo do comitê de Moscou, 10-12 de novembro de 1926, TsAODM, f. 429, op. 7, d. 53, l. 149; d. 56, l. 74, Soverchiēno sekriēno, vol. IV, p. 832.

que não eram do partido se era possível trabalhar. Os trabalhadores ociosos apontaram para um grupo que incluía membros do partido e disseram: “assim como eles”, querendo dizer que a ação havia sido sancionada e eles estavam apenas seguindo a ordem dos membros do partido. Os sindicalistas sugeriram a transferência de trabalhadores, conforme indicação do acordo coletivo, mas eles recusaram e retornaram ao trabalho às 14h30. Os líderes do partido notaram que “infelizmente, os líderes dessa paralisação parecem ser os membros do partido Jirov e Koptev” e emitiram uma nota de advertência, mas nenhum membro que participou da ação foi expulso²⁹. Na reunião posterior da célula, muitos membros desafiaram seus líderes. Um deles protestou contra a ideia de os membros do partido agirem como fura-greves. “Era impossível trabalhar. Se os operários não trabalhassem e os membros do partido sim, não funcionaria”, ele afirmou. Além disso, o mesmo membro defendeu que “camaradas não deveriam ser acusados individualmente. A decisão do escritório da fábrica foi equivocada”. Outro membro afirmou que houve “muitas paralisações” na fábrica, indicando que greves curtas em função de questões específicas não eram reportadas aos líderes das fábricas, ainda menos para o comitê do Partido Comunista de Moscou. Apesar disso, canais sindicais oficiais – e não a repressão do governo – finalizavam as disputas. Significativamente, um opositor, a quem o Estado rotularia de “contrarrevolucionário” poucos meses depois, liderou a segunda greve e não foi expulso ou tampouco preso³⁰.

Em ambas as greves da Serp i Molot no inverno de 1926-1927, os trabalhadores compreenderam os detalhes do acordo coletivo. Na primeira greve, eles compreenderam que a administração havia ido além dos limites do contrato e acreditaram, que, se houvesse justificativa, a poderosa RKK ficaria do lado deles. A segunda greve foi mal concebida em termos da carta do acordo coletivo. Em ambas as greves, os membros do partido apoiaram as ações ativas ou passivamente e a participação

29 Relatório da fábrica, setembro de 1927, TsAODM, f. 429, op. 1, d. 62, ll. 40-41.

30 Reunião do escritório do partido da fábrica, 9 de fevereiro de 1927, TsAODM, f. 429, op. 1, d. 57, ll. 117-118.

do partido deu legitimidade às paralisações. Em ambas as greves, os representantes sindicais compreenderam que sua tarefa era resolver a questão o mais rapidamente possível, mas eles não eram meros joguetes da administração: todos os envolvidos reconheciam a importância do acordo coletivo. O escrutínio da investigação oficial da greve revela a seriedade com a qual o partido via a ação grevista. Os membros do partido, contudo, ficaram no contraditório papel de tentar ser membros leais do partido e líderes do chão de fábrica num período em que a política de Estado estava se movendo mais decisivamente contra o interesse do trabalho.

Uma greve no início de 1928 numa fábrica de parafusos abalou a organização do partido. O secretário da célula lembrou os membros de que, em caso de conflito, era necessário apelar para os canais adequados. Um membro desafiou essa noção, acusando o “comitê de fábrica pela greve, pois eles não deram a devida atenção às petições feitas pelos trabalhadores nos últimos cinco meses”. Um relatório detalhado da paralisação e do humor dos trabalhadores mostra que sessenta operadores de prensa pararam o trabalho por uma hora e meia devido à insatisfação com as taxas das peças. Depois que o assistente do diretor explicou que as taxas seriam prioridade no próximo acordo coletivo, os operadores retornaram ao trabalho. O partido organizou uma comissão para investigar a greve e convocou uma reunião em 18 de fevereiro. Três dias antes da reunião, a administração decidiu demitir um dos líderes grevistas, Stepanov, sob a alegação de que ele havia recusado a transferência para outra prensa. Um membro da comissão sugeriu adiar a demissão de Stepanov, “pois os trabalhadores poderiam interpretar como represália contra um dos líderes do conflito”. A administração recusou e Stepanov recebeu seu último pagamento no dia da reunião. Sessenta pessoas, mas apenas dez dos oitenta comunistas, compareceram à reunião extraordinária. A sessão orquestrada por fiéis do Estado conseguiu manter o controle da forte hostilidade. Embora os trabalhadores tenham tentado resistir à demissão de um dos líderes grevistas, eles simplesmente não tinham confiança para tomar a reunião e resistir à vitimização como faziam no começo da NEP:

Os trabalhadores que tomaram a palavra culpavam o comitê de fábrica e a administração pela paralisação. Um candidato a membro do partido justificou a paralisação e ameaçou repetir a greve se muitas das deficiências da fábrica não fossem eliminadas (ventilação etc.). Os trabalhadores ouviram os discursos do diretor e do secretário de célula com desaprovação. Eu escrevi o esboço da resolução com três pontos principais: 1) admitir o caminho incoerente escolhido pelos trabalhadores para resolver o conflito; 2) uma investigação detalhada do comportamento dos membros da RKK em relação às queixas dos trabalhadores; 3) um reexame da taxa de peças.

Essa resolução não recebeu um único voto a favor. Muitos trabalhadores tomaram a palavra e disseram que a resolução julgava de forma injusta o comportamento dos trabalhadores. Muitos deles enfatizaram que a demissão de Stepanov tinha sido a resposta da organização da fábrica para as justas exigências dos trabalhadores. O secretário da célula e o representante sindical que presidiram a reunião não foram capazes de alterar o espírito do grupo com seus discursos, e até pioraram a situação. Alguns trabalhadores tentaram colocar em votação a questão da demissão de Stepanov, mas conseguimos impedir [...]³¹.

Com poucas exceções, especialmente entre os trabalhadores temporários e têxteis, os trabalhadores soviéticos foram incapazes de construir organizações trabalhistas independentes para resistir à ofensiva do Estado. Os trabalhadores da Serp i Molot que não eram do partido se voltavam aos dissidentes do partido e dos sindicatos em busca de líderes a fim de mudar o sistema da fábrica por dentro. A esperança por reformas explica a incapacidade dos trabalhadores de construir novas redes independentes para desafiar a crescente política anti-trabalhista do Estado. Considerando que as instituições antes respondiam de maneira simpática às suas preocupações, a expectativa de que os trabalhadores seriam capazes de pressioná-las para fazer o mesmo novamente era bastante lógica.

31 Reunião da fábrica de parafusos, 15 de fevereiro de 1928, TsAODM, f. 429, op. 1, d. 84, l. 101; relatório secreto do partido escrito por R. Novin, 18 de fevereiro de 1928, *ibid.*, ll. 135-138.

Se deixarmos de lado a situação paradoxal do Estado agindo ao mesmo tempo como empregador e defensor da classe trabalhadora e a questão teórica mais ampla da natureza do sistema soviético, o declínio do movimento trabalhista soviético tinha muitas características em comum com o recuo dos movimentos trabalhistas em geral³². Em primeiro lugar, os empregadores usavam o aumento do desemprego como arma para desvirtuar as concessões dos sindicatos e intimidar trabalhadores. Em segundo lugar, os sindicatos retrocederam em muitas questões, fazendo concessões à direção quanto aos salários e muitas outras questões. Os trabalhadores responderam a esse recuo reclamando de que os sindicatos não os estavam defendendo adequadamente, ainda que eles continuassem fiéis membros e contribuintes dos mesmos. Eles buscavam soluções para a situação por meio de reformas com esperança de que pudessem pressionar os oficiais dos sindicatos. Em terceiro lugar, os trabalhadores passaram a culpar uns aos outros pela situação deteriorada, uma característica comum do enfraquecimento da solidariedade. Em quarto lugar, alguns trabalhadores ocasionalmente optavam por ultrapassar os limites dos canais oficiais e organizaram greves arriscadas, especialmente os trabalhadores temporários, que recebiam salários mais baixos e eram menos ligados à disciplina do contrato social.

Dados limitados indicam que o declínio da atividade grevista continuou durante o primeiro Plano Quinquenal em termos do número de paralisações, de participantes e de dias perdidos. Isso se deu num período de rápida expansão industrial: a classe trabalhadora mais do que dobrou em apenas quatro anos, passando de 3.096 milhões de trabalhadores empregados em empresas de larga escala em 1928, para 6.481 milhões em 1932, com uma expansão de trabalhadores empregados em todos os setores da indústria de 4.339 milhões para 9.374 milhões³³. Enquanto as 735 greves de 1929 mostram que alguns trabalhadores continuaram a se engajar em ações coletivas,

32 Por exemplo, ver a discussão de James Green sobre o recuo do movimento trabalhista nos Estados Unidos durante os anos 1920 em "New Capitalism".

33 DAVIES; BARBER, 1994, p. 282.

sua propensão para tal sofreu forte declínio durante a segunda metade de 1929. A atividade grevista teve seu pico em junho (119 greves com 15.634 participantes) e em julho (120 paralisações com 7.555 participantes), mas entrou em declínio mês após mês a partir de então: 106 greves em agosto, 69 em setembro, 48 em outubro, 32 em novembro, 19 em dezembro³⁴. Embora fosse comum que o auge da atividade grevista ocorresse no meio do ano, (20.025 trabalhadores participaram de paralisações em maio de 1925; 23.254 em junho de 1926; 14.097 em junho de 1927; e 12.243 em agosto de 1928)³⁵, a queda em 1929 parece ser mais permanente. Durante os primeiros oito meses de 1930, os trabalhadores soviéticos organizaram apenas 147 greves com somente 11.833 participantes e 13.279 dias perdidos³⁶. Ainda não se sabe se essa tendência de declínio continuou nos últimos meses de 1930 e nos anos de 1931 e 1932, embora o trabalho de Jeffery Rossman demonstre ter havido novas atividades grevistas em 1931 e especialmente no começo de 1932 entre os trabalhadores têxteis da região industrial de Ivanovo³⁷.

A segunda característica marcante da atividade grevista durante o Primeiro Plano Quinquenal, mostrada na Tabela 5, é que os trabalhadores soviéticos mais desesperados e vulneráveis economicamente (trabalhadores temporários e mulheres da indústria têxtil) organizaram a mais dura resistência à ofensiva do Estado durante esse período. Em 1929, os *otkhódniki* organizaram 514 greves (69,9% do total) envolvendo 49.080 trabalhadores (75% do total de grevistas). De fato, *sem* a militância constante dos trabalhadores temporários o número de greves em 1929 (221) seria comparável ao dos primeiros anos do século e o número de participantes (16.353) seria menor do que o de qualquer outro ano. Evidências anedóticas indicam que os *otkhódniki* continuaram a ser os grevistas mais numerosos em 1930. Por vinte dias em outubro, os trabalhadores tempo-

34 Soverchiénno sekriétno, vol. VII, p. 139-173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564, 602.

35 Ibid, vol. IV, p. 1026; vol. V, p. 556; vol. VI, p. 503.

36 MURPHY, "Strikes During the First Five-Year Plan", artigo em processo de elaboração.

37 Cf. ROSSMAN, 2005.

rários organizaram 37 greves com 2.772 participantes, sendo que a maioria delas (31 paralisações) foi organizada por trabalhadores da construção civil³⁸. As mulheres trabalhadoras da indústria têxtil também revidaram. O número de greves no setor aumentou de 69 em 1929 para 92 em 1930, embora a maior paralisação tenha envolvido apenas seiscentas trabalhadoras e durado apenas trinta minutos, uma vez que a curta duração das greves (1,46 dias por paralisação para todas as greves soviéticas em 1929) continuou³⁹.

Apesar do declínio, poucas evidências sugerem um aspecto político mais carregado da ação grevista ao longo do Primeiro Plano Quinquenal. De fato, os trabalhadores fizeram greve 66 vezes em 1929 devido a provisões de alimento, e quatro vezes em outubro por causa da implementação da semana de trabalho contínua. Durante os primeiros oito meses de 1930, houve 21 greves por causa de provisões de alimento. Um relatório de abril de 1932 para Stálin e Kaganóvitch mostra que, com a queda no fornecimento de alimento, os trabalhadores da fábrica Smytchka na Ucrânia e de outra fábrica em Borisovo, Bielorrússia, entraram em greve por não terem recebido suas rações. Em 7 de abril de 1932, os trabalhadores da fábrica de Alapaevski nos Urais também entraram em greve e marcharam até o comitê do partido da cidade (*gorkom*) exigindo pão: “Nossas famílias estão com fome e não conseguimos nos aguentar em pé”⁴⁰.

O estudo de Rossman sobre os trabalhadores têxteis de Ivanovo ilustra a dinâmica potencialmente explosiva da ação grevista. O número de greves caiu dramaticamente de 25, com 3.084 trabalhadores no ano fiscal de 1928, para apenas seis, com 153 participantes no ano seguinte. Rossman atribui essa queda à crescente ameaça de desemprego e presença cada vez maior da OGPU, que mirava os líderes. Mas a expansão da indústria têxtil, combinada ao rápido declínio no fornecimento de alimentos, encorajou cada vez mais os trabalhadores de

38 MURPHY, “Strikes During the First Five-Year Plan”, artigo em processo de elaboração.

39 OSOKINA, 2001, p. 53, 92, 94.

40 GARF, f. 5451, op. 42, d. 250, l. 17.

Ivanovo, de modo que o número de greves cresceu para 55 em 1930 e 116 em 1931. Em abril de 1932, vinte mil trabalhadores de seis cidades da região industrial de Ivanovo estavam envolvidos em ações grevistas militantes e, às vezes, violentas. Rossman detalha de maneira brilhante tanto a marcha da fome de Teikovo quanto a greve geral e o levante de Vichuga, que mostram um elevado nível de organização e determinação dos trabalhadores, apesar dos enormes riscos⁴¹.

Embora a extensão geral da atividade grevista soviética em 1931 e 1932 seja desconhecida, é pouco provável que os historiadores descubram de uma hora para outra uma ação industrial tão alastrada em outras regiões. O que explica o nível excepcional de militância de Ivanovo? Rossman elenca de maneira convincente três fatores que fez dessa região “o epicentro da resistência trabalhista à revolução de Stálin”. Em primeiro lugar, as duras condições da indústria têxtil pressionavam mais os trabalhadores do que em outros setores. Em segundo lugar, a grande proporção de mulheres no chão de fábrica levava a mais greves, pois as mulheres eram afetadas de modo desordenado pela falta de alimento e elevadas cargas de trabalho, além de “desfrutarem de mais licenças do que os homens para participar de atos de protesto” sem risco de demissão ou prisão. Em terceiro lugar, a excepcional estabilidade da força de trabalho significava que as tradições e rotinas de defesa do interesse dos trabalhadores persistiram entre os meios veteranos de Ivanovo⁴². Eu acrescentaria, como mencionado anteriormente, um quarto fator. Os trabalhadores de Ivanovo foram os mais militantes durante a NEP e suas denúncias dos representantes dos sindicatos indicam que o “contrato social” da NEP nunca teve a mesma ressonância que existiu entre outros trabalhadores. A tradição de militância e de redes de oposição parece ter persistido ao longo da NEP, desempenhando um papel importante na atividade grevista durante o Primeiro Plano Quinquenal.

41 ROSSMAN, 2005.

42 Ibidem, p. 232-233.

Os líderes soviéticos eram bastante conscientes das implicações de potenciais rebeliões de trabalhadores em Moscou e Leningrado, e instituíram medidas profiláticas para evitá-las. Quando a situação se agravava em 1932, Moscou recebeu enormes quantidades de suprimentos, seguida de perto por Leningrado. Na relativa condição favorável de Moscou, os trabalhadores da indústria pesada eram particularmente privilegiados, recebendo rações regulares duas vezes ao mês. Como Elena Osokina observa, “o Politburo supervisionou a provisão de Moscou e de Leningrado e diminuiu as normas dos trabalhadores industriais das capitais como último recurso depois de cortar as rações de todos os outros grupos da população”⁴³. Embora o número de prisões de grevistas durante o Primeiro Plano Quinquenal ainda seja desconhecido, os acontecimentos na Serp i Molot mostram que a coerção e a repressão no sentido amplo, incluindo uso estratégico de comida como arma disciplinar, era difundido, embora a rotatividade e o fortalecimento das divisões entre a força de trabalho também fossem evidentes⁴⁴.

Embora ainda haja algumas lacunas em nossa compreensão da atividade grevista soviética durante a NEP e o Primeiro Plano Quinquenal, os parâmetros básicos já podem ser determinados com alguma precisão. No começo da NEP, a crescente expectativa dos trabalhadores e a memória coletiva da antiga organização do trabalho e da militância levou a uma difundida atividade grevista, especialmente quando a administração atrasava os pagamentos. Embora houvesse alguns poucos exemplos de prisões de grevistas pelas autoridades, e alguns casos de violência (ou ameaça de violência) contra eles, a resposta padrão do governo era mais de acomodação e negociação do que de repressão. Em 1925, com uma moeda mais estável e acordos coletivos regulares com procedimentos de queixa significativos, o Estado soviético e a classe trabalhadora negociaram um “contrato social” que foi bem-sucedido em conter a ação grevista. Esse compromisso erodiu gradualmente

43 OSOKINA, Op. Cit., p. 39, 62-63, 77, 91.

44 Cf. MURPHY, 2005, capítulo 6.

no final da NEP, uma vez que a produtividade e as campanhas de corte de custos prevaleceram sobre os interesses materiais dos trabalhadores. Embora alguns trabalhadores evitassem os sindicatos e entrassem em greve no final da NEP, a vasta maioria dos trabalhadores continuou a levar suas queixas para os sindicatos. Mais problemática é a explicação do contínuo declínio da atividade grevista durante o Primeiro Plano Quinquenal, quando os sindicatos desistiram até de simular que estavam defendendo os interesses dos trabalhadores. Embora os trabalhadores temporários e têxteis tenham continuado a fazer greve durante esse período, outros setores se abstiveram de usar esse recurso. O uso estratégico da comida como arma disciplinar, a rápida rotatividade e o aprofundamento das divisões entre os trabalhadores parecem ter contribuído para essa queda. Novas pesquisas de arquivo sistemáticas e comparativas sobre o Primeiro Plano Quinquenal são necessárias.

Referências bibliográficas

ANDREEV, Leonid [et. al.] "Les conflits du travail en Russie soviétique pendant le 'communisme de guerre' et la N.E.P." In: DEPRETTO, Jean-Paul. *Pouvoirs et société en Union Soviétique*. Paris: Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2002.

AVES, Jonathan. *Workers Against Lenin: labour protest and the bolshevik dictatorship*. London: Tauris I. B. Publishers, 1996.

BRIAN, Eric; HAIMSON, Leopold H. "Labor unrest in Imperial Russia during the First World War. A quantitative analysis and interpretation." In: HAIMSON, Leopold H.; SAPELLI, Giulio (eds.): *Strikes, social conflict, and the First World War. an international perspective*. Milan: Fondazione Giangiacomo Feltrinelli, 1992.

BROVKIN, Vladimir. *Russia after Lenin: politics, culture and society, 1921-1929*. London: Routledge, 1998.

CARR, Edward Hallett. *The Interregnum, 1923-1924*. New York:

The Macmillan Company. 1954.

CARR, Edward Hallett; DAVIES, Robert W. *A History of Soviet Russia. Foundations of a Planned Economy 1926-1929, vol. I.* London: Macmillan, 1969.

DAVIES, R. W.; BARBER, J. D. *Employment and industrial labour.* In: DAVIES [et. al.] *The Economic Transformation of the Soviet Union, 1913-1945.* Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DEUTSCHER, Isaac. *The Prophet Unarmed: Trotsky 1921-1929.* New York: Oxford University Press, 1959.

GUSEV, Aleksei. "The 'Bolshevik Leninist' Opposition and the Working Class, 1928-1929". In: FILTZER [et. al.] *A dream deferred: new studies in russian and soviet labour history.* Bern: Peter Lang, 2008.

IAROV, Serguei. *Gorojanin kak politik: revoliutsiia, voennyi kommunizm i NEP glazami petrogradtsev.* S.Peterburg: DB, 1999.

KOENKER, Diane. *Labor relations in socialist Russia: printers, their union, and the origins of Soviet socialism, 1918-1921. Final Report to National Council for Soviet and East European Research, 1990.*

----- *Labor Relations in Socialist Russia: Class Values and Production Values in the Printers' Union, 1917-1921.* In: SEIGELBAUM, Lewis e SUNY, Ronald (orgs.) *Making Workers Soviet: Power, Class, and Identity.* Ithaca: Cornell University, 1994, p. 159-193.

KOENKER, Diane; Rosenberg, William G. *Strikes and Revolution in Russia, 1917.* Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1989.

MURPHY, Kevin. *Revolution and Counterrevolution: class struggle in a Moscow metal factory.* New York and Oxford: Berghahn Books, 2005.

OSOKINA, Elena. *Our Daily Bread. Socialist distribution and the art of survival in Stalin's Russia, 1927-1941.* Armonk, N.Y.: M. E. Sharpe, 2001.

POSPIELOVSKY, Andrew. "Strikes during the NEP" In: *Revolutionary Russia, Vol. 10, N. 1* (June 1997).

ROSSMAN, Jeffrey J. *Worker resistance under Stalin*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

TCHERNIAEV, Vladimir Yurievitch. *Píterskie rabôtchie i diktatura proletariata. Oktyabr 1917-1929. Sbornik dokumentov*. SP: Russko-Baltiski informatsioni tsentr "BLITS", 2000.

WARD, Chris. *Russia's cotton workers and the New Economic Policy: Shop-floor culture and state policy, 1921-1929*. Cambridge Russian, Soviet and Post-Soviet Studies (Book 69). Cambridge: Cambridge University Press (June 20, 2002).

Tradução: Priscila Marques⁴⁵

45 Pós-doutoranda do Programa de Literatura e Cultura Russa, FFLCH/USP.

Back in the USSR? Nostalgia soviética na Rússia contemporânea*

Henrique Canary**

Resumo: Este artigo examina o fenômeno da “nostalgia soviética” na Rússia contemporânea. Esta nostalgia pode ser definida como sendo o interesse, por parte da população russa, para com a cultura, a estética, o modo de vida e o passado soviético em geral. O fenômeno é explicado como parte das transformações ocorridas na memória coletiva do povo russo desde meados dos anos 1990 e que se aprofundaram nos últimos anos. O artigo busca também abordar a utilização deste fenômeno por parte do Estado russo no sentido da criação de uma nova ideia nacional russa, baseada na unidade nacional e no patriotismo conservador.

Abstract: This article examines the phenomenon of “Soviet nostalgia” in contemporary Russia. This nostalgia can be defined as the Russian population’s interest in culture, aesthetics, way of life and the Soviet past in general. The phenomenon is explained as part of the transformations that have occurred in the collective memory of the Russian people since the mid-1990s and have deepened in recent years. The article also seeks to address the use of this phenomenon by the Russian state in the sense of creating a new Russian national idea based on national unity and conservative patriotism.

Palavras-chave: nostalgia soviética, memória cultural, cultura russa
Keyword: soviet nostalgia, cultural memory, Russian culture

Um menino soviético pergunta para a mãe:

– Mãe, Lenin era bonzinho?

– Era – responde a mãe.

– E Stalin?

– Stalin era malvado.

– E Beria?

– Beria também era malvado.

– E Khrushchev?

– Que bobagem, menino, ficar perguntando
'bonzinho ou malvado?,'
'malvado ou bonzinho?!' Quando ele morrer, a
gente vai saber!"

(Piada soviética do final dos anos 1950)

*Artigo submetido em 13 de junho de 2017 e aprovado em 26 de agosto de 2017.

**Mestre em História pela Universidade da Rússia da Amizade dos Povos (Moscou) e doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: henriquecanary@yahoo.com.br

Há um velho ditado soviético que diz: "*O futuro é certo! Já o passado... é imprevisível!*". Essa bem-humorada sabedoria popular se refere ao fato de que na União Soviética todos sabiam aonde chegariam: no comunismo. Sobre isso não havia nem poderia haver qualquer dúvida. Por outro lado, cada novo secretário-geral, para se afirmar frente ao seu antecessor, formulava e apresentava à sociedade soviética uma nova visão da história, apagando, relativizando ou, ao contrário, exaltando o papel deste ou daquele evento histórico, deste ou daquele personagem. De repente, a sociedade era informada que os heróis de ontem haviam sido desmascarados como "inimigos do povo" (como ocorreu, por exemplo, com toda a velha guarda do partido bolchevique, perseguida e morta por Stalin nos anos 1930). Ou o contrário: descobria-se que os antigos opressores se haviam revelado amigos e aliados confiáveis (como ocorreu com a Alemanha nazista depois da assina-

tura do Pacto Hitler-Stalin¹, em 1939, e até mesmo – fato pouco conhecido – com uma figura odiosa como Ivan, o Terrível, que unificou a ferro e sangue as terras russas no século 16 e cuja imagem foi reconstruída por Stalin)².

A memória histórica do povo era a mais importante arena de batalha ideológica na sociedade soviética. Talvez em todas as sociedades. Mas foi na URSS que esta batalha se desenvolveu com todo o seu potencial. Neste sentido, a relação da sociedade russa contemporânea com o passado soviético permanece objeto de acaloradas discussões, intensas lutas políticas e sociais, debates religiosos e culturais.

O “degelo” dos anos 1960 (abertura democrática limitada promovida por Khrushchev) foi marcado, entre outros elementos, por uma revisão do passado. Mais concretamente, por uma condenação parcial dos crimes de Stalin e uma reabilitação, também parcial, de seus opositores.³ O mesmo fenômeno se repetiu na “glasnost” de Gorbachev. No final dos anos 1980, uma série de autores e personagens históricos antes condenados foram parcialmente reabilitados. Foi o caso de alguns intelectuais emigrados (por exemplo, Alexander Soljenitsin, autor de *Arquipélago Gulag*) e de vários personagens ligados à curta etapa democrático-burguesa da Rússia (fevereiro a outubro de 1917). Outras figuras – mais perigosas para o regime burocrático – foram apenas reconhecidas como “existentes”, mas não reabilitadas. Foi o caso de Trótski e de outros dirigentes do núcleo próximo a Lenin.

¹ Também conhecido como “Pacto Molotov-Ribbentrop”, pelo nome dos ministros das relações estrangeiras da URSS e Alemanha na época. Ao contrário da versão divulgada pelo stalinismo durante muitas décadas, o pacto Hitler-Stalin era muito mais do que um acordo de não-agressão. Ele incluía também cláusulas secretas sobre uma possível invasão alemã da Polônia e uma possível invasão soviética da Finlândia. A assinatura do tratado mudou completamente a relação dos partidos comunistas do mundo inteiro com a Alemanha nazista. Os PC’s, que vinham denunciando fortemente a política de Hitler, voltaram suas baterias contra o imperialismo francês e britânico, causando assim uma enorme confusão no movimento operário internacional.

² Sobre a reconstrução da imagem de Ivan IV, o Terrível, é interessante assistir “Ivan, o Terrível” (1944), de Serguei Eisenstein, filme produzido sob encomenda direta de Stalin.

³ É característico, por exemplo, que o famoso “Informe de Khrushchev ao XX Congresso do PCUS” (1956), ao mesmo tempo em que revelava uma série de crimes cometidos por Stalin, reconhecia como um de seus “méritos” a “luta contra o trotskismo”.

Apesar de não ter ocorrido uma reabilitação completa, a simples legalização do pensamento marxista crítico no final dos anos 1980 teve um importante impacto sobre a sociedade soviética. O interesse pelas lutas internas do partido bolchevique (principalmente aquelas travadas na segunda metade dos anos 1920) aumentou súbita e enormemente, e muitas obras foram redescobertas e reeditadas. Assim, por exemplo, uma parte importante das principais obras de Trótski foi publicada na União Soviética (inclusive pelas editoras estatais) entre 1989 e 1991. Também viram a luz trabalhos de Bukhárin, Rakovski, Lunatchárski e outros, bem como alguns escritos de trotskistas ocidentais, como Ernest Mandel.

No entanto, este fenômeno altamente progressivo não durou muito. Com o fim da URSS, tudo o que era “soviético” passou a ser condenado. A vitória de um setor abertamente pró-liberal da burocracia (Ieltsin) foi causa e efeito de uma guinada também na opinião pública. As publicações praticamente cessaram, as ideias de todos os dirigentes bolcheviques, de Trótski a Stalin, foram colocadas no mesmo saco e condenadas pelo liberalismo triunfante. Essa situação se manteve mais ou menos até o final dos anos 1990, quando a “guerra da memória” (como é chamada, na Rússia, essa batalha ideológica) entrou em uma nova fase, denominada por alguns autores de “Renascentça da antiguidade soviética”⁴, e que se estende até hoje.

A nostalgia soviética

Svetlana Aleksiévitich, Prêmio Nobel de Literatura em 2015, em seu livro mais importante, *O fim do homem soviético*, assim resumiu essa espécie de “reciclagem” da União Soviética no imaginário popular russo:

Há um novo apelo pela União Soviética. Pelo culto a Stálin. Metade dos jovens de dezenove a trinta anos considera Stálin “um grande político”. Num país em que Stálin aniquilou mais pessoas do que Hitler, um novo culto a Stálin?! Tudo que é soviético está de novo na moda. Por exemplo, os cafés “soviéticos”, com nomes soviéticos e comida soviética.

⁴ PARFENOV, 2008.

Apareceram doces “soviéticos” e *kolbassá* “soviética”, com o cheiro e o gosto que conhecíamos desde a infância. E, claro, a vodka “soviética”. Na televisão, dezenas de programas, e na internet dezenas de sites de nostalgia “soviética”. Você pode visitar como turista os campos stalinistas – Solovki, Magadan. O anúncio afirma que, para uma sensação plena, você vai receber um macacão de campo, uma picareta. Mostram os barracões restaurados. E no fim organizam uma pescaria...

Ideias antiquadas estão de volta: do Grande Império, da “mão de ferro”, do “caminho peculiar da Rússia”... Restituíram o hino soviético, existe um Komsomol, só que ele se chama *Náchi*⁵, existe o partido do poder, que copia o partido comunista. O presidente tem o mesmo poder do secretário-geral. Absoluto. Em vez do marxismo-leninismo, a Igreja ortodoxa...

[...] Chegou a época do *second-hand*.⁷

A expressão “second-hand” é sintomática da ideia aqui apresentada por Aleksievitch.⁸ A nostalgia por tudo que seja soviético é um fato de grandes proporções hoje na Rússia. Este fenômeno abarca tanto a vida econômica, social e política, quanto as manifestações culturais. Passemos a alguns exemplos: desde 2000, o Hino Nacional da Rússia foi definido como sendo a junção da antiga melodia do Hino da União Soviética com uma nova letra; apesar da enorme visibilidade dada à remoção de alguns monumentos soviéticos no início dos anos 1990, a maioria deles permanece em seus lugares históricos, sendo que alguns, inclusive, vêm sendo restaurados; entre eles, o Mausoléu de Lenin, localizado na Praça Vermelha, e que a Igreja Ortodoxa tentou retirar sem sucesso no final dos anos 1990; foi restabelecida a parada militar de 7 de novembro, aniversário da Revolução de Outubro (pelo calendário gregoriano), na Praça Vermelha, com um protocolo muito similar

⁵ Uma espécie de salame, muito característico do período soviético.

⁶ Em russo, “Os nossos”.

⁷ ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 29.

⁸ “*O fim do homem soviético*” é uma tradução não-literal do título original do livro de Aleksievitch. A tradução literal seria “A hora do second-hand” (Время секунд хэнд), em referência às lojas de artigos de segunda mão, muito populares na Rússia pós-soviética.

ao dos tempos soviéticos; todas as pesquisas de opinião são unânimes em apontar a visão positiva que a maioria dos cidadãos russos tem do passado soviético; Stalin continua sendo um dos personagens históricos mais respeitados, considerado pela população como responsável pela vitória do Exército Vermelho na Segunda Guerra Mundial; as mesmas pesquisas apontam uma ampla preferência dos russos pelo socialismo em detrimento do capitalismo (algumas pesquisas apontam taxas de até 74% de preferência pelo modelo soviético de sociedade em comparação com o modelo capitalista).⁹

A cultura é outro terreno onde a nostalgia soviética se manifesta com grande força. Desde pelo menos meados dos anos 2000, nos principais canais da TV russa, houve uma verdadeira explosão de programas e séries em torno da temática soviética. A seguir, alguns destes programas, com seus nomes em tradução livre:

Entretenimento, música e dança: "Patrimônio da República", "Os melhores anos das nossas vidas", "Show de estilos", "Olá novamente!", "Cantado na URSS", "Risada nostálgica", "História do show business russo", "Que anos os nossos!", "Velho apartamento", "Mercado de pulgas", "Velhas canções sobre o que mais importa", "Velha televisão".

Documentários e programas históricos: "Recentemente", "Kremlin 9", "Crônicas históricas", "O julgamento do tempo", "História soviética", "Para que lembrem", "Em busca do que foi perdido", "Como eles se foram", "Investiga-se", "Império soviético".

Séries de ficção: "Jardim de Alexandrov", "Posto avançado Jilina", "Caçada a Beria", "Saga moscovita", "Extermínio", "Isaev", "Apóstolo", "As nove vidas de Nestor Makhno", "Os filhos da Rua Arbat", "O testamento de Lenin", "Stalin. Live" etc.

⁹ Notemos desde já que esta pesquisa tende a enganar o analista desavisado. O cidadão médio russo "prefere" o socialismo ao capitalismo, como comprovam todas as pesquisas, mas o que se entende por "socialismo" varia muito. Em geral, o termo é associado ao poderio econômico e militar do país e às garantias sociais dadas à população, bem como a alguns valores morais, como a solidariedade e a simplicidade. Ou seja, o conceito de "socialismo" no imaginário popular russo não inclui os elementos estruturais (economia nacionalizada e planificada, inexistência de burguesia) e ideológicos (luta de classes, revolução proletária) característicos do socialismo científico, tal como foi desenvolvido por Marx.

Por sua vez, o cinema russo dos últimos anos tem sido um indicador importante do nível de nostalgia vivido pela população, com dezenas de títulos dedicados ao passado soviético, principalmente à Segunda Guerra Mundial, ou Grande Guerra Patriótica, como ela é chamada na Rússia. Alguns dos principais: "A estrela" (Zvezda, 2000), de Nikolai Lebedev; "Franz e Polina" (Frantz + Polina, 2006), de Mikhail Segal; "A resistência" (Bretskaia krepost, 2010), de Aleksandr Kott; "Somos do futuro" (Mi iz budushego, 2008), de Andrei Maliukov; "Cansados pelo Sol: Antecipação" (Utomlennii solntsem: Predstoiannie, 2010), de Nikita Mikhalkov; "Rjev: A batalha desconhecida de Georgui Jukov" (Rjev: Neizvestnaia bitva Georguia Jukova, 2009), de Serguei Numamed; "O cosmos como pressentimento" (Kosmos kak predtchuvstvie, 2005), de Aleksei Utchitel; "Uma lebre sobre o abismo" (Zaiats nad bezdnoi, 2006), de Tigran Keosaian, e muitos outros.

Além dos meios de comunicação tradicionais, como observa a própria Aleksiévitich, a internet tem sido um espaço decisivo de armazenamento, divulgação e discussão sobre a nostalgia soviética, com inúmeros portais e fóruns de debate sobre o tema. Entre os principais projetos, poderíamos citar: "Museu do século 20", (<http://20th.su/>), "Enciclopédia de nossa infância" (<http://e-n-d.ru/>), "Vida soviética" (<http://soviet-life.livejournal.com/>), "Sótão da URSS" (<http://cherdak-ussr.livejournal.com/>), "Nossa infância" (<http://nashe-detstvo.livejournal.com/>), "Museu dos anos 70" (<http://ru-museum70.livejournal.com/>).

A nostalgia penetra também o comércio e os serviços. Renascem as marcas tradicionais soviéticas de vodca, sorvete, suco, embutidos, iogurte, cerveja etc. Qualquer coisa que lembre "o cheiro e o gosto" da infância e juventude de milhões de russos. O mesmo acontece nos serviços. Cafés, bares e restaurantes com nomes como "URSS", "soviético", "nostalgia", "socialismo" e vários outros. Em geral, são estabelecimentos sem qualquer vinculação ideológica, que buscam apenas reproduzir o ambiente e a estética soviéticos.

A origem do fenômeno

Se retornarmos um pouco no tempo, perceberemos que não é a primeira vez que a nostalgia por um passado considerado glorioso adquire peso de massas na Rússia. Desde pelo menos meados do século 19 até o início do século 20, a relação com o próprio passado esteve no centro dos debates culturais, filosóficos, políticos e históricos da *intelligentsia* russa. Naquele período, o aumento do interesse pelo passado visava resolver a crise de identidade que a sociedade russa vivia desde as reformas modernizadoras e ocidentalizantes de Pedro I, no início do século 18. Esse debate se materializou no enfrentamento entre ocidentalistas e eslavófilos a partir dos anos 1840, e entre populistas e marxistas a partir de meados dos anos 1870:

As discussões apaixonadas, tensas sobre o passado histórico eram um sintoma da formação de diferentes projetos de identidade coletiva: entendia-se então que a sociedade, heterogênea no plano nacional, social e cultural, precisava de uma ideia unificadora, mas encontrar essa ideia não era algo fácil”.¹⁰

Algo similar vem acontecendo na Rússia hoje. Até o final da década de 1990, a tentativa de construir uma ideia nacional passava essencialmente pela reconstrução dos vínculos culturais e civilizacionais com o passado czarista¹¹. Consequentemente, a ideia daquilo que é soviético adquiriu um sentido negativo, uma vez que simbolizava a relação do povo com o Estado soviético, sua economia deficitária e seu sistema político antidemocrático.

Esta realidade começou a mudar desde meados dos anos 1990, quando ficou evidente para a maioria da população russa que o liberalismo econômico e a democracia política de tipo ocidental não cumpriram as promessas feitas na época da perestroika e no início dos anos 1990. Desde então, o anticomunismo vem perdendo rapidamente espaço, o que se reflete num maior interesse pela história soviética, sua cultura, sua estética, seus símbolos.

¹⁰ LEONTIEV, 2011, p. 19.

¹¹ Cf. MORABITO, 2013, p. 61.

É importante observar que não se trata de um renascimento político ou ideológico do comunismo, mas de um fenômeno essencialmente existencial e humano, de uma busca por ideias que possam preencher o vazio espiritual e moral deixado pela crise dos anos 1990. Para Rezanova:

[...] o cidadão da época pós-soviética, por se encontrar em uma atmosfera asfixiante de carência espiritual e déficit de ideais positivos, sente saudade dos valores soviéticos, que preenchiam a vida do cidadão soviético ao fornecer-lhe fé na razão, na liberdade e na irmandade de todas as pessoas.¹²

Aleksiévitch corrobora este ponto de vista quando escreve:

A civilização soviética... Tenho pressa para gravar seus rastros. Rostos conhecidos. Não faço perguntas sobre o socialismo, mas sobre o amor, o ciúme, a infância, a velhice. Sobre música, danças, penteados. Sobre os milhares de detalhes de uma vida que vai desaparecendo. Essa é a única maneira de enquadrar a catástrofe no contorno do cotidiano e de tentar contar alguma coisa. De compreender alguma coisa.¹³

Kupina e Mikháilova (2009), apoiando-se em pesquisas de opinião realizadas pelo instituto de pesquisas Levada Tsentr, de Moscou, fizeram um levantamento sobre quais são, exatamente, os objetos de nostalgia do povo russo. O resultado foi revelador. Em primeiro lugar, as pessoas sentem saudades das grandes conquistas da sociedade soviética; em segundo, de aspectos isolados do cotidiano, como as conversas na cozinha e as piadas; em terceiro, da proteção social oferecida pelo Estado, como a saúde e a educação gratuitas; em quarto, dos valores predominantes nas relações pessoais, como o espírito coletivo, a união pacífica, a amizade; em quinto, das conquistas culturais como o cinema e o balé.

No que diz respeito à localização temporal da nostalgia soviética, o que predomina é a saudade da década de 1970, por ser considerado o período de maior estabilidade econômica e social na história da URSS e também a época em que

¹² REZANOVA, 2011, p. 59.

¹³ ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 24.

a produção de bens encontrou relativo florescimento, permitindo uma maior diversificação do consumo das famílias.

Kupina e Mikháilova chamam atenção para o fato de que a nostalgia é fruto de um trauma civilizacional, provocado pelo desmoronamento repentino de um modo de vida estável e pela perda de enormes conquistas sociais por parte de uma parcela importante da população. Rezanova corrobora este ponto de vista ao falar de “vencidos e vencedores”:

Para construir uma vida boa, obviamente, é melhor ser vencedor. Mas os vencidos têm que continuar vivendo também. Esta questão é particularmente importante para os russos, que, desde 1991, se encontram em um estado de derrota. A substituição do marxismo pela filosofia existencialista é um produto dessa época. (REZANOVA, 2011, p. 35)

O que parece fora de dúvidas é o fato de que as crises de identidade coletiva são características das épocas de transição, como a que ainda vive a Rússia. Isso é particularmente verdade quando as mudanças vividas pelo país incluem o desmoronamento de toda a visão de mundo antes predominante na sociedade, quando ocorre a perda do centro de autoridade da nação. Por isso, os últimos 25 anos da história russa transformaram o problema da identidade nacional em um problema universal, que penetra todas as esferas da vida do país.

Ao explicar por que a nostalgia soviética surge exatamente agora, Rezanova afirma que se trata de uma combinação de fatores: “[...] pode-se dizer que a sociedade superou a ‘distância’ temporal e histórica mínima, depois da qual a irritação é substituída pela curiosidade, pela ‘observação’, pela tentativa de definir de maneira independente sua própria relação com o fenômeno”¹⁴.

Além disso, incide sobre o fenômeno o fator geracional: por um lado, estão vivos ainda aqueles que viveram a maior parte de sua vida na URSS, que dedicaram a ela seus melhores anos e viveram o período de maior estabilidade do país e que hoje se encontram, em sua maioria, em uma situação social e econômica difícil (aposentados, pensionistas, veteranos de guer-

¹⁴ REZANOVA, 2011, p. 126.

ra); por outro, entra em cena uma geração mais jovem, nascida no final dos anos 1970, que viveu sua infância na URSS, mas que teve destinos muito diferentes do ponto de vista social e econômico e que se encontra hoje no auge de sua vida ativa. Os indivíduos dessa geração não têm nenhuma outra identidade comum a não ser o fato de terem sido a última geração de crianças soviéticas e de terem apenas uma fraca lembrança das dificuldades enfrentadas nos anos 1980.

Também neste tema, o livro de Aleksiévitich é esclarecedor. Ela declara pertencer a uma geração intermediária de cidadãos soviéticos, e afirma:

Eu dividiria os soviéticos em quatro gerações: a de Stalin, a de Khruschóv, a de Brêjniev e a de Gorbatchóv. Sou dessa última. Para nós foi mais fácil aceitar o colapso do ideal comunista, já que não tínhamos vivido naquela época em que o ideal era jovem, forte, com a magia daquele romantismo funesto e daquelas esperanças utópicas ainda não dissipadas. Crescemos na época dos anciãos do Krémelin. Em tempos vegetarianos, de jejum.¹⁵

O papel do Estado russo

Dizer que a nostalgia soviética é um fenômeno espontâneo não significa minimizar a importância da intervenção do Estado em todo o processo. Isso é assim porque essa nova visão de mundo, de Rússia e do destino do povo russo se manifesta hoje também em uma política de Estado, que se apoia na nostalgia soviética para promover o patriotismo, o militarismo e uma compreensão muito particular de “unidade nacional”. A orientação em direção ao ocidente, predominante nos meios estatais nos anos 1990, vem sendo substituída pela ideia de uma caminho próprio, russo, profundamente patriótico, cristão ortodoxo e nacionalista. Segundo Ilia Kalinin,

[...] a ideia patriótica foi pela primeira vez acionada de maneira explícita ainda em 2003, ou seja, ainda durante o primeiro mandato presidencial de Putin. Na época, após uma

¹⁵ ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 23.

visita a Staraia Ladoga,¹⁶ o presidente formulou de maneira precisa a base da nova ideia nacional: "O patriotismo deve se tornar a ideologia unificadora da Rússia".¹⁷

Essa visão do patriotismo como uma nova ideia nacional russa vem sendo desenvolvida desde então. Para tanto, são colocados em movimento não apenas a herança soviética, mas também a herança imperial e czarista. Em 2005, em sua mensagem anual à Assembleia Federal, Vladimir Putin reconheceu que "[...] o fim da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica do século. Já para o povo da Rússia, foi um verdadeiro drama"¹⁸. Mais tarde, em 2008, o presidente Dmitri Medvedev definiu o patriotismo como "[...] a fé na Rússia, a conexão profunda com a terra natal, com nossa grande cultura"¹⁹.

É interessante notar que a anexação da Crimeia à Rússia em março de 2014 e o apoio político prestado por Moscou às regiões de Donetsk e Lugansk, que desejam se independentizar da Ucrânia, são justificados principalmente com argumentos que apelam à cultura e à memória: defesa do idioma russo, da ortodoxia cristã e do direito à livre expressão e manifestação cultural. Nas palavras do próprio Vladimir Putin:

[...] na Crimeia vive a nossa gente, e o próprio território tem importância estratégica porque exatamente ali se encontra a fonte espiritual que formou a nação russa, multifacetada e monolítica ao mesmo tempo, bem como o Estado russo centralizado. Pois foi justamente ali, na Crimeia, na antiga Quersoneso, ou, como a chamavam os antigos cronistas russos, Korsun, que o príncipe Vladimir foi batizado e depois batizou toda a Rus²⁰.

Junto com a proximidade étnica, idiomática e cultural, junto com a então nascente atividade econômica comum, ainda que em um território não totalmente definido por fronteiras sólidas, e junto com o poder do príncipe, o cristianismo foi uma enorme força espiritual unificadora, que per-

¹⁶ Região do noroeste da Rússia, considerada um dos centros originadores do Estado russo.

¹⁷ KALININ, 2011.

¹⁸ PUTIN, 2005.

¹⁹ Apud KALININ, 2011.

²⁰ Antiga denominação da Rússia.

mitiu incluir na formação da nação russa unificada e do Estado russo as mais diversas tribos e uniões tribais de todo o mundo eslavo oriental. E exatamente neste território nossos antepassados, pela primeira vez e para sempre, se perceberam como um único povo. E isso nos permite afirmar que a Crimeia, a antiga Korsun, Quersoneso, Sebastopol possuem para a Rússia um enorme valor civilizacional e religioso, da mesma forma que o Monte do Templo em Jerusalém para aqueles que professam o islã ou o judaísmo. É exatamente assim que nós vamos encarar a questão de agora em diante e para sempre.²¹

Como se pode ver, a Rússia vive hoje uma enorme transformação no campo da memória histórica. O governo russo tenta unir todo o passado russo em uma única linha temporal homogênea, teleológica, não-contraditória e não sujeita a debates, servindo assim como base para a unidade absoluta da nação. Ou seja, a nostalgia soviética é apenas a parte mais visível do movimento que ocorre neste momento na memória histórica do povo russo. Na verdade, trata-se de um fenômeno mais profundo, que engloba uma revisão de todo o passado russo.

Para Ilia Kalinin, o que ocorre hoje na Rússia é uma tentativa de usar o sentimento nostálgico da população com um objetivo de longo prazo: construir um novo patriotismo russo, onde o “soviético” é apenas mais um componente. Segundo este raciocínio, o Estado russo apenas se apoia na nostalgia soviética como experiência real da população, como sentimento mais evidente, mais superficial, mais facilmente identificável e manobrável:

Nós estamos lidando não com uma nostalgia pura ou uma intenção de recuperar o objeto perdido, mas sim com uma política voltada para a recodificação positiva da nostalgia pelo passado soviético em um novo patriotismo russo, no qual o *soviético* não possui praticamente nenhuma especificidade histórica, sendo parte da mesma herança cultural comum.²²

²¹ PUTIN, 2014.

²² KALININ, 2011.

Essa visão mais profunda do fenômeno da nostalgia soviética é confirmada pelo discurso do próprio presidente Putin:

Para o renascimento da consciência nacional, devemos unir as épocas históricas em uma só e voltar à compreensão da simples verdade de que a Rússia não nasceu em 1917 e nem mesmo em 1991, de que nós temos uma história milenar única, indivisível, através da qual obtemos força interior e damos sentido ao desenvolvimento nacional.²³

Para Kalinin (2015), a política do Estado russo no terreno da memória histórica e o seu apelo ao passado comum não tem outro objetivo a não ser o de preservar o status quo presente, que é apresentado como uma herança comum que precisa ser mantida. O passado, segundo esta visão estatal, não deve ser interpretado, criticado ou problematizado. Apenas aceito, lembrado, preservado e transmitido.

Essa visão do passado russo como um terreno não passível de discussão se expressa com maior intensidade na questão do papel da Rússia na Segunda Guerra Mundial. A TV, o cinema e as prateleiras das livrarias russas estão repletas de filmes, programas e livros sobre a guerra, mas não se trata, com raras exceções, de qualquer debate ou abordagem crítica, mas sim da criação de vínculos *emocionais* com o período. Jamais a reflexão racional. Segundo Ushakin,

[...] as comemorações públicas sobre a Grande Guerra Patriótica não são, como regra, exatamente lembranças, mas sim uma espécie de *vivência* da guerra por pessoas que não tiveram com ela uma relação direta. Ou seja, é um tipo de *vivência* mediada, uma imersão num contexto superado para construir com este passado uma certa relação emocional.²⁴

É claro que, diante de uma tal relação com a guerra (e com a história em geral), toda crítica ou compreensão alternativa do passado será desqualificada como não-russa, não-patriótica, e condenada em nome da preservação da herança cultural comum.

²³ PUTIN, 2012.

²⁴ USHAKIN, 2015.

Conclusão: essência e aparência

Pelo exposto, conclui-se que a nostalgia soviética não tem absolutamente nada a ver com qualquer “giro à esquerda” da sociedade russa (e muito menos de Putin), nem com qualquer renascimento político-ideológico do marxismo no território do antigo império dos tsares. Ao contrário, o fenômeno se insere em um giro conservador mais abrangente e profundo. Junto com a nostalgia soviética, que tanto encanta alguns setores da esquerda stalinista que visitam a Rússia ou acompanham alguns sites russos, segue predominando na Rússia uma opinião pública de direita, extremamente reacionária, não apenas no terreno dos costumes, mas também na política, nas relações internacionais, inter-religiosas e inter-étnicas. A Rússia que restabeleceu o Hino da URSS com uma nova letra é a mesma que “suspendeu” as paradas do orgulho LGBT por cem anos no país; a Rússia que mantém as estrelas de rubi no alto das torres do Kremlin é a mesma que condenou criminalmente três jovens que decidiram filmar um clipe de punk-rock no interior de uma igreja ortodoxa; o Estado russo que exalta o papel do Exército Vermelho na vitória sobre a Alemanha nazista é o mesmo que encarcera até os opositores mais moderados. Com a bandeira vermelha em punho, quem está despertando, na verdade, é o gendarme europeu do século XIX, a ponta de lança da reação, a velha prisão dos povos. Prova disso é o fato de que o pensamento crítico que a seu tempo ofereceu uma explicação e uma saída para a URSS – o pensamento político de marxistas como Leon Trótski – continua semi-banido. Na melhor das hipóteses, tolerado. As organizações da esquerda não-stalinista levam uma existência muito difícil na Rússia atual. Suas ideias são consideradas utópicas e até infantis. Os “novos russos”, burocratas de Estado e conservadores em geral zombam do socialismo durante a tarde, mas se divertem à noite no restaurante “Buffet Especial”, cuja entrada principal ostenta uma enorme foto do “camarada Brejnev” em um de seus momentos raros de descontração.

Referências Bibliográficas

ALEKSIÉVITCH, S. *O fim do homem soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 29.

KALININ, I. *Kulturnaia politika kak instrument demodernizatsii. (Política cultural como instrumento de desmodernização)*. 2015. Revista eletrônica "Neprikosnovennii zapas". Disponível em: <http://polit.ru/article/2015/02/15/cultural_policy/>. Acesso em: 21 fev. 2017.

KALININ, I. Nostalgic Modernization: the Soviet Past as "Historical Horizon". (Modernização nostálgica: o passado soviético como "horizonte histórico"). *Slavonica*, Leeds, n. 2, p. 156-166, nov. 2011.

KUPINA, N. A.; MIKHÁILOVA, O. A. (Org.). *Sovetskoe proshloe i kultura nastoiashego. (Passado soviético e cultura do presente)*. Ekaterimburgo: Izdatelstvo Uralskogo Universiteta, 2009. 640 p. 2 v.

LEONTIEV, O. B. *Istoritcheskaia pamiat i obrazi proshlogo v rossiiskoi kulture XIX - natchala XX vv. (Memória histórica e imagens do passado na cultura russa do século XIX início do século XX)* Samara: Kniga, 2011, p. 19.

MORABITO, F. *A Rússia pelo cinema de Nikita Mikhalkov*. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Literatura e Cultura Russa, Departamento de Letras Orientais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 61.

PARFENOV, L. *Televidenie nashe iavliaetsia vlastnim piarom (Nossa televisão é um poderoso public relations – Entrevista)*. 2008. Disponível em: <<http://sobesednik.ru/publications/sobesednik/2008/12/47/parfenov-47-2008>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

PUTIN, V. *Poslanie Prezidenta Federalnomu Sobraniu. (Mensagem do Presidente à Assembleia Nacional)*. 2005. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/transcripts/22931>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

PUTIN, V. *Poslanie Prezidenta Federalnomu Sobraniu. (Mensagem do Presidente à Assembleia Nacional)*. 2012. Disponível

em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/17118>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

PUTIN, V. *Poslanie Prezidenta Federalnomu Sobraniu. (Mensagem do Presidente à Assembleia Nacional)*. 2014. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/47173>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

REZANOVA, Z. I. (Org.). *Nostalgia po sovetskomu. (Nostalgia soviética)*. Tomsk: Izdatelstvo Tomskogo Universiteta, 2011, p. 59.

USHAKIN, S. *“Mi u prochlogo ne uchimsia, mi im jivem (Nós não estudamos o passado, nós o vivemos Entrevista)*. 2015. Revista eletrônica “Neprikosnovennii zapas”. Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/nz/2015/4/11int.html>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

Passado imprevisível num tempo imprevisível: O centenário da Revolução de 1917 na Rússia contemporânea*

Boris Kolonitski** e Maria Matskevitch***

Resumo: Na Rússia, a política da memória adquire um papel de destaque em decorrência da limitação da política pública. Nas altas esferas oficiais, o centenário da revolução de 1917 é praticamente ignorado, embora sejam permitidas discussões científicas e a realização de projetos expositivos e educativos. Os atores políticos quase não usam a memória da revolução, e no espaço público estão ausentes eventos relevantes ligados ao centenário. A história da revolução é considerada “passado não-utilizável”. A memória cultural influencia a política da memória. A avaliação sobre as consequências da revolução por parte dos cidadãos russos é contraditória e pouco mudou desde 1990. Junto com isso, a maioria nega a possibilidade de uma nova revolução. A tendência dos últimos anos é o distanciamento no nível de conhecimento histórico e percepção do passado entre a geração mais velha e a mais nova.

Abstract: In Russia, the politics of memory play a special role, in view of the limits on public politics. At the highest official level, the anniversary of the Revolutions of 1917 is being ignored, although academic discussions are permitted. There are also exhibits and educational projects. Political figures do not refer to the memory of the revolution, and there are no significant events in the public space linked to the anniversary. The history of the revolution is «unusable past.» Cultural memory influences the politics of memory. Citizens’ assessment of the consequences of the revolution is contradictory and has changed little since 1990, and the majority deny any possibility of a new revolution. The tendency of the last years is that of a divide in historical knowledge and assessment of the past between the older and younger generations.

Palavras-chave: Revolução Russa de 1917, centenário, política da memória, memória cultural.

Ключевые слова: Русская революция 1917 года, юбилей, политика памяти, культурная память.

*Artigo submetido em 08 de novembro de 2017 e aprovado em 11 de dezembro de 2017.

**Doutor em história, professor da Universidade Europeia de São Petersburgo, pesquisador-líder do Instituto de História de São Petersburgo da Academia Russa de Ciências. E-mail: boris_i_kol@mail.ru

***Doutora em sociologia, pesquisadora-sênior do Instituto Sociológico da Academia Russa de Ciências. E-mail: mmatskevich@yandex.ru

“Como serão as comemorações do centenário da revolução na Rússia?” Já faz alguns anos que escutamos essa pergunta de nossos colegas estrangeiros. Entretanto, mesmo agora, em setembro de 2017, não podemos dar uma resposta precisa: não sabemos o que correrá em novembro. A Rússia é frequentemente descrita como “um país com um passado imprevisível”: os regimes que se sucediam reescreviam apaixonadamente a história a partir de seus próprios objetivos políticos. Agora, nosso país pode ser descrito como um país com um passado especialmente imprevisível: seu desenvolvimento político no próximo período é imprevisível, qualquer mudança pode se expressar também na política da memória,¹ que assume um papel especialmente importante em condições de limitação da política pública.

Ao descrever a política da memória na Rússia contemporânea, os analistas prestam especial atenção às declarações do presidente da Federação Russa Vladimir Putin. Exatamente nelas busca-se a chave para a compreensão da política da memória promovida pelo Estado. Em dezembro de 2016, ao dirigir-se à Assembleia Federal,² o presidente Putin chamou a que se usasse o recurso do aniversário da revolução “para a pacificação, para o fortalecimento do consenso social, político e civil”. Ao mesmo tempo, Putin colocou-se contra o que considerou um uso abusivo do passado: “É inadmissível promover a ruptura, o ódio, a ofensa e o acirramento do passado em nossa vida atual; especular, em nome de interesses políticos próprios e de outros tipos, com a tragédia que atingiu praticamen-

¹ Política da memória: conceito surgido nos últimos anos nos estudos culturais russos. Designa as ações do Estado russo que têm por objetivo influenciar a memória histórica coletiva e a interpretação do passado russo. A política da memória (também referida por alguns autores como “guerra da memória”) tem desdobramentos na política cultural, científica, de comunicação etc. (N. do T.)

² Parlamento russo em seu conjunto, formado pelas câmaras baixa e alta: a Duma de Estado e o Conselho da Federação. (N. do T.)



Monumento à pacificação e ao consenso em Krasnodar (inaugurado em 1998). Fonte: <http://krasnodar861.ru/gorod/345-pamyatnik-primireniya-i-soglasiya.html>

te todas as famílias da Rússia, independente do lado das barricadas no qual se encontravam nossos ancestrais”.³ Não se pode dizer que esse projeto de pacificação e consenso é imposto apenas pelo centro federal. Existe com relação a ele uma certa demanda social. É ilustrativo, por exemplo, que monumentos à pacificação nacional já tenham sido erigidos em Novotcherkassk e Krasnodar.

No dia 19 de dezembro, Putin assinou uma ordem executiva para a preparação e realização de eventos relacionados ao centenário da revolução de 1917. Em função desta ordem, a Sociedade Histórica Russa formou um Comitê

Organizativo para a realização de atividades comemorativas e o Ministério da Cultura forneceu os fundos para sua concretização. Entre as atividades aprovadas pelo Comitê Organizativo, pode-se citar projetos expositivos, educativos, editoriais e científicos.⁴ Alguns desses projetos já foram concretizados e se realizaram conferências de diferentes dimensões. Não se pode dizer, contudo, que qualquer uma das atividades dessa lista tenha provocado uma grande discussão social. A lista das atividades especificamente comemorativas e cerimônias oficiais é incrivelmente curta. É verdade que nesta lista figura a inauguração, em 4 de novembro, do monumento à pacificação na Crimeia, em Sebastopol. Esse poderia ser um evento de importância. Entretanto, aparentemente, ninguém sabe se esse monumento será erguido. Em todo caso, a campanha para a arrecadação de fundos com vistas à construção desse monumento não pode ser considerada bem sucedida. Além disso, tal iniciativa provocou protestos. Não houve consenso.

As palavras de Putin foram tomadas por muitos na Rússia como uma orientação para a ação. Entretanto, não seria correto, em nossa opinião, exagerar seus significado. E não seria

³ Fonte: Portal oficial do presidente da Rússia: <http://www.kremlin.ru/events/president/news/53379>

⁴ O plano das atividades promovidas pelo Estado foi publicado no portal da Sociedade Histórica Russa: <http://rushistory.org/images/documents/plan100letrevolution.pdf>



Monumento à pacificação e ao consenso em Novotcherkassk (inaugurado em 2005) Fonte: [https://ru.wikipedia.org/wiki/Памятник_Примирения_и_Согласия_\(Новочеркасск\)](https://ru.wikipedia.org/wiki/Памятник_Примирения_и_Согласия_(Новочеркасск))

correto interpretar o aniversário ou descrevê-lo simplesmente como sendo o cumprimento das ordens do presidente.

Em primeiro lugar, o próprio Putin está limitado por suas declarações e ações anteriores. Obviamente, na história, há muitos casos em que os políticos mudam radicalmente sua orientação. Entretanto, tais giros abruptos estão ligados a riscos evidentes, que, em geral, os políticos buscam evitar. Assim, em 2014, comemorou-se amplamente na Rússia o início da Primeira Guerra Mundial. Em seu discurso durante a inauguração do monumento aos heróis daquela guerra, o presidente da Federação Russa declarou que a vitória foi roubada da Rússia pelas forças que realizaram um golpe.⁵ Neste discurso, ele não definiu com precisão esses “inimigos internos”, mas em algumas de suas declarações caracterizou negativamente Lenin.⁶

Em segundo lugar, o aniversário representa um recurso que é difícil – até mesmo impossível – de ser monopolizado. Assim, por exemplo, no período soviético, as datas comemorativas eram utilizadas para a promoção dos mais variados projetos, às vezes contraditórios uns com os outros. Isso se manifestou de maneira muito clara no período da “perestroika”, quando as palavras de ordem de Outubro eram às vezes utilizadas na luta contra o monopólio do poder por parte do Partido Comunista. A palavra de ordem de “Todo o poder aos soviets!” recebeu, nesta situação, uma nova vida.

Em terceiro lugar, qualquer projeto de memória é um recurso limitado. Não estamos falando apenas sobre os recursos materiais e humanos capazes de realizar tal projeto, mas também sobre as especificidades da memória cultural, sobre os conhecimentos históricos daqueles aos quais as mensagens correspondentes são endereçadas, porque a sua percepção é definida por tais fatores. As mensagens devem ser entendidas e interpretadas da forma apropriada.

⁵ Fonte: Portal oficial do Presidente da Rússia: <http://www.kremlin.ru/events/president/news/46385>.

⁶ A respeito da memória russa sobre a Primeira Guerra Mundial, ver: KOLONITSKI, 2017, p. 179 – 202.

Quais são os limitadores dessa política?

Há várias datas às quais podem ser associadas distintas ações comemorativas: em março de 1917 (fevereiro pelo calendário antigo) a monarquia foi derrubada na Rússia, e em novembro do mesmo ano (outubro pelo calendário antigo) os bolcheviques chegaram ao poder. Enquanto as estruturas de poder silenciavam sobre o aniversário da revolução, o centenário da queda da monarquia em fevereiro e março não foi marcado por ações significativas. Foram organizadas exposições, realizaram-se conferências científicas, surgiram novos livros (embora tenham saído até agora claramente menos livros em comparação com 2014, quando as livrarias estavam cheias de edições dedicadas à Primeira Guerra Mundial). Os meios de comunicação cobriram os eventos de 100 anos atrás (alguns projetos foram financiados com dinheiro público), mas até agora não houve nenhuma cerimônia oficial ligada ao aniversário. As estruturas de poder, ao que parece, tentam ignorar o aniversário, relacionando a história da revolução com o passado “não-utilizável”, inútil para as tarefas políticas atuais.

Às vezes, esse silêncio sobre o aniversário é explicado pelo medo diante da “exportação da revolução”, sentido pela elite política russa atual. Isso é indicado por observadores e analistas tanto estrangeiros,⁷ quanto russos.⁸ Tornaram-se quase que lugares-comuns expressões como: “O presidente Putin odeia a própria ideia de revolução”, “A narrativa do Kremlin de que... o Ocidente luta por implantar em toda parte governos que lhe sejam amigáveis através da promoção das ‘revoluções coloridas’”.⁹

De fato, alguns meios de comunicação e mesmo historiadores isolados chamam a derrubada da monarquia de “revolução colorida”, dando demasiada atenção à intervenção externa nos assuntos domésticos da Rússia e a todo tipo de conspiração.¹⁰

⁷ Cf. Schmemmann, 2017; Pomeranz, 2017; BASTIÉ, 2017.

⁸ Cf. Шелин, 2017; Яковлева, 2017; Калинин, 2017, с.11-20.

⁹ Mac Farquhar, 2017.

¹⁰ Cf. Пономарева, 2017, sobre porque os golpes políticos da atualidade repetem o esquema da Revolução de Fevereiro de 1917: “O Fundo Andrei Pervozvanni deu início ao projeto

Também o presidente Putin, como já vimos, em algumas de suas declarações anteriores, falou sobre o golpe pelas costas dado contra o heroico exército russo durante a Primeira Guerra Mundial.¹¹ Esta versão se expressa em algumas tendências de desenvolvimento da opinião pública. Assim, segundo dados do Centro Levada, em 1990, 6% dos entrevistados consideravam que a causa da revolução tinha sido “a conspiração dos inimigos do povo russo”. Em 1997 este número subiu para 11%. Depois de 2014, a busca por inimigos no passado e no presente se tornou ainda mais popular, tanto entre a elite, quanto entre o público em geral, e o número de partidários da interpretação conspirológica da história chegou a 20% em 2017.¹²

Entretanto, a crença em conspirações, mesmo quando sincera, não pode por si só explicar a não-utilização do recurso do aniversário. Além disso, em 2017 percebe-se uma certa redução do número de meios de comunicação que se dedicam às conspirações de há 100 anos atrás, ainda que este tema continue surgindo.

É pouco provável que a direção política do país tema uma explosão revolucionária: se acreditarmos nas pesquisas de opinião, a maioria dos habitantes do país acredita que a Rússia atual deve evitar a qualquer custo uma nova revolução. Ainda em 2012 (no início daquele ano ocorreram as maiores manifestações de protesto na Rússia dos anos 2000), 78% dos entrevistados pelo Centro Pan-Russo de Estudos de Opinião

educativo ‘Rússia 1917. Imagens do futuro’. A tarefa do projeto é contribuir com a obtenção de um amplo consenso social relativo à inadmissibilidade da repetição dos eventos que conduziram àquela enorme crise civilizacional”. Fonte: <http://rushistory.org/sobytiya/rekonstruktsiya-vyborov-v-uchreditelnoe-sobranie-1917-goda.html>; Цветные революции как последнее средство политики Запада (<http://inance.ru/2016/03/revolutsii/>) e muitos outros.

¹¹ “...a vitória [na Primeira Guerra Mundial] foi roubada do país. Roubada por aqueles que pregavam a derrota de sua pátria, do seu exército, que disseminavam a divisão dentro da Rússia, que buscavam o poder, traindo os interesses nacionais”. Fonte: Portal oficial do Presidente da Rússia (<http://www.kremlin.ru/events/president/news/46385>); “Nosso país perdeu essa guerra para o lado perdedor. Uma situação única na história da humanidade!... E isso foi o resultado da traição nacional da então liderança do país”. Fonte: <http://www.kremlin.ru/events/president/transcripts/deliberations/15781>

¹² Fonte: Centro Levada – pesquisa por amostragem entre a população adulta, março de 2017: <https://www.levada.ru/2017/04/05/oktyabrskaya-revolutsiya-2/>

Pública escolheram a variante de resposta “que não aconteça, não se pode permitir uma revolução no país”.¹³ Esta opinião é compartilhada por intelectuais populares,¹⁴ agentes da cultura,¹⁵ líderes oposicionistas¹⁶ e até por alguns participantes das ações de protesto: estes últimos supõem que, com suas ações, ajudam a evitar uma nova revolução.¹⁷

Este consenso antirrevolucionário, que é um elemento da cultura política da Rússia atual, serve de importante recurso ao poder. Segundo dados de pesquisas nacionais, ocorreu uma mudança na conotação do conceito de “revolução” na consciência da massa: de positiva (dominante não apenas no período soviético, mas também durante a perestroika) para negativa. Além disso, a mudança na conotação ocorreu fundamentalmente nos anos 1990 e foi associada não tanto com a revolução de 1917, quanto com a avaliação (mais frequente-

¹³ Fonte: pesquisa por amostragem feita pelo CPEOP (БЦИОМ), outubro de 2012: (<https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=113319>)

¹⁴ Por exemplo, o cientista político Vladimir Pastukhov escreve: “Eu não conclamo a uma nova revolução nem justifico uma revolução... Pessoalmente, eu preferiria que a Rússia não precisasse de uma” (<https://www.novayagazeta.ru/articles/2012/08/13/50971-gosudarstvo-diktatury-lyumpen-proletariata>); o escritor Dmitri Bikov diz: “revolução, quando as massas chegam e dizem ‘ei, vocês, desçam’ – isso [a Rússia] não viu e queira Deus que não veja”. Fonte: entrevista à rádio “Eco de Moscou”, 24.10.2014 (<http://echo.msk.ru/programs/personalno/1424030-echo/>); o economista Mikhail Deliaguin diz: “a revolução... desencadeia o mecanismo do caos, que depois pode não ser contido”, 17.04.2007. Fonte: <http://www.kasparov.ru/material.php?id=4624C31AD100A>.

¹⁵ Por exemplo, o diretor de teatro Mark Rozovski diz em uma entrevista: “Eu tenho medo de uma revolução, mas não se pode viver na escravidão”: <https://www.svoboda.org/a/28420794.html>; a popular atriz e dirigente do fundo de caridade “Presenteie Vida”, Tchulpan Khamatova, assim respondeu à pergunta sobre o que ela prefere – viver num país como a Coreia do Norte... ou uma revolução?: “eu escolheria a Coreia do Norte”. Fonte: entrevista ao canal de televisão “Dojd”, 7.06.2012 (https://tvrain.ru/teleshov/sobchak_zhivem/chulpan_khamatova_ya_by_vybrala_severnuyu_koreyu_a_ne_revolyutsiyu-286479/?utm_source=twi&utm_medium=social&utm_campaign=teleshov-sobchak_zhivem&utm_term=286479); em seu espetáculo, a diretora Ekaterina Koroliova muda o final do conto infantil “Cipollino”, escrito pelo comunista italiano Gianni Rodari. A revolta não ocorre, as mudanças vêm “de cima”, todos fazem as pazes: “já que eu morro de medo de qualquer revolução, então a mudança ocorre na cabeça dos heróis”. Fonte: RIA Novosti, 13.11.2013 (<https://ria.ru/culture/20131113/976587606.html>).

¹⁶ Por exemplo, o líder do partido oposicionista Iabloko, Grigori Iavlinski, diz: “revolução é uma coisa muito perigosa, ruim, que Deus não permita desejar isso a alguém”. Fonte: “Como evitar uma revolução, mas atender as exigências do povo?”. Entrevista à Rádio Finam 19.04.2011 (<http://www.yabloko.ru/video/2011/04/19>).

¹⁷ Cf. Matskevitch, 2017; MUKHIN, 2017, p. 8-11.

mente negativa) dos processos que ocorreram então na política e na economia e que muitos chamavam de revolução.

Assim, na pesquisa por amostragem do Centro Pan-Russo de Estudos de Opinião Pública feita em 2004 (a pesquisa foi feita dois anos antes do primeiro Maidan ucraniano, protesto que levou à mudança no poder na Ucrânia e influenciou visivelmente a opinião dos cidadãos russos), o conceito de revolução provocava sentimentos positivos em menos de 1% (0,69%) dos entrevistados.¹⁸ No ano em que a revolução de 1917 completou 90 anos esse número não havia mudado.¹⁹ Ao mesmo tempo, 30% em 2004 e 22% em 2007 tinham sentimentos negativos.²⁰ Em 2005, 38% das pessoas não podiam “justificar de forma alguma” uma revolução como “fenômeno histórico”, ocorrido em diferentes países em diferentes momentos, mas um número um pouco maior (42%) avaliavam-na como uma “inevitabilidade histórica”. Apenas 10,5% viam na revolução uma “chance de renovação”. Deve-se observar que o arranjo de posições quase não mudou em 2012, logo depois dos protestos massivos em Moscou. Com uma exceção: a revolução passou a ser vista como uma “chance de renovação” por 15%.²¹

A influência dos acontecimentos do presente na avaliação dos eventos históricos pode ser vista em relação aos conceitos de “socialismo” e “comunismo”, intimamente ligados à revolução na Rússia. É verdade que, no que diz respeito a esses conceitos, os cidadãos russos expressaram uma relação um pouco mais positiva. O socialismo foi positivamente avaliado por cerca de 12% dos entrevistados em 2004 e 2007; já o comunismo, por 7–8%.²² O socialismo recebeu reações negativas por parte de 11% dos entrevistados em 2004 e 15% em 2007; já o

¹⁸ Fonte: CPEOP (ВЦИОМ), março de 2004: https://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=14&q_id=1127&date=10.03.2004

¹⁹ Fonte: CPEOP (ВЦИОМ), março de 2007: http://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=417&q_id=33490&date=18.03.2007

²⁰ Fonte: CPEOP (ВЦИОМ), março de 2007: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=4271>

²¹ Fonte: CPEOP (ВЦИОМ), 2005 e 2012: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=113319>

²² Fonte: CPEOP (ВЦИОМ), março de 2004 e 2007: http://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=14&q_id=1128&date=10.03.2004 e http://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=417&q_id=33491&date=18.03.2007

comunismo, recebeu 19% e 26% de reações negativas nesses mesmos anos.²³

No período soviético, o culto à revolução foi tornado sagrado. Neste campo de influência se encontravam muitos anticomunistas, que invocavam uma revolução anticomunista. Hoje, na Rússia, são poucas pessoas que compartilham desse culto à revolução. Já na Ucrânia, há uma situação completamente distinta: o mito da revolução nacional – que é alimentado, às vezes inconscientemente, também pela tradição política soviética – exerce uma influência explícita sobre a prática política.²⁴

Ao mesmo tempo, negando a revolução como cenário atual e futuro, a população da Rússia contemporânea avalia de maneiras muito distintas a revolução do passado. Os dados das pesquisas nacionais feitas pelo Centro Pan-Russo de Estudos de Opinião Pública, pelo Fundo de Opinião Pública e pelo Centro Levada (“o grande trio” dos centros dedicados ao estudo da opinião pública) mostram a dinâmica da relação para com a Revolução de Outubro desde os anos 1990. Supõe-se que, ao longo dos últimos anos, o conteúdo e os princípios do ensino da história tenham mudado, surgiram novas gerações que estudaram segundo esses novos princípios.

Entretanto, se julgarmos pelo resultado das pesquisas, a relação para com a revolução mudou muitíssimo pouco, se é que mudou. O Centro Pan-Russo de Estudos de Opinião Pública e o Centro Levada perguntaram o quê, segundo a opinião dos entrevistados, a Revolução de Outubro trouxe “aos povos da Rússia”. Em 1990, 23% dos entrevistados concordava com a variante “abriu uma nova era na história dos povos da Rússia”. Passados vinte e poucos anos, 25%. Com a opinião de que ela “impulsionou o desenvolvimento social e econômico desses povos” concordaram 26 e 28% respectivamente.²⁵ Contudo, a relação para com a revolução divide a sociedade russa. Em

²³ Idem.

²⁴ Kolonitski, 2014.

²⁵ Fonte: Centro Levada, outubro de 2011 (em 2017 os percentuais praticamente não mudaram): <http://www.levada.ru/2011/11/02/oktyabrskaya-revolutsiya-prichiny-i-posledstviya/>

1990, 18% das pessoas concordavam que a revolução “freou o desenvolvimento” da Rússia, e praticamente o mesmo percentual (19%) vinte anos depois. 12 e 18% concordavam que “ela foi uma catástrofe para eles [os povos da Rússia]”.²⁶ A pesquisa do Centro Pan-Russo de Estudos de Opinião Pública revelou praticamente os mesmos números, à exceção da variante “foi uma catástrofe para a Rússia”. A mudança na formulação da pergunta – de “povos da Rússia” para “país” fez com que a quantidade de pessoas que consideraram a revolução uma catástrofe subisse para 18% em 2012.²⁷

Ao longo de quase trinta anos, praticamente não mudou a posição dos grupos populacionais segundo o critério social-demográfico: os mais velhos, com baixa escolaridade, moradores de cidades pequenas e aldeias concordam com a ideia de uma “nova era” mais frequentemente que os demais grupos. Os jovens, com ensino superior, moradores das megalópolis concordam com as avaliações negativas sobre as consequências da revolução com maior frequência do que a média.

Os últimos anos trouxeram pouca coisa nova também na definição das causas da revolução: apenas a variante “difícil situação dos trabalhadores” é nomeada hoje por cerca de metade dos entrevistados, enquanto em 1990 essa resposta era dada por dois terços. Todos os fatores tradicionais restantes, aprendidos ainda na escola, têm aproximadamente a mesma quantidade de adeptos. Como foi dito acima, ainda em 1997, cresceu um pouco a quantidade de defensores da versão sobre a “conspiração dos inimigos do povo russo” como motivo da revolução (de 6 para 11%). Desde então, o quadro manteve-se estável, até a segunda metade dos anos 2010, quando a versão conspirológica se tornou popular entre 1/5 (20%) dos entrevistados. Além disso, em 2017, a ideia da “fraqueza do poder governamental” como motivo da revolução se tornou popular entre quase metade (45%) dos entrevistados.²⁸

²⁶ Idem.

²⁷ Fonte: CPEOP (БЦИОМ), outubro de 2012: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=113319>

²⁸ Fonte: Centro Levada, março de 2017. O total de respostas pode superar os 100%, já que podia-se escolher mais de uma variante: <https://www.levada.ru/2017/04/05/oktyabrskaya->

O que realmente sofreu modificação significativa quando comparado com o período final da perestroika foi a inclinação das pessoas em escolher um ou outro lado do antigo conflito. Ao longo de muitos anos, os pesquisadores propuseram aos entrevistados escolher uma variante de comportamento em 1917. Ao longo desses anos, diminuiu em mais da metade o número daqueles que teriam “contribuído ativamente” ou “contribuído em algo” com os bolcheviques (de 67% em 1990 para 28% em 2017). A variante de luta contra os bolcheviques permaneceu igualmente pouco significativa, tanto em 1990 quanto atualmente (de 5 para 8%). Em compensação, quase dobrou o número daqueles que opinaram que era possível “aguardar” o desfecho dos acontecimentos. Em 1997 e em 2017 essa variante de resposta recebeu o maior apoio, uma vez que foi escolhida por um terço dos entrevistados (33% contra 18% em 1990).²⁹ A principal tendência dos últimos dez anos (desde 2007) é a negativa em responder e o apelo à variante “difícil dizer”. Exatamente assim responde a maioria dos jovens até 30 anos e uma parte considerável daqueles que tem até 45 anos.

De conjunto, segundo dados do Centro Levada, em 2017, 48% dos cidadãos consideram, com este ou aquele grau de convicção, que a Revolução de Outubro cumpriu um papel positivo na história russa, enquanto 31% consideram que esse papel foi negativo.³⁰ Uma divisão próxima (40% e 29%) foi revelada pelos dados do Fundo de Opinião Pública há 10 anos atrás.³¹

O número de pessoas que considera Lenin o personagem mais negativo do período da revolução cresceu de 5 para 13% nesse mesmo intervalo. Ao mesmo tempo, o número daqueles que, entre todos os personagens do período revolucionário, nutrem especial simpatia por Lenin caiu de 67% em 1990 para 26%.³² Entretanto, em primeiro lugar, Lenin é, de qualquer

-revolyutsiya-2/

²⁹ Fonte: Centro Levada, março de 2017: <https://www.levada.ru/2017/04/05/oktyabrskaya-revolyutsiya-2/>

³⁰ Idem.

³¹ Fonte: Fundo de Opinião Pública, outubro de 2007: <http://bd.fom.ru/report/map/d074421>

³² Fonte: Centro Levada, março de 2017: <https://www.levada.ru/2017/04/05/oktyabrskaya-revolyutsiya-2/>

forma, um dos líderes populares do século 20 (segundo dados de todos os centros de pesquisa). Em segundo lugar, este percentual praticamente não mudou desde 1997. É sintomático o fato de que, como já mencionamos, o presidente Putin tenha se referido negativamente ao papel de Lenin em algumas de suas declarações públicas. Mas ele deve contar com os humores de muitos cidadãos que sustentam outro ponto de vista: ele necessita do apoio dessa parte do espectro político.

Junto com isso, a tentativa de alguns atores de se apresentarem como “herdeiros legítimos” das forças políticas de 1917 leva menos à pacificação do que ao conflito. Um exemplo disso são as iniciativas da deputada da Duma de Estado N. Poklonskaia, que faz lobby por um projeto de memória histórica que coloca no centro da narrativa a figura santificada de Nicolau II, canonizado pela Igreja Ortodoxa Russa. Tal projeto de evidente e agressivo abandono do caráter secular da política da memória oficial contradiz objetivamente a política de “pacificação” declarada, uma vez que as distintas forças sociais, às vezes em oposição umas às outras, não estão preparadas para aceitá-la.

Em especial, surgiu um conflito em torno ao filme do diretor A. Utchitel, cuja estreia oficial está marcada para o fim de outubro (por enquanto, houve apenas exposições não-oficiais).³³ O filme não é antimonarquista. No entanto, a própria tentativa de contar a história do romance pré-nupcial do futuro imperador é recebida por Poklonskaia e outros fundamentalistas ortodoxos como uma ofensa aos sentimentos dos fieis. Isso leva a excessos: ouviram-se chamados para que se incendiasse os cinemas que exibirem o filme, e uma tentativa dessas foi feita.³⁴ Enquanto isso, no estúdio cinematográfico em que o filme

-revolyutsiya-2/

³³ Trata-se do filme *Matilda* (Alexei Utchitel, Rússia, 2017), um drama histórico que retrata as relações entre Matilda Khesinskaia, primeira-bailarina do Teatro Marinski de São Petersburgo, e o herdeiro do trono russo, Nikolau Alexandrovitch, futuro czar Nikolau II. (N. do T.)

³⁴ Morador de Irbit invadiu o cinema em Ekaterimburgo em que estava sendo exibido o filme “Matilda”. Suspeito confessou o crime. 04.09.2017: http://www.newsru.com/russia/04sep2017/ekat_2.html

foi rodado, foi jogado um “coquetel Molotov”.³⁵ Interessante que a polêmica sobre um filme que pouca gente até agora assistiu tenha se tornado a discussão social de maior ressonância no centenário da revolução. Nisso se expressa o conflito relativo ao processo de secularização e dessecularização na sociedade russa contemporânea e, ao mesmo tempo, a surpreendente ausência (segundo a opinião da maioria dos analistas) de outros eventos ligados ao centenário da revolução e que sejam significativos para um amplo círculo de cidadãos russos.

Há muito poucas chances de que os cidadãos mudem sua relação com a revolução ao longo do ano do centenário. Ao contrário, pode-se afirmar que eles preservarão sua “opinião forte”. Na Rússia atual, não há praticamente ninguém que não saiba pelo menos alguma coisa sobre os eventos ocorridos em 1917 (embora nossos contemporâneos supervalorizem seus próprios conhecimentos às vezes). Assim, segundo dados do Fundo de Opinião Pública, em 2014, a revolução entrava na lista dos cinco eventos cujas datas a grande maioria (mais de 60%) dos cidadãos considerava necessário saber. Além disso, o ano da revolução foi corretamente apontado pela esmagadora maioria (77%)³⁶, o que supera sensivelmente até mesmo a quantidade daqueles que lembram a data correta de um evento muito mais próximo em termos temporais: o fim da URSS.

Isso não significa que a população russa saiba realmente muito sobre a revolução. Como ocorre com muitos outros eventos históricos, cerca de metade dos russos (47%) considera seus conhecimentos “ruins” ou “muito ruins”. Além disso, esse indicador é maior entre as pessoas com menos de 35 anos (cerca de 60%).³⁷ Por exemplo, em 2007, quando se comemorou amplamente (diferente de hoje) o aniversário de 90 anos da revolução, somente 15% dos entrevistados afirmou que não

³⁵ Contrários a “Matilda” queimaram automóvel. Portal informativo “Fontanka.ru”. 11.09.2017: <http://www.fontanka.ru/2017/09/11/011/>

³⁶ Fonte: Fundo de Opinião Pública, setembro de 2014: <http://fom.ru/Proshloe/11896>

³⁷ Fonte: CPEOP (БЛЦИОМ), setembro de 2017: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=116396>

tinha ouvido falar nada sobre a Revolução de Fevereiro.³⁸ Entretanto, mais da metade daqueles que “ouviram” ou “sabem” não puderam dizer nada relacionado ao evento. Pelas respostas de cerca de 10% dos entrevistados, ficou evidente que, em sua memória, se fundiram os eventos de todas as revoluções do início do século 20, não somente a de 1917, mas também a de 1905. Em sua maioria, as repostas foram extremamente vagas: se contentaram em dizer que “viram isso na escola” e fizeram observações genéricas sobre a revolução. Somente 10% dos entrevistados emitiram julgamentos ou apontaram fatos relacionados especificamente à Revolução de Fevereiro, aos personagens e acontecimentos daquele período específico. E mesmo assim, foram apontados apenas os fatos mais gerais, encontrados nos livros didáticos soviéticos e nos materiais de propaganda.³⁹ A situação da memória relativa à Revolução de Outubro é diferente, mas não muito. Cerca de 20% dos entrevistados fizeram afirmações que tinham uma relação precisa com os eventos de outubro de 1917.⁴⁰ Mas as afirmações feitas também não extrapolavam os limites dos livros didáticos soviéticos sobre história. Dentre as considerações feitas, predominavam as negativas, que descreviam o caos e a destruição, mas sem quaisquer detalhes. É evidente que, neste caso, estamos lidando com o lado emocional da memória sobre a revolução, uma memória fundada não sobre conhecimentos históricos, e sim dependente sobretudo dos fatos, sentimentos e valores do tempo presente.

Em parte, a explicação para essa situação pode estar no fato de que um nível comparativamente maior de conhecimento histórico (independentemente da distância temporal entre o fato histórico e o presente) foi encontrado somente entre os nascidos antes de 1975, ou seja, entre aqueles que concluíram o ensino escolar ainda no período soviético). Dessa forma, as pesquisas massivas, regra geral, revelam associações (principalmente aquelas ligadas às figuras históricas) próprias dos

³⁸ Fonte: Fundo de Opinião Pública, fevereiro de 2007: <http://bd.fom.ru/report/map/d070825>

³⁹ Idem.

⁴⁰ Fonte: Fundo de Opinião Pública, outubro de 2007: <http://bd.fom.ru/report/map/d074421>

grupos de maior idade, associações essas absorvidas por esses grupos ainda no período soviético. As gerações mais jovens, como regra, não respondem às “perguntas abertas” (que propõem ao próprio entrevistado formular a resposta) ligadas à história, reconhecendo a ausência de conhecimentos sobre tal tema.

Em recente pesquisa por amostragem do Centro Pan-Russo de Estudos de Opinião Pública (2017), 27% dos entrevistados indicaram corretamente o nome do último chefe do Governo Provisório, A. Kerenski.⁴¹ Ao mesmo tempo, nessa pergunta, assim como em todas as outras ligadas à história, evidencia-se uma grande diferença entre as gerações. Entre as pessoas com menos de 35 anos, 5-6% responderam corretamente; entre 35 e 40 anos – 19%; e entre aqueles com mais de 45 anos – 42-43%.⁴² Ao longo dos últimos anos, esse afastamento entre as gerações de russos em termos de conhecimento histórico só aumentou. Inclusive, o conhecimento daqueles que concluíram o ensino escolar há pouco tempo é significativamente pior do que o daqueles que concluíram o ensino médio há três ou quatro décadas. Isso pode ser explicado pelo processo, observado em muitos países, de mudança daquilo que se considera “necessário” saber e a percepção da necessidade de adaptação a uma certa “norma”. Entretanto, segundo dados de pesquisas nacionais, nos países da Europa e América, não se observa tanta discrepância entre as gerações mais velhas e as mais jovens.

Uma discrepância tão grande quanto esta no conhecimento dos russos é vista também na questão “quem os bolcheviques derrubaram”? Somente 11% respondem corretamente: “o governo Kerenski”. Além disso, as respostas corretas variam de 1-3% entre os grupos mais jovens até 14-19% entre os mais velhos.⁴³ Ao que tudo indica, a maioria dos cidadãos russos considera que foi exatamente a Revolução de Outubro que le-

⁴¹ Fonte: CPEOP (БЛЦИОМ), setembro de 2017: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=116396>

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

vou ao fim da monarquia, e não a Revolução de Fevereiro. Isso está em consonância com o fato de que quase metade dos entrevistados concordou com a variante de resposta proposta: “A Revolução de Fevereiro de 1917 não teve, por si só, nenhum significado, sendo simplesmente uma primeira etapa (preparatória) da Revolução de Outubro”.⁴⁴

Vale observar mais um aspecto: pela forma como os pesquisadores formularam as perguntas e as variantes de respostas, fica bastante visível que os autores das perguntas compartilham de muitas das visões difundidas hoje sobre o passado, inclusive sobre a revolução de 1917, sendo que nem todas essas visões são confirmadas pela pesquisa histórica contemporânea.

Entretanto, uma “opinião forte”, junto com um nível não muito elevado de conhecimento histórico, é um fator muito importante que influencia na percepção das mensagens informativas. Por isso, percepções tão diferentes, frequentemente opostas, sobre a história da Revolução Russa permanecerão. Pode ser que haja uma demanda por pacificação na Rússia, mas não se observa o desejo de encontrar uma visão consensual sobre os fatos de cem anos atrás, nem a tentativa de corrigir suas próprias visões.

Nessa situação, as ações do presidente Putin e seu círculo próximo são, a seu modo, pragmáticas, pois levam em consideração as particularidades da opinião pública na Rússia contemporânea. A tarefa de “pacificação”, declarada OFICIALMENTE, não é realizável no próximo período. Por isso, a memória sobre a revolução é considerada inadequada para uso político. As esferas do poder permitem uma discussão histórica relativamente livre em círculos científicos, às vezes até mesmo oferecendo ajuda financeira às distintas iniciativas. Entretanto, os debates entre os pesquisadores não têm grande significado social e estão propositalmente limitados às fronteiras das “reservas” acadêmicas. Outras forças políticas – à exceção, talvez, da Igreja Ortodoxa – também não consideram

⁴⁴ Fonte: Centro Levada, janeiro de 2017: <http://www.levada.ru/2017/02/14/fevral'skaya-revolutsiya-1917/>

a memória sobre a revolução útil para a utilização política nos dias de hoje.

É difícil construir hipóteses sobre os eventos comemorativos oficiais e não-oficiais marcados para outubro e novembro de 2017, pois a situação socio-política é bastante indefinida. Pode-se apenas supor que as instituições do poder vão continuar a não utilizar o recurso do centenário, evitando assim que o status quo sofra qualquer abalo. A ausência de quaisquer ações por parte do Estado em fevereiro-março (centenário da queda da monarquia) fala em defesa deste prognóstico. E não parece que a sociedade exerça aqui qualquer influência.

Referências Bibliográficas

BASTIÉ, Eugénie. "Centenaire de 1917: "Poutine préfère Staline à Lénine" (un entretien à Michel Eltchaninoff). Le Figaro, 24/03/2017. Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/vox/histoire/2017/03/24/31005-20170324ARTFIG00338-centenaire-de-1917-poutine-prefere-staline-a-lenine.php>

КАЛИНИН И. Призрак юбилея. Неприкосновенный запас, № 111 (1/2017). (<http://nlobooks.ru/node/8279>)

KOLONITSKI, Boris. "Resursi kulturnoi pamiati i politika pamiati o pervoi mirovoi voine v Rossii" // Cahiers du Monde Russe. 2017. № 58 (1-2). pp. 179 – 202.

----- "Why Russians Back Putin on Ukraine". The New York times. 11 de março de 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/03/12/opinion/why-russians-back-putin-on-ukraine.html>

MAC FARQUHAR, N. "Revolution? What Revolution?" Russia Asks 100 Years Later". The New York Times, March 10, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/world/europe/russian-revolution-100-years-putin.html>

MATSKEVITCH, M. "O que revelou de inesperado a pesquisa de qualidade feita entre os jovens que foram à manifestação do dia 11 de abril de 2017" (<http://www.online812.ru/2017/04/11/011/>)

MUKHIN, A. "Pesquisa de qualidade entre manifestantes". *Go-rod* 812, 2017, Nº 7 (362).

POMERANZ, William E. "Why Putin will be skipping the 100th anniversary of the Russian Revolution". *Wilson Center Kennan Institute Blogs*, February 22, 2017. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/blog-post/why-putin-will-be-skipping-the-100th-anniversary-the-russian-revolution>

ПОНОМАРЕВА, Е. Помнить уроки прошлого: Известия, 20.02.2017 (<https://iz.ru/news/664618>)

SCHMEMANN, S. "The Russian Revolution: Then and Now". *The New York Times*, March 16, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/16/opinion/the-russian-revolution-then-and-now.html>

ШЕЛИН С. "Власть больше не управляет ни будущим, ни прошлым". Информационное агентство Росбалт, 31.03.2017 (<http://www.rosbalt.ru/blogs/2017/03/31/1603794.html>)

ЯКОВЛЕВА Е. "Февраль и олигархи: Мединский напомнил о главных причинах и уроках февральской революции", *Российская газета*, 18.02.2017 (<https://rg.ru/2017/02/18/medinskij-napomnil-o-glavnyh-prichinah-i-urokah-fevralskoj-revoliucii.html>)

Portal oficial do Presidente da Rússia: <http://www.kremlin.ru/>
Centro Levada: <https://www.levada.ru/>

СРЕОР (ВЦИОМ): <https://wciom.ru/>

Portal informativo "Fontanka.ru": <http://www.fontanka.ru/>

Fundo de Opinião Pública: <http://bd.fom.ru/>

Tradução: Henrique Canary⁴⁵

45 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa, FFLCH/USP.

artigos

Literatura e Estudos Culturais*

Para Boris Schnaiderman

Aurora F. Bernardini**

Resumo: Ao analisar neste artigo, primeiramente, as diferenças entre marxismo e estruturalismo no que se refere, em particular, a como se dá a inserção da obra literária no âmbito da cultura, destaca-se, em seguida, os conceitos de “amplificação” de A. K. Jolkóvski e de “ficção e realidade” de Ruy Coelho.

Abstract: Apart from some differences we find in marxist and structuralist conceptions of civilization, and culture concerning literary work, we give particular emphasis to A.K. Jolkovsky’s ideas on “amplification” and to R. Coelho’s ideas on “fiction and reality”.

Palavras-chave: Eagleton; Jolkóvski; Ruy Coelho
Keywords: Eagleton; Jolkovsky; Ruy Coelho

Introdução

*Artigo submetido em 22 de setembro de 2017 e aprovado em 15 de dezembro de 2017. Atribuímos aqui ao termo “literatura” a acepção da crítica russa de “literatura artística”, ou seja, localizável em qualquer obra poética, ficcional e/ou estilizada, que implique, em sua fatura, o uso mais ou menos denso das figuras de retórica em todos os seus níveis.

**Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: bernaaur2@yahoo.com.br

Há obras literárias que se prestam admiravelmente a uma abordagem sociológica. Até o insuspeito *Robinson Crusoe*¹, que deve o poder do seu sucesso às suas qualidades mitológicas e arquetípicas patentes e de força indiscutível, não escapa disso. Pois do que trata, no fundo, o livro? Tal como salientou Ian Watt em seu ensaio “Robinson Crusoe as Myth”², o mito desvelou os três aspectos que havia por baixo dele: a Volta à natureza, a Dignidade do Trabalho e o Homem econômico.

Para Jean-Jacques Rousseau – que faz com que o leitor de *Émile: ou, de l'éducation*³ declare ser Robinson Crusoe o único livro permitido ao seu aluno – a ilha de Crusoe é uma ilha de paz e felicidade, intocada pela civilização. Por outro lado, para Daniel Defoe e a cultura ocidental capitalista e imperialista que ele glorifica, a ilha é uma oportunidade para a colonização, para o desenvolvimento e o melhoramento das práticas tecnológicas que Crusoe pôde implementar graças aos instrumentos e às armas que conseguiu salvar do naufrágio, sem as quais teria vivido – se não sucumbido – como um mero selvagem. Considerações como essas fariam a alegria de divulgadores do pensador veteromarxista Raymond Williams – pensador este cujo projeto cultural é motivado pela intervenção política⁴ e cujas propostas visam verificar como as formas de vida de uma sociedade moldam os projetos e as obras dessa mesma sociedade. Há uma interconexão entre projeto e formação sócio-histórica, coisa que Williams expõe enfaticamente. Os homens fazem sua história, mas não nas condições que escolheram: é o seu ser social que determina sua consciência. Ou,

¹ Cf. DEFOE, 2003.

² WATT, 2010, p. 175.

³ Cf. ROUSSEAU, 1962.

⁴ CEVASCO, 2006, p. 65.

ainda:⁵ as pessoas já estão inseridas na ideologia corrente que estrutura sua subjetividade. Como então lutar contra o mundo dominante?

Para o crítico F. R. Leavis, mencionado no livro acima,⁶ editor da revista *Scrutiny*, da década de 1930, contrariamente aos marxistas, que insistiam em ver a literatura como parte do mundo real da cultura/civilização, a civilização e a cultura são duas facções antitéticas (mundo real e mundo espiritual, respectivamente), estando a literatura no âmbito do mundo espiritual (cultura), onde, de certa forma – exerceria um tipo de crítica (e vigilância) do mundo real.

Preservar essa cultura humana demanda mantê-la autônoma e autossuficiente. Uma vez que o marxismo pensa a cultura como algo que se dá no mundo real, acaba implicado – sempre segundo Leavis – na ordem que quer combater, ou seja... no mundo “do rádio, do cinema e do carro econômico”,⁷ ou, como diríamos hoje, no mundo “saturado pelos objetos publicitários, pelo bombardeio imagético da mídia, pelo acesso imediato às informações e às imagens que temos pela internet, pelas identificações de minorias que se definem a partir de identidades e de discursos onde as palavras corretas devem estar fixadas em seus lugares”.⁸

Mas, objetiva-se, se essa “cultura” ideal, isolada do mundo concreto, tem a função de “educar” o mundo real, quem educa os educadores e para quê?”

A pergunta fica no ar.

Já Terry Eagleton e Matthew Beaumont, em *A tarefa do crítico*, tomam o termo “cultura” na acepção antropológica de “conjunto de leis, hábitos e transformações internas de uma determinada sociedade”,⁹ que é a acepção corrente, hoje, e “civilização” no sentido de “educação”, ou seja, submissão a cer-

⁵ Ibidem, p. 115.

⁶ LEAVIS apud CEVASCO, Op. cit., p.120.

⁷ Ibidem, p. 121.

⁸ WISNIK, 2012, p. 197.

⁹ EAGLETON, 2010, p. 315.

tas normas de comportamento e hábitos intelectuais e morais determinados em cada sociedade, em nome da convivência e contrários ao “barbarismo”. (Embora se referindo ao que escreveu em seu *Reason, Faith and Revolution*,¹⁰ diga Eagleton: “A oposição que está se expandindo na ‘guerra ao terror’ não é entre a civilização e o barbarismo, mas entre a civilização e a cultura. Nós temos a civilização; eles têm a cultura. A cultura se torna um novo nome para o barbarismo”.

Discussões e definições à parte, resta o fato óbvio que a literatura é sim parte da cultura e da civilização de um povo (e de vários povos, uma vez por eles assimilada), mas com características específicas que fazem toda a diferença.

Se a literatura não é o real, ela também não é o espiritual, mas – diz Ruy Coelho,¹¹ que retomaremos mais adiante – a literatura é experiência virtual de vida. Nessa sua natureza de experiência virtual de vida, surgem as primeiras diferenças com a vida real. Abordemo-las em várias frentes. A primeira devo-a ao professor Boris Schnaiderman, a quem dedico este ensaio, que, entre outros tantos estudos, me iniciou no do Estruturalismo da ex-URSS, tão rico de achados engenhosos e de descobertas surpreendentes.

1. Da Amplificação

Em seu ensaio “Sobre a amplificação”, pergunta o estudioso russo A. K. Jolkóvski: “O que é um amplificador?”¹² Em termos gerais, é um dispositivo que recebe algo em pequena quantidade e o emite, sem mudá-lo, em grande quantidade, explica N. W. Ross Ashby.¹³

A ação do amplificador dá a ilusão de uma violação da lei da conservação da energia e, como consequência disso, a amplificação produz um efeito mágico. “Mágico” é a palavra exata, pois o mágico que o homem sempre sonhou consiste justamente

¹⁰ Ibidem, 2009, p. 288.

¹¹ COELHO, 1979, p. 136.

¹² JOLKÓVSKI, 1962, p. 166-171.

¹³ Cf. ASHBY, p. 1956.

em se obter um efeito milagroso com o mínimo de esforço, que – nesse caso – é puramente simbólico... “A amplificação produz-se quando dois sistemas se conjugam de maneira que as forças de 0, 1, 2... *dinas* venham a corresponder a forças de 0, 1000, 2000... *dinas* (ou com outros coeficientes)”.

No processo de amplificação, uma pequena quantidade de energia, agindo como sinal, põe em movimento grandes massas de energia armazenada que se liberta e produz efeitos de grande monta. Os ritmos de desenvolvimento tornam-se muito velozes.

Ora, a obra de arte literária é construída a partir de fragmentos de realidade, tal como um amplificador complexo a várias fases, que age dentro da consciência do leitor. Seu desenvolvimento procede em pequenos passos (tal como o autor o concebeu), que, uma vez aceitos pelo receptor como plausíveis, adquirem uma importância bem maior, graças à amplificação. A relação entre ação do artista e trabalho da imaginação do fruidor pode ser verificada em todos os níveis da obra.

A ação da imaginação do fruidor é encarada pelo artista como um enorme reservatório de energia intelectual e faz com que o autor/narrador consiga conduzir nossos pensamentos e nossos sentimentos às metas previstas, no itinerário que se costuma chamar entrecho da obra. Como exemplos de amplificação em outra modalidade artística, veja-se o filme sobre o general Dessaline, que devia ser desarmado, proposto por Eisenstein em suas aulas de direção. De que forma o chefe dos insurretos haitianos poderia ser desarmado pelos oficiais franceses sem levantar suspeitas? “É uso desvestir-se das armas antes de sentar-se à mesa do banquete”. Essa foi a resposta escolhida, durante as aulas de Eisenstein, e Dessaline de nada desconfiou: o máximo de efeito com o mínimo de esforço.¹⁴

Outro exemplo de amplificação pode ser encontrado no jogo de damas ou de xadrez, ou em certos feitos históricos, como, por exemplo, aquele em que o general espartano Leônidas, com 300 guerreiros, consegue exterminar o exército persa de 30.000 homens, na garganta das Termópilas, dispondo seus homens no alto da colina.

¹⁴ Cf. NIJNI, 1958.

2. Arte e não arte

A primeira grande diferença entre vida e arte está aqui. O que se submete à ação do amplificador na ciência, no xadrez, na guerra são conceitos muito particulares e, portanto, acessíveis apenas a um restrito círculo de pessoas, sendo que o efeito de amplificação é circunscrito. O que se submete a esse fenômeno, na arte, são coisas corriqueiras, por todos conhecidas: a vida, a morte, o nascimento, o amor, os encontros, as opiniões, os pequenos acasos... A amplificação, rara na vida, encontrada em ocasiões de “sincronia” ou “coincidência”, é condição *sine qua non* na arte, e esta é a segunda característica que a diferencia daquela. Por isso seu efeito é concentrado e inelutável. Em qualquer entrecho o efeito de amplificação consiste na construção de uma série de fatos tais que deem a impressão de se desenvolverem naturalmente. O próprio curso dos acontecimentos constitui um amplificador da compreensão do fruidor e – consequentemente – a assim chamada “representação objetiva da realidade” exprime, ao mesmo tempo, a atitude do autor em relação a ela. Trata-se da transformação da representação em expressão, a tal expressão retomada por Bakhtin quando ele insiste na “vyskazyvanie” como sendo a obrigação que cada um tem de expressar a sua unicidade. Mas as representações artísticas não somente são dotadas de moto próprio: elas mantêm em si mesmas a sua própria explicação. Veja-se como a questão é sempre atual. No jornal *Folha de S. Paulo* de 12 de setembro de 2012, Marcelo Coelho, em sua coluna intitulada Emissários do Sul, comentando a coletânea de contos selecionados por Luis Gusmán *Os Outros - Narrativa argentina contemporânea*, diz: (...)

“Na maioria dos contos escolhidos por Gusmán há um sentido da forma [estilo] que raras vezes aparece na escrita dos brasileiros [referindo-se à recente seleção da revista *Granta*]. Quero dizer com isso que um conto não é apenas uma peça de ficção mais ou menos curta, às vezes nem tão ficcional assim, com um título por cima. Não que faça sentido falar em regras fixas, mas o prazer e o EFEITO LITERÁRIO de um bom conto estão ligados a um certo sentido de

completude, de desfecho, que é ainda mais artístico quando a história termina com uma leve suspensão.”¹⁵

Ou seja, a narrativa se fecha, o escritor se cala, mas o enredo ainda guarda alguma coisa oculta que não escancara o seu segredo. Em *O Emissário*, de Guilherme Piro, um dos autores da coletânea, por exemplo, o senso na condução da narrativa faz com que, de pequenas em pequenas surpresas, tudo se ajuste no final...

A história termina como deveria terminar, mas no leitor, que vinha sendo levado pelas mãos do narrador, fica algo mais, que não termina com o conto. (A amplificação é ao mesmo tempo procedimento e resultado.)

A poética que estuda a estrutura das obras de arte procura fundar-se na concepção da obra como um fenômeno que produz um certo efeito e descobrir quais as componentes desse processo.

3. Estudos Culturais e criação

Tanto as análises marxistas, que estudam as ideologias dominantes na realidade (e, por reflexo, na literatura), quanto as estruturalistas, que buscam na cultura a manifestação de dados estruturais das obras e da sociedade, são justamente, análises e, conseqüentemente, abordagens expressas geralmente em forma de ensaio. Da mesma forma que são abordagens as análises sociológicas, psicológicas, históricas, estatísticas, geográficas, genéticas, psicanalíticas...

Enquanto abordagens, são estudos que implicam inteligência e compreensão. As criações artísticas e, em particular, as literárias, implicam, além disso, INTENÇÃO, CONVERSÃO e, principalmente, o ELEMENTO IMPONDERÁVEL que as integra.¹⁶

Por isso Crusoé trabalha para sobreviver, e não porque acredita no poder redentor ou na dignidade inerentes ao trabalho.

¹⁵ COELHO, 2012.

¹⁶ WISNIK, 2012, p. 177.

E não se pode esquecer que ele naufragou como cabeça de uma expedição ilegal para a compra de escravos e que seu final feliz ocorre quando ele descobre que, depois de deixar sua ilha, a plantação adquirida por ele no Brasil o tinha tornado um homem rico. Ele é, portanto, um capitalista aventureiro e um comerciante de escravos (não se pode esquecer, igualmente, que ele vendeu Xury, o menino que o acompanhou no Marrocos, ao capitão português).

Crusoé vive num estado de natureza que, ao lado das vantagens ecológicas disso derivadas, o expõe também a muitas desvantagens. Tal como escreveu Thomas Hobbes no *Leviathan*, no estado de natureza o homem se encontra também num estado constante de guerra com outros homens, temendo que eles possam vir a atacá-lo e matá-lo. De fato, isso ocorre com Crusoé, primeiro com os canibais e depois com os amotinados ingleses. O romance de Defoe está atento a essas complexidades e, de modo especial, às experiências de vida do herói abertas a interpretação. O importante, em qualquer narrativa literária de qualquer gênero, é isso: ela é uma experiência virtual de vida.

Por que virtual?

Por que é uma fuga à visão dos objetos excessivamente definidos (e aqui valho-me novamente da conferência de José Miguel Wisnik), exclusivamente formatados e exclusivamente dados, com que deparamos no mundo real, que, paradoxalmente, só se dá a ver, no fundo, quando a visão é de algum modo obstaculizada e dificultada. Na poesia, como diz o sensationismo pessoano, flagrar a sensação e convertê-la numa sensação estética é também intelectualizá-la pela “operação da consciência de sensação”:

Em termos de Alberto Caeiro: “(...) as borboletas não têm cor nem movimento,/ Assim como as flores não têm perfume nem cor./ A cor é que tem cor nas asas da borboleta,/ No movimento da borboleta o movimento é que se move,/ O perfume é que tem perfume no perfume da flor./ A borboleta é apenas borboleta/ E a flor é apenas flor”.¹⁷

¹⁷ WISNIK, 2012, p. 196.

Mas as explicações clássicas sobre as diferenças básicas entre texto poético ou texto criativo e texto em linguagem comum - e o esclarecimento de por quê a linguagem criativa (do texto literário) é “ambígua”, enquanto a lógica (da ensaística) é “transparente” -, bem como a descrição dos efeitos dessa experiência virtual de vida que é a literatura, encontram-se admiravelmente expostas no mencionado ensaio de Ruy Coelho “Ficção e realidade”. Voltemos a ele, sintetizando, nas palavras do autor, alguns de seus pontos tocantes nessas questões.

À linguagem se atribui o poder de articular o real. Além das categorias V (verdadeiro) e F (falso) existe a FvV, ou seja, nem verdadeiro nem falso, que diz respeito ao mundo da ficção. A atitude estética é neutra. Falta-lhe posicionalidade ou conteúdo de crença. Cria-se assim um mundo paralelo, neutralizado pelo jogo do como se, ou pela *epoché* husserliana. “As regras que regem o mundo do faz-de-conta não são as mesmas do mundo real.” (p. 315) As convenções de sentido da linguagem que amarra as sentenças ao mundo podem ser pensadas como verticais, enquanto as convenções tácitas do discurso de ficção podem ser consideradas horizontais (transportam o discurso para fora do mundo).¹⁸

Baste um exemplo: *O Diário de um louco* de Nikolai Gógol:

Não; já não tenho forças para aguentar mais! Meu Deus! O que estão fazendo comigo? Jogam-me água sobre a cabeça. Não fazem caso de mim, não me olham nem me escutam. O que fiz a eles, Senhor? Por que me atormentam? (...) Tenho a cabeça em fogo, e tudo roda em torno de mim. Salvem-me, levem-me daqui! Deem-me uma troika com cavalos velozes! Senta-te, cocheiro, para levar-me para longe deste mundo! (...) Sob meus pés se estende uma névoa azul escura; ouço uma corda que soa na névoa; de um lado está o mar, do outro, a Itália; lá ao longe se veem as choupanas russas. Talvez seja minha casa que se vislumbra lá ao longe? É minha mãe que está sentada à janela? Mãezinha, salva teu pobre filho! Derrama algumas lágrimas sobre sua cabeça enferma! Olha como o martirizam! Abriga em teu peito o pobre órfão! No mundo não há lugar para ele. Perseguem-no! Mãezinha, tem piedade de teu menino enfermo! Ah! Sabe que o rei de Argel tem uma verruga sob o nariz?¹⁹

¹⁸ De acordo com a formulação de John Searle apud COELHO, 1979, p. 316.

¹⁹ GÓGOL, 2012, p. 215-217.

O texto inteiro é um exercício de humor, cruel e terno, grotesco e patético; sempre que a boca se prepara para rir, aperta-se a garganta. No final, abrem-se as comportas ao sentimental desabrido e lacrimoso. Um esgar, uma cabriola, e restabelece-se o tom dominante. O meu referente ganha sentido ao ser incluído no todo.

Sentido puramente estético, dirão os lógicos – concedamos as necessidades da composição poética –, mas, no fundo, trata-se de uma simulação da realidade que se utiliza de efeitos hábeis para impor um estado emotivo ao leitor.

A ficção literária não é miragem do real. Mas um outro modo de sua apreensão pelo discurso. Gógol é o fio condutor da demonstração. Pois nele fantasia e realidade estão indissoluvelmente ligadas.

O que está em jogo é o status epistemológico do discurso poético (e de ficção – ao menos o fantástico) em relação ao discurso lógico e a defesa da linguagem poética contra a acusação de confundir o pensamento (ser opaca), que lhe foi assacada. O erro filosófico de buscar essências se origina na noção falsa de que somente conceitos nitidamente definidos são completos e úteis.²⁰ Os diferentes tipos de discurso se vinculam diferentemente ao real e o constituem segundo usos diversos... a linguagem de Gógol difere de outras formas de discurso por seu caráter sensível, sensorial, sensual mesmo. Por sinal, para certos críticos constitui a essência da linguagem poética a fusão do sentido (sense) com os sentidos (sensa). A ênfase dada a essa fusão faz relegar a um plano inferior a preocupação com a referência. O signo poético é *looked at*, e não *looked through*. Na linguagem corrente (e principalmente na linguagem científica) o signo é transparente e aponta para o referencial.

Subvertamos, porém, o que foi dito por Searle quanto à linguagem da lógica ser vertical, Propondo exatamente o contrário, diz Ruy Coelho: “A linguagem da lógica, que se retifica constantemente, que aplaina e desbasta o terreno diante de

²⁰ WITTGENSTEIN, 1965, p. 18-19.

si, avança à conquista da realidade num plano horizontal”.²¹ A linguagem literária é que é vertical. Mesmo quando ela utiliza – em contos, romances, eventualmente – o léxico da linguagem corrente, suas metábolos (figuras de retórica das quais faz uso) se entrelaçam numa exuberante riqueza de ligações: sinédoques, metonímias, metáforas, silépses, hipérbatos, oxímoros, etc., etc. Só uma configuração tridimensional de lianas entrelaçadas, que descem cada vez mais fundo, até a obscura região em que medram os símbolos, poderia representá-la. “A lógica busca o unívoco; mas nem tudo o que se afasta do unívoco é necessariamente equívoco. A literatura se esforça em expressar o multívoco, a ambiguidade de sentidos é calculada...”²² a obra de arte é um meio de captar o real por outras vias e impõe, a quem a cultiva, uma disciplina de espírito e uma tarefa de purificação da linguagem tão ou mais árdua que a ascese lógica. Os dois projetos têm miras intencionais opostas.

Há problemas capitais para a semântica que são propostos pela linguagem poética: como captar os múltiplos sentidos do objeto literário?... Uma dessas tentativas é a transformação do objeto em ícone verbal.

A caracterização do objeto literário como ícone verbal não parece, entretanto, conveniente. A insistência na opacidade do poema leva à negligência da questão dos referentes. O ícone verbal é algo estático, acabado, cristalizado: ora, o discurso literário visa, pelo contrário, captar os sentidos em toda sua fluidez, *in statu nascendi*.

A linguagem se torna fechada e estática quando a imaginação se alheia, e as mesmas palavras são repetidas sem exame ou crítica. Perdendo sua vitalidade, tal linguagem se deixa infectar por toda sorte de ambiguidades. Para eliminá-las se estabelece uma linguagem lógica que prescreve regras de precisão semântica, baseadas na definição e na adesão rígida ao princípio de identidade. Temos, portanto, uma linguagem morta, no âmbito do discurso quotidiano, e uma linguagem lógica. Mas existe um terceiro tipo de linguagem. A lingua-

²¹ COELHO, 1979, p. 320.

²² Ibidem, p. 321.

gem aberta ou tensiva que é viva, que participa da essência da vida, que é o conflito. Trata de achar combinações de palavras adequadas à representação de um ou outro aspecto das tensões vitais ubíquas. Quando consciente, é a base da poesia. A linguagem poética “em parte cria, em parte desvenda certos aspectos daquilo que é, até então desconhecido, até então insuspeitado. Cada aspecto representa uma perspectiva que é individual. A poesia tem a capacidade de presentificar as coisas, de nos fazer sentir as características precisas delas quando apreendidas no real”.²³ Eis porque – e isso lembra um pouco o que disse Marcelo Coelho –, quando se lê um poema, um conto ou um romance, há sempre um prazer tranquilo de exclusividade, de ter o privilégio de fruir a comunhão com um grupo de imagens ou eventos ou personagens que são exatamente aquilo que são, e não algo diverso.

Deve-se reconhecer à linguagem a faculdade de constituir (se não criar) objetos que, embora existam em um campo imaginário, não têm valor de realidade nulo: são experiências virtuais de vida e não experiências de vida virtual. Ao apreciá-los, convém suspender o exame de suas ligações imediatas com o mundo, como as estabelece nosso saber atual. Mas isso não significa que se deva conceber um universo da arte à distância da realidade vivida. A literatura não reproduz o real conhecido por outros modos, mas é ela própria instrumento de descoberta. Cumpre avaliar a informação nova que ela traz, dilatando as fronteiras do real.

Para continuarmos ainda no âmbito da poesia – obra literária por excelência –, vejamos o que diz Tzvetan Todorov em “Poderes da poesia” – conferência realizada em 07/06/2011 e referida no livro *Forma e Sentido na Poesia contemporânea*, sobre outras diferenças entre a literatura “artística” e o mundo exterior.

[Na poesia] “A relação com o mundo exterior é afirmada com grande força” – diz o crítico –, sendo, porém, que “o verdadeiro artista não submete o mundo a seus gostos, mas se submete a ele”. Depois, citando Charlotte Delbo – uma sobrevivente de

²³ WHEELWRIGHT, 1978, p. 51.

Auschwitz, que descobre que as personagens dos poetas podem tornar-se companheiras confiáveis:

As criaturas do poeta são mais verdadeiras que as criaturas de carne e osso, porque são inesgotáveis. É por essa razão que elas são minhas amigas, minhas companheiras, aquelas graças às quais estamos ligados a outros seres humanos, na cadeia dos seres e na cadeia da história.²⁴

E mais:

O grande poeta se torna capaz de dar um alcance universal às experiências pessoais das quais ele fala em seus versos. O respeito pelo mundo permite o esvaziamento do eu. O horizonte do escritor não é a sinceridade, mas a veracidade – um modo de privilegiar o mundo em detrimento de si (...) O privilégio da obra de arte é o de encarnar esse impulso de forma concentrada, com uma densidade que não aparece na vida corrente.²⁵

Sempre no mesmo livro, e, para finalizar, eis mais algumas variações sobre essas diferenças, na conferência (citada por Todorov) de Michel Deguy,

“O Cultural, o ecológico, o poético – 21/06/2011”: “Agora vou citar Hölderlin porque ele diz no final de um poema famoso, *Andenken*, o que faz o artista: ele reúne a beleza da terra, reúne a beleza do mundo: a música e a poesia se abrem à grandeza do mundo. Que mundo é este ao qual pertencemos? (...) O ecúmeno é a habitação, enquanto relação entre terra e mundo. De que mundo, em que terra? Podemos dizer que a terra se retrai. Ver isso poeticamente é imaginá-lo, porém, cuidado: toda a questão da arte e da poesia está ligada à imaginação. Parece que a terra se retrai sob as atividades terrestres, se refugia, se retira. A terra é refratária, ela se esvai sob o consumo, ela se recusa. A imaginação se refere ao que pode acontecer, ou seja, ao iminente, ao ameaçador. O imaginar é um dizer poético enquanto prosopopeico, alegórico – se quiserem – o emprestar voz e vulto a quem não os tem. O imaginar especula. Já o poetar vislumbra, considera o que está vendo – é exatamente isso: uma visão. Pode-se colocá-la em prática pela pintura, pela música (...)”.²⁶

²⁴ TODOROV, 2012, p. 26 e 27.

²⁵ Idem, p. 32.

²⁶ Ibidem, p. 140.

Só que o resultado dessa prática, a conversão dessa visão em sua representação final, ainda terá que ajustar contas com o imponderável.

Referências bibliográficas

- ASHBY, Ross (org.) *An Introduction to Cybernetics*. London: Chappman & Hall Ltd, 1956.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- COELHO, Marcelo. "Emissários do Sul". *Folha de S. Paulo*, de 12 de setembro de 2012.
- COELHO, Ruy. "Ficção e realidade". In: LAFER, Celso (org). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. London: Penguin Books, 2003.
- EAGLETON, Terry; BEAUMONT, Mathew. *A tarefa do crítico*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- EAGLETON, Terry. *Reason, Faith and Revolution: reflections on the God debate*. New Haven/London: Yale University Press, 2009.
- GÓGOL, Nikolai. *O Diário de um louco*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.
- GUSMÁN, Luis (org). *Outros- Narrativa argentina contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- HOBBS, Thomas. *Leviathan*. Oxford University Press, USA, 2009.
- JOLKÓVSKI, A. K. "Sobre a amplificação". In: Структурно-типологические исследования. Сборник статей. Москва, Издательство Академии Наук СССР, 1962, pp. 166-171.
- LAFER, Celso (org). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- NIJNI, V. A. *Nas aulas de cinema de S. Eisenstein*, Moscou, 1958. (apud JOLKÓVSKI, 1962).
- PIRO, GUILHERMO. "O Emissário". In: GUSMÁN, Luis (org). *Ou-*

tros - Narrativa argentina contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile: ou, de l'éducation*. Paris: Flammarion, 1962.

SEARLE, John Searle. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. (Citado apud COELHO, Ruy: "Ficção e realidade")

TODOROV, Tzvetan. "*Poderes da poesia*". In: CICERO, Antonio (org.). *Forma e sentido na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

WATT, Ian. *The rise of the novel*. California: California University Press, 1957.

----- . *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WISNIK, José Miguel. "Estudo irreduzível da linguagem". In: CICERO, Antonio (org.). *Forma e sentido na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *The Blue and Brown Books*. Nova York: Harper Torchbooks, 1965.

WHEELWRIGHT, Philip. *Burning Fountain: study in the language of symbolism*. Indiana: Indiana University Press, 1968. (Citado apud COELHO, Ruy: "Ficção e realidade").

A antrozoologia em Tolstói: uma releitura do procedimento de estranhamento em *Kholstomér**

Sigrid Renaux**

Resumo: A antrozoologia encontra, na literatura, um escritor ímpar em Liev Tolstói, por meio do conto *Kholstomér*, que narra as relações de um cavalo com seres humanos e, principalmente, a sua compreensão dessas relações. Essa interação foi teorizada por Viktor Chklóvski no artigo “A arte como procedimento”, no qual o crítico afirma que o procedimento da arte é o do estranhamento dos objetos, que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. Entretanto, como Chklóvski apresenta o estranhamento da percepção do cavalo apenas em relação ao direito de propriedade dos homens, este trabalho procura captar, por meio do narrador onisciente intruso, os elementos que antecipam esse processo a partir do início da narrativa, bem como trechos subsequentes à parte central que o retomam.

Abstract: *Anthrozoology* finds, in literature, a unique writer in Leo Tolstoy, by way of the tale *Kolstomer*, which tells the story of the relationship of a horse with human beings, and, mainly, his understanding of these relations. This interaction was theorized by Viktor Shklovsky in “Art as device”, in which he asserts that the purpose of art is that of the enstrangement of objects, which consists in complicating form, increasing the difficulty and the length of perception. However, as Shklovsky presents this enstrangement only in relation to men’s institution of property, the aim of this work is to capture, by way of the omniscient narrator, the elements which anticipate this process from the beginning of the tale onwards, as well as passages subsequent to the central part which retake it.

Palavras-chave: Antrozoologia, Tolstói, *Kholstomér*, estranhamento.

Key words: Anthrozoology, Tolstoi, *Kholstomer*, enstrangement.

Introdução

*Artigo submetido em 05 de junho de 2017 e aprovado em 25 de agosto de 2017.

** Professora de pós-graduação em Teoria Literária da UNIANDE. E-mail: sigridrenaux@gmail.com

Se a nova área da Antrozoologia, como ciência que incide sobre todos os aspectos do vínculo homem-animal e, portanto, no estudo das interações entre pessoas e animais, torna-se uma ponte entre as ciências naturais, as humanidades e as ciências sociais, o conto *Kholstomér*, a história de um cavalo,¹ destaca-se, dentre a vasta e consagrada obra ficcional de Liev Tolstói, por diversas razões:

– A partir da década de 1840, a figura do cavalo começava a se tornar popular na literatura russa, como parte da linguagem corrente e da vida diária.² *Kholstomér*, a história de um cavalo, escrito entre 1860 e 1863, com nova redação em 1885, insere-se nesta tendência.

– As análises de *Kholstomér* feitas por Viktor Chklóvski em dois artigos seminais do Formalismo Russo – “A arte como procedimento”(1917) e “A construção da novela e do romance” (1925)³ –, pioneiras em relação a este conto de Tolstói, tornam o conto paradigmático na utilização do procedimento chklóvskiano de estranhamento, no qual “the story is told from the point of view of a horse, the objects are estranged not by our perception but by that of the horse”.⁴

1 O conto recebeu este título porque Tolstói moldou seu narrador-protagonista num cavalo com este nome, famoso pelo enorme alcance de seus passos e velocidade. A ideia do enredo de *Kholstomér* pertence a M.A. Stakhovich, a quem Tolstói dedica o conto. Como Stakhovich escreve: “Nos inícios da década de 1850, interessei-me pelas histórias que os criadores de cavalos contavam sobre a extraordinária velocidade de *Kholstomér*, que, nos inícios de 1800, correu 426 metros em 30 segundos nas corridas Shablovsky, do conde Orlov-Chesmensky, em Moscou. Quando o conde morreu, o mestre de equitação alemão, que administrava o estábulo da condessa Orlova, castrou e vendeu *Kholstomér*, porque ele era malhado”. (FOREHAND, 2014, p.2). Tradução nossa.

2 (EIKHENBAUM, In: FOREHAND, Op. cit., p. 2.

3 Para as citações dos dois artigos de Chklóvski utilizamos a versão em inglês, mais completa que a versão em português.

4 SHKLOVSKY, 1990, p. 7.

– Paulo Bezerra, na apresentação dos contos de Tolstói em *O diabo e outras histórias*, também comenta sobre dois aspectos essenciais de *Kholstomér*: pelo fato de Tolstói ter um profundo conhecimento de cavalos, essa intimidade “torna muito naturais as comparações, tão frequentes em sua obra, entre a vida humana e a vida dos cavalos”; além disso, “o conto está vinculado à ideologia burguesa que, àquela altura, já domina as relações humanas na sociedade russa: a ideologia da posse e da propriedade”.⁵

– Como constata Céres B. Faraco, no artigo “Interação humano-animal”, “a relação interespecie é uma parceria antiga que acompanhou o processo civilizatório humano, proporcionando inúmeros e variados benefícios. No entanto, ela foi reconhecida apenas recentemente (décadas de 1970-80) como tema acadêmico”.⁶ Partindo dessas considerações, entre outras, que se originam tanto do estudo imanente do texto, como de elementos biográficos, históricos e culturais de Tolstói e de sua época, este trabalho visa aprofundar alguns aspectos do conto não abordados nos estudos de Chklóvski, ou seja, captar, desde o início da narrativa – por meio da organização do enredo e do narrador onisciente intruso –, elementos que antecipam o procedimento de estranhamento, levando, assim, à figura do cavalo como ser pensante, capaz de refletir sobre o comportamento dos seres humanos.

A estruturação do conto e o procedimento do estranhamento

O conto está nitidamente dividido em três partes:

– Capítulos I-IV, nos quais o narrador onisciente intruso conta a história de Kholstomér, o capão malhado, já velho, magro e triste, entre os outros cavalos na estrebaria senhorial. Antecipação do procedimento de estranhamento.

– Capítulos V-VIII, nos quais o narrador apresenta – como narrativas encaixadas – o relato do próprio Kholstomér con-

⁵ TOLSTÓI, 2010, p. 12-14.

⁶ FARACO, 2008, p. 31-5.

tando a história de sua vida, durante cinco noites, para os cavalos mais jovens. O procedimento do estranhamento está presente no capítulo VI.

– Capítulos IX-XII, nos quais o narrador retoma a história de Kholstomér, na estrebaria imperial: o encontro do cavalo com o amado ex-dono, Siepurkhlóvskoi, que não o reconhece; a morte de Kholstomér pelo esfolador e a morte do ex-dono. Inversão do processo de estranhamento, pela falta de percepção atribuída ao cavalo, no capítulo XII.

Esta divisão tripartida deixa clara a importância da centralidade da narrativa do próprio Kholstomér, na qual Chklóvski se apoia para teorizar sobre o procedimento do estranhamento, por meio do qual Tolstói dá voz e reflexões ao cavalo, quando este narra a sua história aos outros cavalos e, mais ainda, reflete com eles sobre o estranho comportamento dos homens a respeito do direito de propriedade.

Como Chklóvski apresenta o procedimento do estranhamento [*ostraniene*] em “A arte como procedimento”

(...) in order to return sensation to our limbs, in order to make us feel objects, to make a stone feel stony, man has been given the tool of art. The purpose of art, then, is to lead us to a knowledge of a thing through the organ of sight instead of recognition. By “enstranging” objects and complicating form, the device or art makes perception long and “laborious.” The perceptual process in art has a purpose all its own and ought to be extended to the fullest. *Art is a means of experiencing the process of creativity. The artifact itself is quite unimportant.*⁷

Chklóvski também afirma que “the removal of this object from the sphere of automatized perception is accomplished in art by a variety of means” e apresenta um desses meios que Tolstói “used almost constantly”⁸: o procedimento de estranhamento como em *Kholstomér*, no qual, como já mencionado,

7 SHKLOVSKY, Op. cit., p. 45. O termo em russo – ostraniene – foi traduzido para o inglês como “estrangement”.

8 Ibidem , p.6.

“the story is told from the point of view of a horse, the objects are estranged not by our perception but by that of the horse”.⁹ Chklóvski cita a seguir os trechos do conto, na extensão de 1 ½ página, nos quais o cavalo reflete sobre o direito de propriedade. Como Chklóvski ainda observa, “The horse is killed off long before the end of the story, but the mode of telling the story, its device, does not change”, acrescentando o último parágrafo do conto para mostrar que “Tolstoi continues to make use of this device even when no motivation for it exists”.¹⁰ Entretanto, como já mencionado, o texto de Chklóvski não esgota o assunto, pois muitos aspectos deste efeito de estranhamento, a partir do início do conto, não foram abordados pelo teórico.¹¹

I - Os inícios do estranhamento: capítulos I-IV

Capítulo I

Os parágrafos introdutórios do capítulo I já nos permitem verificar que se trata de um narrador onisciente intruso – ou seja, que pode colocar-se acima, da periferia, ou do centro dos acontecimentos, ou até de outras posições, comentando inclusive sobre o comportamento das personagens e seus traços psicológicos, bem como sobre costumes, a moral e a ideologia da época. Essas características serão amplamente utilizadas pelo narrador, para matizar sua observação, sua onisciência e seus comentários em relação aos acontecimentos e personagens do conto.

Deste modo, após descrever o início do dia, as pessoas levantando e a algazarra e relincho dos cavalos na estrebaria senhorial, aguardando a chegada do peão Niéster com “o chicote enrolado no ombro e o pão embrulhado numa toalha, preso à

⁹ Ibidem, p.7.

¹⁰ Ibidem, p. 7-8.

¹¹ Como Chklóvski ainda afirma, ele irá tratar, em A construção da novela e do romance, do estranhamento no paralelismo psicológico. Este assunto será apresentado adiante.

cintura" para alimentá-los", o narrador penetra na mente dos cavalos – após o peão dizer a eles "Ô! Calma! Estão com fome!" e gritar, em tom ameaçador a uma equinha "Aonde pensa que vai?" – ao afirmar que eles "não se assustaram nem um pouco e muito menos se ofenderam com o tom zombeteiro do peão, fingiram que não era com eles e se afastaram calmamente do portão".¹²

Ou seja, de narrador observador ou periférico, em relação ao nascer do dia e à descrição da atividade dos cavalos e das ações do peão, ele passa a onisciente, ao narrar o que sentem os cavalos, diante da presença dominadora do peão. Essa onisciência põe em destaque, desde o princípio do conto, a humanidade que Tolstói atribui a esses animais, que, como jovens alunos, não se assustaram nem se ofenderam com o comportamento do mestre peão, e, mais ainda, fingiram não ser com eles e se afastaram, sem pressa, do portão. E, mais ainda, o narrador comenta sobre a capacidade dos cavalos de formar opiniões sobre um ser humano e de adotar uma postura de superioridade, pois fizeram de conta que não era com eles.

O processo de estranhamento, destacado por Chklóvski em relação à narração que será conduzida pelo cavalo, teria, assim, seu início já no primeiro capítulo, pois esta onisciência do narrador, ao atribuir características humanas aos sentimentos dos cavalos, prepara o leitor para o estranhamento propriamente dito, ou seja, o da narração de Kholstomér sobre sua vida para os outros cavalos, durante a qual o animal passa a emitir opiniões e a julgar os homens. Por outro lado, o narrador onisciente também é seletivo, pois apresenta os seres humanos – o peão Niéster – apenas por meio de suas falas e ações, como narrador observador periférico, demonstrando assim a priorização que dá aos cavalos como seres pensantes e personagens principais da narrativa.

Partindo do geral ao particular, é após esta primeira cena que o narrador introduz o herói do conto, Kholstomér, cujo nome, entretanto, será revelado pelo próprio cavalo apenas ao contar sua história:

12 TOLSTÓI, Op. cit., p. 52.

Dentre os cavalos que comiam (perto de uma centena), o mais paciente era um capão malhado que, sozinho num canto sob o alpendre, lambia de olhos cerrados uma viga de carvalho do galpão. Não se sabe que gosto encontrava aí o capão malhado, mas sua expressão era grave e pensativa enquanto lambia.¹³

O narrador agora focaliza sua atenção no “capão malhado” ao ressaltar primeiramente a paciência desse cavalo que se destacava precisamente por ser castrado e malhado, ou seja, não ser de raça pura e, portanto, duas vezes preconceituado pelos outros cavalos e que, isolado, lambia uma viga de carvalho do galpão, de olhos cerrados, sugerindo concentração total neste ato. O fato de o narrador afirmar “não se sabe que gosto encontrava aí o capão malhado” também demonstra que, nesse momento, nega a si próprio sua onisciência, mas, simultaneamente, como observador sensível, resalta a expressão “grave e pensativa” do cavalo. Essas características do animal serão desenvolvidas na narrativa, pois fornecem a indicação de animal pensante, de cujas ações e pensamentos participaremos daqui em diante. Simultaneamente, elas nos remetem ao simbolismo do cavalo, cujas características incluem fertilidade, fidelidade, sensibilidade, raiva, teimosia, prontidão para a ação, energia, além de ser o mais forte animal domesticado,¹⁴ qualidades essas que irão aparecer continuamente durante o conto, conferindo uma profunda humanidade ao animal.

Em seguida, o narrador novamente comenta sobre as reações do cavalo às falas de Niéster:

– Mimado, hein! – disse o peão, novamente no mesmo tom, ao aproximar-se, pondo sobre o esterco a seu lado a sela e o suadouro sebento.

“O capão malhado parou de lamber e, sem se mexer, ficou muito tempo olhando Niéster. Não sorriu, não se zangou e nem ficou carrancudo, limitou-se a inflar a barriga, deu um suspiro bem pesado e virou-se. O peão abraçou-lhe o pescoço e pôs o freio.

¹³ Idem.

¹⁴ VRIES, 1976, p. 259-62.

– Que suspiros são esses? – disse Niéster.

O capão abanou a cauda como quem diz: “Não é nada, não, Niéster”.¹⁵

A antecipação do procedimento de estranhamento, em seus inícios no parágrafo anterior, continua aqui, com a descrição das reações de Kholstomér à voz autoritária de Niéster e, ao perceber que seria selado, parar de lamber a viga, observar longamente o peão como que aguardando mais ações e, simultaneamente, demonstrar sua indiferença ou aceitação, ao não sorrir, não zangar-se ou ficar carrancudo; por outro lado, seu corpo reagiu ao inflar a barriga e dar um “suspiro bem pesado” – o que poderia sugerir um estado deprimido da alma, pois a selação, mesmo que um ato corriqueiro para ambos, sugere ser dolorosa para o animal.

O narrador continua já atribuindo uma dupla resposta do cavalo à pergunta de Niéster

“Que suspiros são esses?”, pois “O capão abanou a cauda como quem diz: ‘Não é nada, não, Niéster’”. Este ato sugere que, por um lado, ele entendeu o que disse o peão, demonstrado na satisfação ao abanar a cauda; mas a frase atribuída a ele pelo narrador “como quem diz: ‘Não é nada, não, Niéster’” confere, por antecipação, além do entendimento da voz dos humanos por parte de Kholstomér, também voz a este animal, o que será desenvolvido na parte central do conto, quando passaremos dos sentimentos de Kholstomér a seu julgamento das ações dos homens. No mesmo parágrafo, ainda, em que Niéster continua a selar o cavalo, a reação de Kholstomér foi novamente negativa, ao murchar as orelhas “demonstrando talvez seu descontentamento”.

Esta atitude do cavalo provoca uma reação raivosa e cruel no peão, ao xingar o cavalo, apertar-lhe a barrigueira, e, por ter o cavalo respirado fundo, ainda levar “um dedo na boca e uma joelhada na barriga”, a fim de que soltasse o ar. E,

15 TOLSTÓI, Op. cit., p. 52.

quando os dentes apertaram o freio, mais uma vez murchou as orelhas e até olhou para trás. Mesmo sabendo que de nada adiantava [olhar para trás], ainda assim achou necessário expressar que aquilo não o agradava e que sempre iria demonstrá-lo.¹⁶

O narrador onisciente e intruso revela, agora, a teimosia do cavalo em não abrir mão de seus direitos e demonstrar o que não lhe agradava.

Sua superioridade e auto-confiança também se manifestam no trecho seguinte, quando, após Niéster tê-lo montado e puxado as rédeas, “O capão levantou a cabeça, revelando disposição de partir para onde mandassem, mas não se mexeu. Sabia que, antes de sair montado nele, Niéster tinha ainda muito que gritar, dar ordens ao peão Vaska e aos cavalos”.¹⁷ Kholstomér demonstra, mais uma vez, sua capacidade de entender o ser humano, pois sua superioridade advém do fato de antecipar as ações que Niéster ainda deveria executar, antes de montá-lo.

Após esta apresentação de Kholstomér, segue-se um trecho descritivo em que os cavalos, após terem sido soltos por Vaska, começam a sair do curral: potrancas, os potrinhos, as crias e as éguas, cada grupo com suas especificidades. Este movimento intenso acentua o comentário do narrador intruso sobre como o lugar ficou “vazio e melancólico” em alguns minutos. Por esta razão,

Por mais habitual que fosse para o cavalo malhado aquela paisagem deserta, pelo visto ela o entristecia. Como se fizesse um cumprimento, baixou e ergueu a cabeça lentamente, suspirou (...) e saiu mancando atrás dos cavalos (...) carregando em suas costas descarnadas o velho Niéster.¹⁸

A sensibilidade do animal é assim novamente ressaltada, bem como seu gesto de baixar e erguer a cabeça lentamente, como em homenagem aos companheiros que partiram e, também, sua fragilidade ao sair mancando mas, mesmo assim,

¹⁶ Ibidem, p. 52-3.

¹⁷ Ibidem, p. 53.

¹⁸ Ibidem, p. 54.

carregando o peão nas costas magras e portanto sensíveis à selação e ao peso de Niéster.

No último trecho do capítulo I, o narrador onisciente expõe mais uma vez os pensamentos do capão, ao revelar, por um lado, que conhecia os hábitos de Niéster: “Já sei: agora é só a gente sair a caminho, que ele vai acender e começar a fumar o seu cachimbo de madeira com aro de cobre’ – pensou o capão.” Por outro, ao indicar seus sentimentos em relação à natureza que o cerca, mostrando sua sensibilidade perante os inícios do dia, retomando, assim, o início do conto: “Sinto-me feliz porque de manhã bem cedo, com o orvalho, gosto desse cheiro que traz muitas lembranças agradáveis”, lembranças essas que nos remetem à sua infância e adolescência, como será visto. Entretanto, de novo a interferência do ser humano afeta esta felicidade do animal, pois “o único inconveniente é que, (...) o velho sempre apronta (...) sentado de lado, obrigatoriamente de lado; e do lado que me machuca”.¹⁹ E ressalta, mais uma vez, o fato de estar machucado, algo que a falta de sensibilidade de Niéster não levava em conta.

Como seu monólogo continua: “Bem, deixa pra lá, para mim não é novidade sofrer pelo prazer dos outros. Eu já passei a achar nisso algum prazer de cavalo. Que fique com suas fanfarronices, coitado. (...) – refletia o capão, enquanto movia cuidadosamente as pernas tortas, andando pelo meio da estrada”.²⁰

As reflexões de Kholstomér nesse final de capítulo revelam, além de sua capacidade de meditar profundamente, ainda seu caráter estoico, ao achar até algum prazer em sofrer enquanto os outros se comprazem. Simultaneamente, esse estoicismo – que se caracteriza por uma ética em que a imperturbabilidade, a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade²¹ – confirma sua supe-

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Dicionário HOUAISS.

rioridade diante da “fanfarronice” dos homens e nos prepara, mais uma vez, para o processo de estranhamento que Tolstói irá aperfeiçoar durante a narrativa.

Capítulo II

O capítulo II confirma essa antecipação para o estranhamento. A ação se passa perto do rio, para onde Niéster havia levado os cavalos para pastar. Ao observarmos o cavalo em interação com o peão, novamente transparece a sensibilidade do animal, que, superior a um ser humano, “finge por delicadeza” – como os cavalos no capítulo I – ao receber um agrado do qual não gostava:

Ao retirar-lhe o arreio, Niéster coçou o pescoço do capão malhado que respondeu fechando os olhos, em sinal de reconhecimento e prazer. “Você gosta, não é, cão velho!” – resmungou. O cavalo não gostava nem um pouco que o coçassem, só por delicadeza fingia gostar, e balançou a cabeça, concordando.²²

E, mais uma vez, a surpreendente e cruel atitude de Niéster, que, em seguida, subitamente bate com a fivela da rédea nas “pernas mirradas”, provocando uma dor forte em Kholstomér. Como comenta o narrador onisciente,

Embora essa atitude o tivesse amargurado, o capão malhado nada deixou transparecer; agitando devagar o rabo caído começou a farejar alguma coisa no chão e a morder o capim, só para se distrair, enquanto descia para o rio. Sem prestar atenção às potrancas (...) e sabendo que o mais saudável, ainda mais na sua idade, era beber primeiro bastante água em jejum e só depois comer, resolveu escolher perto da margem um cantinho mais espaçoso (...), meteu o focinho na água e começou a sorvê-la (...) agitando prazeroso o sabugo pelado de cauda malhada.²³

Unem-se nesta descrição, mais uma vez, detalhes exteriores do cavalo, que revelam sua idade, e detalhes da percepção do animal em relação aos seres humanos, ao não deixar transparecer sua amargura diante da atitude brutal e incompreensível

22 TOLSTÓI, Op. cit., p. 55.

23 Idem.

de Niéster, bem como ao mostrar sua experiência em relação à sua alimentação, sua resolução na escolha de onde ficar e seu prazer em beber água, enfatizando sua sabedoria animal e, de novo, seu estoicismo.

Sua sabedoria é ressaltada também no próximo trecho, no qual, ao ser provocado e aborrecido por uma “eguinha baia” que turvava a água diante do focinho dele, o cavalo “fingiu não atinar com a intenção da potranca”.²⁴ Em seguida, após se alimentar, sempre cuidando das “quatro patas doentes, para que não doessem tanto”, adormece.

A partir deste instante, o narrador intruso medita sobre o cavalo adormecido: “Existe a velhice majestosa, a velhice asquerosa, a velhice deplorável. E existe a velhice ao mesmo tempo majestosa e asquerosa. A do capão malhado era justamente desse tipo”.²⁵ O narrador conjuga, nesta constatação, os dois lados contraditórios da velhice do capão malhado e que, em última análise, refletem o julgamento, sensível ou não, que os homens fazem sobre a ancianidade.

Na longa descrição que segue das características físicas do cavalo – altura, pelagem, manchas, cabeça, corpo, pernas, patas –, os comentários do narrador demonstram como sua descrição sensível do cavalo, mas também realista, confirmam sua velhice “majestosa e asquerosa”, remetendo-nos igualmente a suas observações anteriores:

A cara traduzia uma expressão de paciência austera, concentração e sofrimento. As patas dianteiras (...) tinham inchaços nos cascos e, parte do joelho da pata malhada, um tumor grande (...). As traseiras (...) exibiam velhas pisaduras nas coxas (...). Tinha a cernelha e o dorso salpicados das marcas de antigos espancamentos; às costas, havia uma chaga ainda fresca, inchada e purulenta; o sabugo negro da cauda, comprido e quase pelado, pendia destacando as vértebras. No lombo pardo (...) uma ferida coberta de pelos brancos (...) e uma outra cicatriz de corte na pá.²⁶

24 Ibidem, p. 55-6.

25 Ibidem, p. 56.

26 Ibidem, p. 57.

A expressão do rosto, manifestando “paciência austera, concentração e sofrimento” reforçam suas qualidades essenciais, já vistas no capítulo anterior, e que, novamente, antecipam o efeito de estranhamento da parte central do conto; a descrição de suas características físicas, por sua vez, ressalta os maus tratos aos quais foi e continua sendo submetido e a falta de atendimento a suas feridas, despertando assim uma compaixão incondicional no leitor.

O narrador encerra esta descrição retomando sua observação anterior: “Mas apesar da velhice repulsiva desse cavalo, quem o visse de relance pensaria involuntariamente que outrora ele fora um cavalo bom, admirável”²⁷, qualidades que antecipam os comentários do próprio cavalo ao narrar sua história.

Os dois últimos parágrafos confirmam estas características: no primeiro, o narrador retoma a descrição de como a raça deste cavalo era única na Rússia e como deveria ter sido quando jovem: “uma cabeça com tal ossatura, olhos tão negros e cheios de brilho, semelhantes nódulos do pescoço para cima, revelando a raça, couro e pelos tão finos”.²⁸ O narrador ratifica, a seguir, o comentário acima: “De fato, havia algo de majestoso na figura desse cavalo, na terrível mescla de repugnantes traços de decrepitude, pelagem vivamente pintalgada e maneiras confiantes e serenas, advindas da consciência de sua beleza e força”.²⁹

Essa consciência – como “sentimento ou conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior”³⁰ – demonstra indubitavelmente a humanidade deste animal e a compreensão de si próprio – de seu mundo interior – levando-o a apresentar “maneiras confiantes e serenas”, em contraposição à sua “decrepitude”, humanidade esta que é, mais uma vez, prenúncio do estranhamento chkllovskiano.

27 Idem.

28 Idem.

29 Ibidem, p. 57-8.

30 Dicionário HOUAISS.

A solidão do cavalo é ressaltada mais uma vez no último parágrafo, pois, “como ruína viva, ele permanecia sozinho no prado orvalhado” enquanto se ouvia, não longe dali, em contraste, os sons da manada dispersa. A imagem do cavalo como “ruína viva” materializa, assim, nossa visualização do capão malhado com todas as marcas dos sofrimentos pelos quais havia passado, bem como de sua paciência e concentração, que lhe permitiram continuar vivo, apesar de tudo.

Capítulo III

Continuando a descrição do nascer do dia no capítulo I, o capítulo III inicia com a descrição do passar da manhã, agora que “o sol já havia emergido acima do arvoredo e brilhava vivamente na relva e nas sinuosidades do rio”,³¹ enfatizando a beleza da paisagem matinal e o cenário para as próximas aventuras dos cavalos. Neste capítulo, Kholstomér irá aparecer apenas no último parágrafo, pois, como mencionado pelo narrador no capítulo anterior, ele adormecera após se alimentar e só será acordado pela travessa potranca baia ao final do capítulo III. A razão dessa ausência é enfatizar, enquanto Niéster e Vaska ainda descansavam, as ações da cavalhada, movendo-se “furtivamente numa única direção”, tendo à frente, outra vez, a velha égua Juldiba. Essa descrição, que percorre 3½ páginas, ressalta a maestria de Tolstói em revelar as características e descrever os comportamentos dos diferentes cavalos – éguas jovens, baios castrados, potros mais velhos, potros menores, crias, éguas prenhes, potrinhas, potrancas solteiras e até a “maior beldade” do grupo, a “travessa potranca baia.”³²

O narrador concentra-se, a seguir, nas travessuras dessa potranca, e em seu comentário, “Deu-lhe a louca do mesmo jeito que acontece com as pessoas”³³, permite-nos estabelecer novamente esta comparação entre cavalos e homens; e, princi-

31 TOLSTÓI, Op. cit., p. 58.

32 Ibidem, p. 58-60.

33 Ibidem, p. 60.

palmente, quando ela se voltou “na direção de um cavalo ruço” na outra margem do rio, e este

parou, orgulhoso, (...) ergueu a cabeça, animou-se e relinchou com uma voz doce, terna e arrastada. E aquele relincho expressava travessura, sentimento, e certa tristeza. Nele havia o desejo, e a promessa de amor, e alguma nostalgia: “Lá está a codorniz, no espesso juncal, correndo de um lado para o outro e chamando apaixonadamente o companheiro: lá estão o cuco e a codorniz macho cantando o amor, as flores mandando pelo vento seu pólen perfumado.”³⁴

A identificação do relincho do cavalo ruço com o som de “uma voz doce, terna e arrastada” como a de um homem apaixonado, expressando reações até contraditórias – “travessura, sentimento, e certa tristeza” –, pois pressente que não poderá realizar seu desejo, enfatizam mais ainda os sentimentos e emoções profundamente humanas expressas em seu relincho para a potranca baia, nos quais visão, voz e olfato se unem numa imagem sinestésica da natureza.

E a resposta da travessa, com outro relincho –

“E eu sou jovem, e bonita, e forte” (...) “e até agora não me foi dado provar a doçura desse sentimento, e não só não me foi dado prová-lo como nenhum, nenhum amante me notou ainda”.

E aquele relincho muito significativo ecoou em tom triste e jovial pela baixada e pelo campo, chegando até o cavalo ruço. Ele levantou as orelhas e parou.³⁵

– expressa, em termos humanos, o duplo desgosto de nunca ter experimentado/conhecido o amor, bem como de não ter sido vista ainda por “nenhum amante”, tornando sua fala uma nova antecipação do estranhamento chklovskiano, não só por ter externado a consciência de sua juventude, beleza e força – como Kholstomér também o fará – mas pela consciência que tem do sentimento do amor e da falta que o mesmo lhe faz, por não ter sido vista por nenhum cavalo que pudesse se apaixonar por ela.

³⁴ Ibidem, p. 60-1.

³⁵ Ibidem, p. 61.

E, mais ainda: seu “relincho muito significativo” que “ecoou em tom triste e jovial pela baixada e pelo campo, chegando até o cavalo ruço”, que “levantou as orelhas e parou”, não pôde ser atendido pelo cavalo, pois seu dono, um mujique, zangado com o novo relincho do cavalo ruço, “meteu-lhe tal chute na barriga que ele nem pôde terminar seu relincho, e seguiu adiante”.³⁶ Este episódio reafirma a falta de compreensão dos homens pelos sentimentos que os cavalos manifestam uns aos outros e, simultânea e conseqüentemente, a desnecessária crueldade dos humanos para com os animais, já manifestada por Niéster e que virá à tona, de novo, na história de Kholstomér.

O episódio, entretanto, ainda não terminou, pois a “doçura e tristeza” que o cavalo ruço continuou sentindo, mesmo à distância, fez “os sons daquele relincho apaixonado” ecoar “por muito tempo até a manada.” E a pergunta retórica do narrador, comentando o episódio – “se o simples som daquela voz podia deixar o cavalo ruço aturdido a ponto de esquecer sua obrigação, o que não aconteceria se visse toda a beleza da travessa, como ficara atenta (...) e todo o seu corpo jovem e belo tomado de arrepios a chamar por ele?” – ressalta sua própria admiração pela beleza e sensualidade da potranca. Por outro lado, pelo fato de a travessa ser jovem, “quando a voz do ruço calou-se, [ela] deu mais um relincho zombeteiro, baixou a cabeça (...) e depois foi acordar e provocar o capão malhado”,³⁷ numa atitude condizente com sua volubilidade juvenil.

Toda esta cena digressiva, enquanto Kholstomér dorme, amplia o alcance da narrativa para incluir as aventuras dos outros cavalos, contrastando-as assim ao isolamento de Kholstomér, velho e doente, em relação à vivacidade e vigor da manada. E, pelo romantismo com que é descrita a “promessa de amor”³⁸ entre a potranca baia e o cavalo ruço, mais a tristeza de não poderem realizar seus desejos, o narrador demonstra outra vez a identificação dos sentimentos dos cavalos com os dos

36 Idem.

37 Idem.

38 Idem.

seres humanos, levando ao estranhamento; pois, ao dar voz e compreensão aos cavalos da manada, ele nos prepara para o fato de que os cavalos também ouvirão e compreenderão os sentimentos de Kholstomér, ao lhes narrar sua história.

Retornamos, assim, no final do capítulo, ao herói do conto, de novo em posição de inferioridade em relação aos outros cavalos da manada, por ser uma “ruína viva” do que havia sido, pois, como comenta o narrador, “O capão malhado era o eterno mártir e palhaço das brincadeiras daquelas jovens felizes. Sofria mais com elas do que com as pessoas. Não fazia mal nem a uns nem aos outros. As pessoas precisavam dele; por que então os cavalos jovens o atormentavam?”³⁹

Com esta última pergunta retórica, Tolstói evita a oposição total entre a falta de compreensão dos homens e os sentimentos dos animais, pois os cavalos jovens também têm defeitos, ao escolherem o capão malhado como “mártir e palhaço das brincadeiras” – lembrando-nos do “bullying” daqueles jovens que usam sua força para amedrontar e machucar os que não são tão fortes –, além de ressaltar a sensibilidade do velho capão malhado em relação às brincadeiras.

Capítulo IV

Se o capítulo III cita o capão malhado apenas no último parágrafo, a fim de destacar o sofrimento que a provocação da égua jovem causava nele, o capítulo IV irá confirmar os traços já apresentados do velho herói, em contraposição aos dos jovens cavalos. Como comenta o narrador,

Ele era velho, eles jovens, ele era magro, eles bem alimentados, ele era triste, eles alegres. Logo, era uma criatura bem diferente, totalmente estranha, forasteira e não era preciso ter pena dele. Os cavalos só têm pena de si mesmos e, de vez em quando, daqueles em cuja pele podem se colocar. Ora, por acaso o malhado tinha culpa de ser velho, magro e feio?... Parecia que não. Mas, ao modo dos cavalos, ele era culpado; só estavam certos os fortes jovens e felizes, aqueles que tinham

³⁹ Ibidem, p. 61-2.

tudo pela frente, aqueles que vibravam cada músculo em um esforço inútil e eriçavam a cauda rija feito estaca.⁴⁰

O que o narrador parece argumentar é que, partindo dos sentimentos dos cavalos jovens, bem alimentados e alegres, em relação aos decrepitos, essa falta de piedade para com os “outros” fazia parte da natureza dos cavalos e, consequentemente, mesmo não tendo culpa, o capão malhado “era culpado”. O fato de que, como cavalo, “não podia refrear sentimentos como a humilhação, a tristeza e a indignação ao olhar para todos aqueles jovens que o condenavam por algo a que todos teriam de se sujeitar no final de suas vidas”,⁴¹ ao perceber quão injustos e cegos eram em relação a seu estado atual, remete-nos mais uma vez ao “bullying” – comparação que atesta a sensibilidade e modernidade de Tolstói.

O escritor, entretanto, ainda apresenta outra alternativa para os sentimentos do capão malhado, ao afirmar o narrador que

Talvez o próprio cavalo malhado compreendesse e, em certos momentos de serenidade, se achasse realmente culpado por já ter gasto sua vida, julgando que devia pagar por isso; mas (...) ele era um cavalo e não podia refrear sentimentos como a humilhação, a tristeza e a indignação ao olhar para todos aqueles jovens que o condenavam por algo a que todos teriam de se sujeitar no final de suas vidas.⁴²

Se a visão dupla dos sentimentos do capão já indica a percepção do autor em apresentar traços da personalidade dos animais que condizem com a dos seres humanos – como o uso dos verbos “compreender/julgar/refrear sentimentos” pelo capão malhado, apontando para sua humanidade e conhecimento de vida, pois sabia que os cavalos jovens, insensíveis à sua velhice, que menosprezam e até culpam os idosos, também envelheceriam e passariam pelos mesmos constrangimentos – essa visão é ainda complementada por um aspecto que remete à sociedade russa da época: “um sentimento aris-

⁴⁰ Ibidem, p. 62.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

tocrático” de classes sociais. Como observa o narrador,

O motivo da crueldade dos cavalos devia-se também a um sentimento aristocrático. Descendiam todos, por parte de pai ou de mãe, do famoso Smietanka, e o cavalo malhado, por sua vez, tinha origem desconhecida; era um cavalo forasteiro, comprado numa feira por oitenta rublos, três anos antes.⁴³

Não sabem os cavalos jovens, entretanto, a verdadeira origem de Kholstomér, pois, como ele revelará em sua narrativa, descende de cavalos ainda mais nobres que os cavalos jovens. E o narrador concretiza uma nova cena de “bullying” ao relatar como a “eguinha baia” provocava o capão malhado, primeiro sozinho e depois em companhia de suas “amigas” e em seguida até em companhia de todos os jovens da manada, sem dar ao capão

decididamente um minuto de sossego, sequer para comer, de tal maneira que o peão teve de contê-los várias vezes, sem entender nada do que estava acontecendo. O cavalo ficou tão ofendido que caminhou sozinho para Niéster quando este juntava a manada, sentindo-se feliz e tranquilo ao ser selado e montado.⁴⁴

Ressalta o narrador mais uma vez, assim, os sentimentos dos cavalos em relação ao capão malhado, primeiramente o provocando e, com a reação deste, atormentando-o, sem que Niéster conseguisse entender “nada do que estava acontecendo”. O fato de nesse momento o narrador penetrar na mente do peão destaca bem, ironicamente, sua falta de compreensão em relação aos cavalos e, portanto, sua inferioridade em relação a eles, pois os cavalos avaliavam perfeitamente as intenções de Niéster. Ou seja, o efeito de estranhamento transparece aqui por meio da falta de entendimento do homem, em contraposição ao entendimento que os cavalos têm do que estava ocorrendo. Isto se manifesta na reação do capão, pois, de extremamente ofendido com a atitude precipitada e cruel dos cavalos, ele caminha em direção a Niéster, “feliz e tranquilo”, pois sabia

⁴³ Idem.

⁴⁴ Ibidem, p. 63.

o que esperar do peão: ser selado e montado. A revelação dos sentimentos “humanos” de Kholstomér – de ofendido a feliz e tranquilo – enfatiza, outra vez, a gradual ascensão do efeito de estranhamento no texto, que irá culminar na narração de sua história, a partir do capítulo seguinte.

Nesse momento, como que para acentuar que os homens não têm essa sensibilidade que Tolstói atribui aos animais, o narrador adota um ponto de vista externo. Como ele observa,

Sabe lá Deus o que passava pela cabeça do cavalo ao levar o velho Niéster no lombo. Talvez pensasse com amargura na juventude impertinente e cruel ou perdoasse seus ofensores, com aquele orgulho discreto e desdenhoso, peculiar aos velhos – mas não deixou transparecer um pensamento sequer até chegarem em casa.⁴⁵

Ou seja, comenta sobre a impossibilidade de se saber o que o cavalo pensava em relação ao comportamento cruel dos jovens cavalos. As duas alternativas que oferece – de o cavalo estar pensando “com amargura” sobre a crueldade dos jovens, ou, altivamente, como condiz aos velhos, “perdoasse seus ofensores” – não são reveladas pelo cavalo, confirmando a posição externa do narrador, nesse momento. Essa alternativa também poderia ser vista como uma antecipação da história que o cavalo contará, como se ele estivesse se preparando, mentalmente, para narrar sua vida aos mais jovens e, assim, manter o suspense sobre os próximos acontecimentos.

O último parágrafo acrescenta mais um episódio ao sofrimento do cavalo, já que Niéster, ao receber visitas naquela noite, esquecera de tirar a sela de Kholstomér e os outros cavalos, talvez por um “sentimento aristocrático” de sua ascendência, ou talvez por Kholstomér ainda estar preso a uma sela alta, “correram atrás do malhado com os dentes arreganhados enxotando-o para o pátio, e ouviram-se as pancadas dos cascos batendo contra o costado magro e os roncões ofegantes do velho. Ele não conseguia mais suportar nem evitar todos

45 Ibidem, p. 63-4.

aqueles golpes”.⁴⁶ Sua raiva e desespero, porém, transformaram-se num suspiro quando a velha égua Viazopurikha – que o conhecera quando jovem, como será revelado adiante – se aproxima dele, o identifica pelo cheiro e dá um suspiro, isto é, comove-se com o capão, e ele, por sua vez, também exprime o que se passava em sua alma, e é nesse clima de saudade, pela sensibilidade que Kholstomér e Viazopurikha expressam, que Kholstomér inicia, a partir do próximo capítulo, o relato de sua vida.

II – O estranhamento Chklóvskiano e seus desdobramentos: capítulos V-VIII:

Capítulo V

A partir do capítulo V até o VIII, o conto apresenta o capão malhado narrando a história de sua vida para os outros cavalos, durante cinco noites. Sua história está encaixada dentro da narrativa do narrador onisciente, que sempre inicia e conclui esses capítulos. Se o conto, como ficção, já nos afasta uma vez da realidade, com o encaixe estamos afastados duplamente da realidade – a ficção (a história contada pelo cavalo) dentro da ficção (a história de Kholstomér, contada pelo narrador).

O conto, entretanto, ainda adquire outra significação, por meio das teorizações de Tzvetan Todorov sobre encaixe, no qual “uma história segunda é englobada na primeira”.⁴⁷ Como ele afirma, a respeito da função do encaixe, é a estrutura da narrativa que nos fornece a resposta sobre a significação interna deste procedimento:

(...) o encaixe é uma explicitação da propriedade mais profunda de toda narrativa. Pois a narrativa encaixante é a narrativa de uma narrativa. Contando a história de uma outra narrativa, a primeira atinge seu tema essencial e, ao mesmo tempo, se reflete nessa imagem de si mesma (...) Ser a nar-

⁴⁶ Ibidem, p. 64.

⁴⁷ TODOROV, 1970, p. 123.

rativa de uma narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza através do encaixe.⁴⁸

Essas observações já se encontram concretizadas a partir do trecho encaixante inicial da narrativa do cavalo:

No meio do pátio enluarado estava a figura alta e magra do capão sob a sela alta (...). Os cavalos o rodeavam imóveis e em profundo silêncio, como à espera de algo novo e inusitado. E, de fato, ficaram sabendo de algo novo e inesperado.

Eis o que ouviram dele.⁴⁹

O fato de os cavalos rodearem o capão como espectadores é, segundo G.S.Morson, um procedimento característico de Tolstói para envolver o leitor de sua ficção, pois “a plateia na narrativa se torna um reflexo da plateia da narrativa”.⁵⁰ Além disso, como os cavalos estão imóveis, em contraste com a constante atividade em que são apresentados na narrativa e, portanto, como que intuindo que iriam ouvir algo extraordinário, prepara-os, como a nós, leitores, a nos tornarmos como que reféns da magia da história que o capão irá narrar. Este clima de expectativa é ainda ressaltado pelo “profundo silêncio” – qualidade essencial em muitos encantamentos⁵¹ – em que estavam os cavalos. A magia se inicia ao Tolstói conceder voz ao cavalo, como narrador em primeira pessoa, o que evidentemente irá implicar, segundo Chklóvski, no estranhamento da percepção emprestada ao animal em sua avaliação dos homens e dos objetos, e que irá transparecer desde suas primeiras palavras.

O início positivo de sua apresentação, como que em continuação a seus pensamentos – “Sim, eu sou filho de Liubiézni I e Baba. Me chamo por linhagem Mujique I, e Kholstomér é um apelido que vem da rua, dado pelo povaréu por causa do meu passo comprido e largo, que não tinha igual na Rússia. Não há no mundo cavalo de sangue mais nobre do que o meu”.⁵²–

48 Ibidem, p. 126.

49 TOLSTÓI, Op. cit., p. 65.

50 MORSON, In: FOREHAND, Op. cit., p. 34. Tradução nossa.

51 VRIES, Op. cit., p.424.

52 TOLSTÓI, Op. cit., p. 65.

em função do “sim”, antes de citar sua ascendência nobre, e a razão de seu apelido por causa de suas qualidades físicas, inigualáveis na Rússia, já indicam à plateia de cavalos sua posição de superioridade ancestral e física em relação a eles.

O fato de estar lhes contando sua ascendência, mesmo que não o devesse ter feito – pois, como ele continua,

Nunca lhes diria isso. Para quê? Vocês nunca me reconheceriam. Como não me reconheceu Viazopurikha, que esteve junto comigo em Khrenovo e só agora me reconhece. Nem hoje vocês acreditariam em mim, não fosse o testemunho de Viazopurikha. Nunca lhes diria isso. Não preciso da compaixão dos cavalos. Mas vocês o quiseram. Sim, eu sou aquele Kholstomér (...) que conheceu o próprio conde e que foi vendido por vencer Liébied seu cavalo favorito.⁵³

– demonstra o quão magoado ficou com o desprezo e violência dos cavalos, ao enxotarem-no para o pátio. A informação de que só a velha égua o reconhece, casualmente, pelo cheiro, demonstra o capão estar ciente de que só a palavra não é o suficiente para os outros acreditarem nele. Sua superioridade é novamente confirmada ao afirmar que não precisava da compaixão dos cavalos, pois ele havia vencido até o cavalo favorito do conde, seu ex-dono, o que, em consequência, levou à sua venda, iniciando sua decadência física.

Com plena consciência de seu poder de oratória, Kholstomér inicia agora a história propriamente dita de sua vida: narra e comenta sobre seu nascimento, a estranheza que sua cor malhada causava nos cavaleiros apesar de sua esperteza e beleza, seu contato com os parentes, a separação de sua mãe, o que lhe causou o primeiro desgosto de sua vida, as amizades que fez com os outros jovens cavalos, experimentando assim novas alegrias. Suas reflexões sobre sua própria vida nesta primeira fala revelam novamente como o estranhamento vai se tornando mais e mais aparente, por meio de expressões como:

– “quando nasci, não sabia o que significava malhado, pensava que eu era um cavalo. A primeira observação sobre

53 Idem.

meu pelo, recordo-me, impressionou profundamente a mim e à minha mãe". (...) "Eu me lembro de que (...) tudo me parecia estranho demais e ao mesmo tempo simples demais".⁵⁴

– "Minha mãe encostou-me suas tetas, mas eu ainda era tão ingênuo que (...) enfiava o nariz no meio de suas patas dianteiras(...). "Até então jamais houvera um malhado entre nós e entre todos os meus parentes. Não pensávamos que naquilo houvesse algo de mal".⁵⁵

– "Até hoje não posso esquecer a vista daquela estrebaria repleta das beiedades daquele tempo. Para vocês é estranho pensar e acreditar que eu também já fui jovem e esperto; fui mesmo". (...) "Minha cor malhada, que tanto desagradava às pessoas, agradava demais a todos os cavalos".⁵⁶

– "Mas logo conheci o primeiro desgosto da minha vida, e a causa foi minha mãe". (...) "Sentia que tinha perdido para sempre o amor de minha mãe. E tudo porque eu era malhado, pensava".⁵⁷

– "Pouco depois nos soltaram no pasto. Naquela época eu experimentei novas alegrias, que substituíram a perda do amor de minha mãe". (...) "Isso durou pouco. Logo depois aconteceu algo terrível comigo".⁵⁸

Essas expressões, nas quais se concretizam sua capacidade de recordar, de pensar, de se autoavaliar, de captar os sentimentos não só dos animais, mas também dos homens, de refletir sobre os momentos felizes e antecipar que acontecimentos terríveis virão, ainda são complementadas por continuar a se dirigir à plateia de cavalos – "vocês" – não só no início, como visto, mas também ao longo de sua fala, revelando, como mencionado acima, a importância de manter a atenção da plateia.

54 Idem.

55 Ibidem, p.66.

56 Ibidem, p.67.

57 Ibidem, p.68.

58 Ibidem, p.69.

Capítulo VI

Na segunda noite, Khostomér retoma a narração de sua história aos cavalos ao seu redor: seu afastamento físico e emocional da mãe, que estava grávida, sua amizade com Mili, um cavalo de sela, seu primeiro amor pela égua Viazopurikha, que levou ao seu espancamento pelos peões e à sua castração e transformação no capão triste e ensimesmado atual. O fato de a castração não estar presente na narrativa, pois Kholstomér apenas diz “No dia seguinte, depois daquilo, nunca mais relinchei e me transformei nisso que sou hoje”,⁵⁹ causa, talvez, um impacto muito maior no leitor do que se tivesse sido descrita. É a ausência da palavra e as consequências da mutilação, em vez, que nos fornecem a dimensão do ato terrível cometido contra o cavalo.

Como Kholstomér continua, além dos efeitos da castração, o fato de ser malhado fizeram dele “um cavalo ensimesmado”. Assim, voltando-se para si mesmo, concentrado, suas próximas reflexões iniciam sua avaliação dos atos cometidos pelos seres humanos:

Eu meditava sobre a injustiça das pessoas que me condenavam por ser malhado, sobre a inconstância do amor materno e do amor feminino de um modo geral, sua dependência de condições físicas, e meditava principalmente sobre as qualidades daquela estranha espécie de animais, a quem estamos tão estreitamente ligados e que chamamos de gente, meditava sobre aquelas qualidades das quais decorria minha situação no haras, que eu intuía mas não conseguia compreender.⁶⁰

A profundidade dessas reflexões sobre injustiça, sobre a inconstância dos sentimentos femininos, e, principalmente, sobre sua falta de capacidade de compreender as características humanas, demonstram a superioridade moral conferida aos cavalos. Simultaneamente, o estranhamento se efetua em consequência de o cavalo se referir às qualidades daquela “es-

⁵⁹ Ibidem, p. 71.

⁶⁰ Ibidem, p. 72.

tranha espécie de animais (...) que chamamos de gente”,⁶¹ ou seja, o comportamento dos homens é incompreensível para a percepção dele naquele momento; e, mais ainda, de sermos também “uma espécie de animais” para os cavalos, colocando-nos em posição de igualdade.

Em outras palavras, a significação do termo “consciência” – “sentido ou percepção que o ser humano possui do que é moralmente certo ou errado em atos e motivos individuais, funcionando como o juiz que ordena acerca de coisas futuras e que se traduz em sentimentos de alegria, satisfação, ou de culpa, remorso, acerca de coisas passadas”⁶² – se amplia e se aprofunda, pois Kholstomér aumenta suas reflexões em relação ao capítulo I, no qual comentava sobre suas relações com a mãe, com os outros cavalos, o tratamento e as observações dos cavaleiros. Como resultado dos efeitos da castração, reflete sobre o ser humano, reflexões essas que se aprofundam depois de ouvir o diálogo entre dois cavaleiros comentando sobre o relacionamento do conde – senhor do haras – com seus cavalos.

É a partir dessas reflexões que Chklóvski define o procedimento de estranhamento, retomado aqui pela sua importância: “In ‘Kholstomer’ (...) the story is told from the point of view of a horse, the objects are estranged not by our perception but by that of the horse”.⁶³ O exemplo apresentado pelo teórico refere-se à percepção que o cavalo tem sobre o direito de propriedade. Como o cavalo inicia,

Eu entendi bem o que eles disseram sobre os lanhões e o cristianismo, mas naquela época era absolutamente obscuro para mim o significado das palavras “meu”, “meu potro”, palavras através das quais eu percebia que as pessoas estabeleciam uma espécie de vínculo entre mim e o chefe dos estábulos. (...) Só o compreendi bem mais tarde, quando me separaram dos outros cavalos. Mas, naquele momento, não houve jeito de entender o que significava me chamarem

61 Idem.

62 Dicionário HOUAISS.

63 SHKLOVSKY, Op. cit., p. 7.

de propriedade de um homem. As palavras '*meu* cavalo', referidas a mim, um cavalo vivo, pareciam-me tão estranhas quanto a palavras "minha terra", "meu ar", "minha água".⁶⁴

Poderíamos aventar que o estranhamento age aqui a partir da falta de compreensão de Kholstomér quanto ao significado do termo "meu" como "propriedade de um homem", palavras que lhe pareciam "tão estranhas" como quando aplicadas a outros termos, como "minha terra", entre outros. O estranhamento, aqui, está na falta de percepção do cavalo, mas sua influência e seu efeito sobre Kholstomér, mesmo vindos "muito depois de ter as mais diversas relações com as pessoas"⁶⁵ e, portanto, partindo de um animal já amadurecido, é o de que

os homens não orientam suas vidas por atos, mas por palavras. (...) Dessas, as que mais consideram são "meu" e "minha", que aplicam a várias coisas, seres e objetos, inclusive à terra, às pessoas e aos cavalos. Convencionaram entre si que, para dada coisa, apenas um deles diria '*meu*'. E aquele que diz '*meu*' para o maior número de coisas é considerado o mais feliz, segundo esse jogo.⁶⁶

No longo trecho que segue, no qual Kholstomér explica o que quer dizer com essa convenção –

Muitas das pessoas que me chamavam (...) de '*meu* cavalo', nunca me montavam; as que o faziam eram outras (...). Também eram bem outras as que me alimentavam. As que cuidavam de mim, mais uma vez, não eram as mesmas que me chamavam '*meu* cavalo', mas os cocheiros, os tratadores, estranhos de modo geral.⁶⁷

– percebemos, após as constatações iniciais da contradição que havia entre quem dizia "meu" cavalo e quem realmente interagira com ele, como Kholstomér estende suas reflexões para julgar os seres humanos, julgamento esse que se materializa em

64 TOLSTÓI, Op. cit., p. 73-4.

65 Ibidem, p.74.

66 Idem.

67 Idem.

Mais tarde, quando ampliei meu círculo de observações, convenci-me de que, não só em relação a nós, cavalos, o conceito de ‘meu’ não tem nenhum fundamento senão o do instinto vil e animalesco dos homens, que eles chamam de sentimento ou direito de propriedade. O homem diz “minha casa”, mas nunca mora nela (...). Existem pessoas que chamam a terra de ‘minha’, mas nunca a viram nem andaram por ela. Existem outras que chamam de ‘meus’ outros seres humanos, mas nenhuma vez sequer botaram os olhos sobre eles, e toda a sua relação com essas pessoas consiste em lhes causar mal. (...) As pessoas não aspiram a fazer na vida o que consideram bom, mas a chamar de ‘minhas’ o maior número de coisas.⁶⁸

Essas reflexões substancializam bem o julgamento de Kholstomér, ao falar do “instinto vil e animalesco dos homens”, no qual o termo “animalesco” é aplicado no sentido pejorativo de bruto, estúpido, ao falar do conceito de propriedade que os homens possuem e, portanto, como uma reversão do sentido do termo para julgar os próprios homens, quando se referem a um comportamento abusivo ou brutal. Esse julgamento se torna ainda mais pungente quando Kholstomér se refere aos seres humanos como propriedade de outros homens, que lhes causam mal, sem ao menos conhecê-los. As conclusões de Kholstomér sobre a aspiração das pessoas na vida – este desejo profundo de atingir uma meta material ou espiritual – refletem que a aspiração delas só se refere a atingir uma meta material – possuir coisas – e não uma meta espiritual.

Toda esta argumentação nos remete também às considerações de Paulo Bezerra, mencionadas na Introdução, sobre a ideologia burguesa da posse e da propriedade, pois, como ele afirma, adiante,

à medida que [o cavalo] vai refletindo sobre o conceito de posse, sua crítica à essência da sociedade burguesa se amplia a outros aspectos como o discurso, porque finalmente acaba entendendo o sentido que as pessoas atribuem àquelas *estranhas palavras (...)* *meu, minha (...)*. Logo, o discurso

68 Ibidem, p.74-5.

da posse é meio de usar a palavra para escamotear a essência da ação.⁶⁹

O julgamento de Kholstomér sobre a arbitrariedade do conceito de posse e de propriedade das pessoas é agora complementado pelas afirmações seguintes:

Agora estou convencido de que é nisso que consiste a diferença essencial entre nós e os homens. É por isso que, sem falar das outras vantagens que temos sobre eles, já podemos dizer sem vacilar que na escada dos seres vivos, estamos acima da vida das pessoas; a vida das pessoas – pelo menos daquelas com as quais convivi – traduz-se em palavras; a nossa, em atos.⁷⁰

Kholstomér não tem mais dúvida de que essa é a diferença fundamental entre cavalos e homens, e, mais ainda, que os cavalos estão “acima da vida das pessoas”, pois esta é guiada por “palavras”, ao passo que a vida dos cavalos é guiada por “atos”. Esta reflexão demonstra claramente como o “ato” – exercício da faculdade de agir ou o seu resultado; aquilo que se faz ou se pode fazer – tem um valor concreto, ao passo que a “palavra”, como fala, revela apenas a capacidade de exprimir ideias por meio de sons articulados e, portanto, não leva necessariamente a um “ato”.

Termina também, com esta citação, o longo trecho utilizado por Chklóvski para teorizar sobre o procedimento de estranhamento em *Kholstomér*, se bem que o teórico ainda menciona que este procedimento não é modificado ao ser usado no final da novela, onde é aplicado “even when no motivation for it exists”,⁷¹ como será visto adiante.

Esta última observação de Kholstomér, ao julgar os cavalos superiores aos homens, manifestaria a culminância do estranhamento chklóvskiano, pois verificamos, a partir do início do conto, como há um crescendo nos verbos utilizados pelo narrador ao se referir aos cavalos e, principalmente, a Kholstomér.

69 BEZERRA, 2010, p.14.

70 TOLSTÓI, Op. cit., p.75.

71 SHKLOVSKY, Op. cit., p. 8.

tomér – de pensar e comentar a julgar, no sentido de emitir conceitos. Entretanto, o estranhamento prossegue por meio da fala de Kholstomér, ao refletir sobre as consequências desse sentimento de posse dos homens. Como ele afirma, “Eu me sentia três vezes infeliz: era malhado, castrado e, além disso, as pessoas não me imaginavam pertencente a Deus ou a mim mesmo, como acontece com qualquer ser vivo, mas ao chefe dos estábulos”.⁷² Ou seja, se o fato de ser malhado já o desfavorecia perante os homens, em relação aos outros cavalos, enquanto a castração lhe foi imposta para evitar que cruzasse com Viazopurikha ou outra égua, sua sensação, como ser vivo e não como um objeto, de pertencer ao chefe dos estábulos demonstra bem como o estranhamento continua, na avaliação tão profunda que Kholstomér faz a respeito de sua posição no mundo.

Os episódios narrados por Kholstomér, em seguida, como consequências desses preconceitos – ser montado, exercitar passos de trote e ser atrelado a uma carruagem simples, por ser propriedade não do conde, mas do chefe dos estábulos – serão ainda comentados na terceira noite de sua apresentação aos cavalos. Entretanto, o fato de os cavalos se dirigirem “respeitosos” a ele no dia seguinte, bem revela como sua história já transformou o preconceito inicial dos animais em relação ao “capão malhado”, em contraste com o tratamento de Niéster, que “permaneceu grosseiro como sempre”.

Capítulo VII

Na terceira noite, de novo “no meio do pátio, ladeado pelo rebanho”, em continuação às suas reflexões sobre “esse direito de propriedade que o chefe dos estábulos imaginou ter”,⁷³ as palavras iniciais de Kholstomér revelam o quanto ele havia sido afetado por esse direito, pois “o fato de eu não pertencer nem ao conde, nem a Deus, mas ao chefe dos estábulos (...) teve como consequência principal e surpreendente a minha

⁷² TOLSTÓI, Op. cit., p.75.

⁷³ Ibidem, p.76.

expulsão, motivada por nosso maior mérito, a velocidade”.⁷⁴ Narra a seguir como, montado pelo chefe dos estábulos, venceu Liébied, o melhor potro do conde, e, para que este não o soubesse, pois seria “uma desgraça!”,⁷⁵ foi vendido para um negociante de cavalos e, logo em seguida, para um hussardo. Suas próximas considerações reiteram seu padecimento em consequência desses acontecimentos:

Foi tudo tão injusto, tão cruel que eu fiquei contente quando me levaram de Khrenova, afastando-me para sempre de tudo o que me era familiar e querido. Eu sofria demais entre eles. Esperavam-lhes o amor, as honras, a liberdade, e a mim o trabalho e a humilhação, a humilhação e o trabalho, até o fim da minha vida! Para quê? Por quê? Eu era malhado e, por causa disso, precisava ser de alguém.⁷⁶

Seu afastamento do haras e de tudo o que lhe era “familiar e querido” – pois apenas “o trabalho e a humilhação” o aguardavam, em contraposição ao amor, honras e liberdade que estavam à espera dos outros cavalos, por ele ser malhado e, portanto, deveria ser propriedade de alguém – demonstra, de novo, sua incompreensão das razões arbitrárias e sem finalidade com que essas decisões foram tomadas. Simultaneamente, o efeito de estranhamento continua, não apenas por Kholstomér apontar para a crueldade e injustiça dos homens, mas principalmente pelas perguntas retóricas que ele faz a si próprio, utilizando os recursos da eloquência.

Sua narrativa é interrompida com o nascimento de um potrinho, o que “alvorçou toda a manada”. Essa interrupção, entre outras alternativas, também poderia servir de procedimento para manter o suspense da narrativa até a noite seguinte.

Capítulo VIII

A quarta e a quinta noites da narrativa de Kholstomér são apresentadas juntas neste capítulo. Na quarta noite, Kholstomér inicia com uma reflexão geral – “Tive oportunidade de

⁷⁴ Ibidem, p.77.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Ibidem, p.78.

muito observar as pessoas e os cavalos durante todos os períodos em que estive passando de mão em mão”⁷⁷ – que retoma o efeito de estranhamento, pois aprimora suas observações sobre as pessoas e os outros cavalos, estudando-as e buscando chegar a um julgamento.

Kholstomér relata, em seguida, sua vida com um príncipe, oficial hussardo, com o qual passou a “melhor época” de sua vida. Esta afirmação contrasta com suas considerações seguintes: “Embora tenha sido ele a causa da minha ruína, embora ele não gostasse de nada nem de ninguém, justamente por isso eu gostava e ainda gosto dele”.⁷⁸ Ou seja, em sua narrativa retrospectiva, Kholstomér já previne que, apesar dos defeitos, ou, justamente em função deles, ele gostava e ainda gosta do príncipe. Essa contradição, por sua vez, Kholstomér a explica à plateia dos cavalos, ao dialogar com eles: “Vocês entendem esse nosso elevado sentimento equino. A frieza, a dureza dele, a minha dependência em relação a ele, davam uma força especial ao meu afeto. ‘Me mata, me esfalfa, que assim eu serei mais feliz’, eu chegava a pensar em nossos bons tempos”.⁷⁹

Esta oposição poderia estar relacionada com esse “elevado sentimento equino”, que Kholstomér afirma fazer parte da sensibilidade dos cavalos, e que faz com que, entusiasmado com seu senhor, o amasse e ainda continuasse a amá-lo, apesar de sua dureza e frieza. Percebemos, nessa demonstração de carinho incondicional, um novo efeito de estranhamento que Kholstomér nos fornece, já que, como narrador-protagonista, faz-nos notar o quanto essa demonstração nos causa estranhamento, pois como conciliar a falta de afeição do príncipe por Kholstomér com a devoção total do cavalo por seu senhor?

São diversas as razões que Kholstomér apresenta, ao reiterar que passou a melhor época de sua vida com o príncipe, que revelam a profundidade de suas observações: levava todo dia o príncipe à casa da amante “e às vezes carregava-os juntos.

⁷⁷ Ibidem, p. 78-9.

⁷⁸ Ibidem, p. 79.

⁷⁹ Idem.

A amante dele era bela, ele era belo, o cocheiro deles era belo. E eu gostava de todos eles por isso. Eu me sentia bem em viver".⁸⁰ Descreve, a seguir, como transcorria sua vida com os cavaleiros que cuidavam dele, admirando sua beleza; com o cocheiro Feofan, que cutucava suas coxas para brincar; e com o garanhão Polkan, com o qual às vezes brigava "para valer". E foi a serviço de seu dono e desse cocheiro que Kholstomér perdeu suas "melhores qualidades" e metade da sua vida: "Ali me esfolaram e me deixaram em pandarecos. Mas, apesar disso, foi minha melhor época".⁸¹

Como Kholstomér continua a relatar, num tom agora levemente nostálgico: quando era atrelado ao trenó, guiado por Feofan, para levar o príncipe, este "chegava desajeitado e com pressa em sua barretina (...) sem prestar atenção em mim ou em Feofan, nós, de quem todos gostavam e admiravam, menos ele." Mesmo assim,

quando estava de bom humor, o príncipe pilheriava com Feofan (...) e eu partia num galope cada vez mais largo, vibrando cada músculo e atirando neve e lama sob as engrenagens do trenó. (...) e o povo abria caminho, parava e entortava o pescoço para mirar o belo malhado, o belo cocheiro e o belo senhor.⁸²

Esta descrição confirma a razão do entusiasmo de Kholstomér, mesmo diante da indiferença do príncipe para com ele e o cocheiro, e sua felicidade ao ser admirado, juntamente com o cocheiro e o senhor, pelo povo, momentos em que a separação ser humano-animal parecia não existir, tanto para o cavalo quanto para os homens. Simultaneamente, confirma a nós a qualidade dos equinos já apresentada por Kholstomér, de "estar acima das pessoas" e também sua dedicação total ao seu "belo senhor".

As reminiscências de Kholstomér, nesta quarta noite, terminam com sua afirmação "Eu gostava de ultrapassar um tro-

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Ibidem, p. 80.

⁸² Ibidem, p. 81-82.

tador”.⁸³ E, após relatar seus feitos com Feofan e o príncipe, termina repetindo “Eu gostava de ultrapassar os outros, mas gostava também de um bom trotador; um instante, um ruído, um olhar e já nos afastávamos, já voávamos sozinhos, cada um para o seu lado”.⁸⁴ Este final de narrativa na quarta noite, com a tripla repetição de “eu gostava” em relação a sua paixão por corridas – com suas “pernas retas como flechas” e os “cascos largos”⁸⁵ – finaliza também os dois anos de época feliz que passou com o príncipe, algo que ele irá comentar logo ao início da última parte de sua história. O estranhamento, neste trecho, não tão intenso como na segunda noite, mesmo assim se faz presente, pois o cavalo continua a transmitir seus sentimentos, percepções e observações, tanto em relação a si quanto aos homens com quem convivia.

A quinta noite, que finaliza a narrativa de Kholstomér, parece já anunciar essa conclusão por meio da mudança de tempo, pois “amanhecera nublado e não havia orvalho, mas estava morno e os mosquitos grudavam”,⁸⁶ em contraposição às noites anteriores, como na primeira, na qual o pátio estava “enluarado”⁸⁷ e, na terceira, “a lua (...) em forma de foice derramou-se sobre Kholstomér”.⁸⁸ Esse decrescendo da narrativa já se inicia com as primeiras palavras de Kholstomér: “Minha boa vida acabou logo. Eu vivi assim por dois anos apenas. Ao fim do segundo inverno, aconteceu-me a coisa mais feliz de minha vida, e depois minha maior desgraça”.⁸⁹ Relata a seguir, o primeiro fato – o mais feliz de sua vida: venceu uma corrida contra o favorito Átlasni, o que fez com que o príncipe recebesse ofertas de milhares de rublos por Kholstomér, ao que ele,

83 Ibidem, p. 82.

84 Idem.

85 Ibidem, p. 79.

86 Ibidem, p. 83.

87 Ibidem, p. 65.

88 Ibidem, p. 77.

89 Ibidem, p. 83.

rindo, respondeu: “Não (...) ele não é um cavalo, é um amigo, e eu não o vendo nem por uma montanha de ouro”.⁹⁰

Essa asserção, à primeira vista tão positiva, será destruída logo a seguir, pois o segundo episódio, que leva à desgraça do cavalo, acontece imediatamente após o primeiro: o príncipe e Kholstomér “voam” para a casa da amante, onde o príncipe descobre que ela havia se apaixonado por outro e o deixara. É nesse momento que se inicia a “maior desgraça” de Kholstomér, pois o príncipe, raivoso, foi atrás da amante sem desatrelá-lo:

(...) açoitaram-me com o chicote e me fizeram galopar. Pela primeira vez perdi o passo, fiquei com vergonha e quis acertar, mas, de repente ouvi o príncipe gritar feito possessor: “Anda!”. Fustigou-me com o chicote, senti a pontada e saí a galope batendo as patas no jogo dianteiro do coche. Nós a alcançamos (...) adiante. Eu o levei até lá, mas passei a noite toda tremendo, nem comer eu consegui.⁹¹

Os detalhes desta descrição de Kholstomér combinam-se, desde verbos que revelam a crueldade dos homens – “açoitaram-me/ fizeram-me galopar/ fustigou-me com o chicote” –, verbos que revelam a dor do cavalo – “senti a pontada” – e verbos que apontam para as consequências do sofrimento imposto ao cavalo – “passei a noite tremendo, nem comer consegui” –, sequelas que o levam a dizer, na outra manhã:

De manhã deram-me água. Bebi, mas para o resto da vida deixei de ser o cavalo que era. Fiquei doente, atormentaram-me e me mutilaram – curaram-me, como dizem os homens. Meus cascos se soltaram, se esfarelaram, minhas pernas arquearam, o peito sumiu, a fraqueza e o abatimento tomaram conta de mim.⁹²

Sua conscientização de que “para o resto da vida deixei de ser o cavalo que era” e o tom estóico em que narra as consequências dessa crueldade cometida contra ele apontam, de novo, para o estranhamento, no sentido de Kholstomér domi-

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Ibidem, p.83-4.

⁹² Idem.

nar a narração de sua vida, simultaneamente comentando-a, ou seja, está ciente do contraste entre a atitude insensível e impiedosa dos homens e sua total impossibilidade de defesa ou reação.

Kholstomér relata a seguir as vendas pelas quais passou, já “sem forças e imprestável para cavalgar”:⁹³ a um negociante de cavalos, uma velhinha, um mercador, um mujique, um cigano. Todos esses compradores, que também o atormentavam e o feriam, exemplificam, mais uma vez, a situação de Kholstomér como “mercadoria” para os seres humanos, que, sem exceção, consideravam Kholstomér sua propriedade, que poderia ser manipulada de qualquer maneira. Suas últimas palavras – “e aqui estou” – confirmam seu estoicismo ao não solicitar piedade à plateia de cavalos, e, simultaneamente, marcam o final de sua história, pois termina aqui o encaixe.

A frase seguinte, que apresenta a reação dos cavalos – “Todos calaram. Começou a chuveirar”⁹⁴ – já dita pelo narrador onisciente, encerra o capítulo.

Capítulos IX, X, XI

Nos capítulos IX, X e XI, num paralelismo de contraste, o narrador onisciente retoma a palavra e apresenta a sequência da história, mas focalizando personagens humanos: o dono do haras, sua esposa e, principalmente Sierpukhóvskoi, o amado ex-dono do cavalo. Essa mudança de focalização, entretanto, dá-se sem romper o cenário da história de Kholstomér, como revela o início do capítulo IX: “Ao voltar do pasto na noite seguinte a manada encontrou o dono com visita”.⁹⁵ A continuação, entretanto, já prenuncia que haverá algum tipo de confronto, pois, aproximando-se da casa, Juldiba [a velha égua] “olhou de esquelha para as duas figuras masculinas: um era o jovem senhor (...) o outro, um militar alto, corpulento e obeso”.⁹⁶

93 Ibidem, p. 84.

94 Idem.

95 Ibidem, p.85.

96 Idem.

Reconhecendo-os, ela “passou encolhida ao largo”, pois ambos se meteram no meio dos cavalos para examiná-los, enquanto o dono dava explicações ao convidado. O reconhecimento da égua, que antecipa o reconhecimento de Sierpukhóvskoi por parte de Kholstomér e o não reconhecimento do animal por parte do homem, são dois momentos importantes neste capítulo.

Na cena seguinte, pelo fato de não conseguirem examinar todos os cavalos, o dono chamou Niéster e este

(...) num gesto apressado deu com o salto das botas no flanco do malhado e o tocou para a frente. O cavalo mancou, coxeando numa das pernas, mas correu de modo a deixar claro que, enquanto tivesse forças não se queixaria, de maneira nenhuma, ainda que o mandassem até o fim do mundo. Estava mesmo disposto a soltar o galope e chegou inclusive a tentar pela perna direita.⁹⁷

A importância desta cena reside no fato de, novamente, a falta de sensibilidade do homem em relação ao animal vir à tona, e que Kholstomér, apesar de tudo, correu, sem se queixar. A grande ironia, porém, está no fato de que, enquanto isso, o dono elogiava uma de suas éguas como o melhor cavalo de toda a Rússia. Lembrando que esse comentário foi o que o príncipe, na época dono de Kholstomér, fazia sobre o capão malhado, fica em evidência de novo que o único interesse do dono e do visitante é se gabarem dos cavalos que têm ou tiveram, concretizando os comentários de Kholstomér sobre o sentido de “meu” e “minha”, como visto acima. E, em mais uma reviravolta na cena, ao passar diante de Niéster montado no malhado, o visitante “deu um tapinha com a mão roliça, na garupa do cavalo”, dizendo: “Que malhas! (...) Eu tinha um cavalo igual a esse, lembra, eu lhe contei”.⁹⁸

Dois aspectos chamam a atenção. Por um lado, mesmo tendo dado um tapinha na garupa de Kholstomér, o visitante não o reconheceu. Por outro, suas palavras demonstram, mais uma vez, o sentido de “meu” comentado por Kholstomér a respeito

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Ibidem, p. 86.

dos homens, pois o visitante estava lembrando ao dono que já havia lhe contado sobre essa sua “posse”, numa clara antecipação para o leitor de quem seria o “visitante”, que o último parágrafo revela:

De repente, (...) ressoou um relincho ridículo, fraco e senil. Era o malhado que havia relinchado, parando em seguida, sem conseguir terminar, como se estivesse envergonhado. Nem o convidado, nem o dono deram atenção a esse relincho e dirigiram-se para a casa. Naquele velho obeso Kholstomér reconheceu o seu dono amado, o outrora brilhante, rico e belo Sierpukhóvskoi.⁹⁹

A voz debilitada do cavalo, em sua tentativa de se comunicar com o ex-dono, como iremos descobrir em seguida – e ignorada pelos dois homens – nos revela mais uma vez a capacidade de Kholstomér em reconhecer seu “dono amado”, apesar de velho e obeso, ao contrário deste, que não o reconhece. O fato de o capítulo se encerrar com essa revelação, enfatizando que esse dono amado era “o outrora brilhante, rico e belo Sierpukhóvskoi”, funciona como um paralelismo tanto de similaridade – ambos estão velhos e debilitados, se bem que o cavalo por culpa dos homens e o príncipe por própria culpa – como de contraste, pois o cavalo o reconheceu mas o príncipe, apesar do “tapinha”, não o reconheceu, apenas se gabou de que já tivera um cavalo assim. Limitando sua onisciência ao cavalo, nesse momento, o narrador torna a comprovar a sensibilidade que ele atribui ao animal, enquanto o príncipe permanece apenas uma figura “externa”, superficial e jactanciosa.

Em continuação e simultaneamente em contraste com a estrebaria escura, no capítulo X o narrador descreve, em detalhes, o “magnífico chá da tarde” que era servido “no salão luxuoso” da casa do senhor: os trajes da senhora, do senhor, a opulência da casa. Como ele comenta, “Tudo transpirava novidade, luxo e raridade. Tudo estava muito bem, mas em todas as coisas havia a marca peculiar do excesso, da riqueza e ausência de interesse intelectual”,¹⁰⁰ numa alusão explícita à

99 Idem.

100 Ibidem, p. 87-8.

nobreza russa da época, alienada da nova realidade social que estava se formando. E, em seguida, como que antevendo e concretizando o final dessa camada social, o narrador apresenta a figura do “recém-chegado”, o príncipe Nikita Sierpukhóvskoi e sua “decadência física, moral e financeira”.¹⁰¹ O longo diálogo mantido entre os três ressalta, mais uma vez, a insistência do dono em se vangloriar de suas “posses”, enquanto o príncipe, falido, humilhado e invejoso, “fingia escutar”.¹⁰²

O cap. XI continua esse diálogo, à mesa da sala de jantar, agora só entre o dono e o príncipe, pois sua mulher havia se retirado. A ênfase em continuar mostrando a diferença financeira entre ambos é acentuada entre as tentativas do dono em persistir se gabando e as de Sierpukhóvskoi, que queria “falar de si – de seu passado brilhante”.¹⁰³ Assim, o príncipe consegue introduzir a história de Kholstomér, num irônico paralelismo de similaridade e também de contraste. Pois, depois ao afirmar ao anfitrião que

Vocês donos de haras se metem no negócio apenas por vaidade e não por uma questão de prazer e de vida. Mas comigo não era assim. (...) eu tinha um cavalo de corrida, malhado, com malhas iguaizinhas às daquele que o seu cavaleiro monta.

Aquilo é que era cavalo! Você não podia saber (...) eu acabara de chegar a Moscou; vou ao revendedor e vejo um capão malhado. De bons modos. Gostei. Preço? Mil rublos. Me agradou, peguei-o e montei e saí cavalgando. (...) Eu não conheci cavalo melhor no andar, na força e na beleza.¹⁰⁴

o príncipe primeiro acusa o dono de, diferentemente de si próprio, comprar cavalos só por vaidade – o senso de “posse” –, em vez de “por uma questão de prazer e de vida”.¹⁰⁵ Entretanto, ao mencionar o “cavalo de corrida, malhado” que tivera, afirmar que suas malhas eram “iguaizinhas” às do cavalo no

¹⁰¹ Ibidem, p.88.

¹⁰² Ibidem, p. 91.

¹⁰³ Ibidem, p.92.

¹⁰⁴ Ibidem, p.93.

¹⁰⁵ Idem.

qual Niéster montava, e não ter reconhecido este cavalo como sendo o “capão malhado”, demonstra, ironicamente, a incapacidade de “ver” os outros, ao pensar só em si, testemunho de sua própria vaidade.

Ao prosseguir sua história da aquisição de Kholstomér –

Eu o comprei assim, sem raça, sem atestado, só depois fiquei sabendo. (...) Era o filho de Liubiézni I, Kholstomér. Por causa de suas malhas, deram-no ao cavaliário do haras Khrenovski, que o castrou e o vendeu a um negociante. Cavalos como aquele não existem, amigo!¹⁰⁶

– na qual apenas elogia Kholstomér, o príncipe começava a embriagar-se. Relembra, comentando: “Êta tempo bom! Eu tinha vinte e cinco anos, uma renda anual de oitenta mil rublos de prata (...) Fizesse o que fizesse, tudo dava certo; e tudo acabou”.¹⁰⁷ Entretanto, essa conscientização de ser responsável pela sua própria desgraça é, em consequência de sua embriaguez, seguida por mentiras, ao contar a seu jovem anfitrião como, durante uma corrida em Moscou, numa aposta, Kholstomér “deu a volta em cinco minutos” e, em outra, o príncipe fizera “cem verstas [1,067 km] em três horas”.¹⁰⁸ Toda essa encenação, em vez de valorizar sua figura, é evidentemente percebida pelo anfitrião, que o considera “insuportável”, como diz à mulher, mais tarde.

O príncipe, por sua vez, já na cama, reflete sobre sua atitude, mesmo bêbado, e o capítulo se encerra com a descrição dele “a roncar, enchendo o quarto todo com um cheiro de tabaco, vinho e velhice imunda”.¹⁰⁹ Esse comentário acentua, assim, o paralelismo de contraste entre a história de Kholstomér e a do príncipe, em sua “decadência física, moral e financeira”.¹¹⁰ o primeiro em estado lastimável, devido aos maus tratos e ganância dos homens; o segundo, por culpa e negligência pró-

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Ibidem, p.94.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ Ibidem, p.95.

¹¹⁰ Ibidem, p.88.

prias. Tendo chegado assim ao final de suas histórias, o último capítulo apenas irá narrar as mortes de ambos, em contraste, como convém.

Capítulo XII

Se o procedimento de estranhamento, nesses três capítulos em que é focalizada a visita do príncipe ao dono do haras, foi mínimo, no capítulo XII ele reaparece com todo o vigor. Por um lado, a primeira frase do capítulo XII – “Se Kholstomér ainda se lembrou de alguma coisa naquela noite, Vaska o distraiu”¹¹¹ – complementa a primeira frase do capítulo IX – “Ao voltar do pasto na noite seguinte [a do final da história de Kholstomér] a manada encontrou o dono com visita”¹¹² –; a sugestão da primeira é de que Kholstomér talvez ainda tivesse alguma lembrança para acrescentar à sua história, na noite seguinte, mas isso não foi possível, pois Vaska perturbou seus pensamentos ao colocar-lhe uma gualdrapa e sair galopando, deixando-o “até de manhã à porta de uma taberna junto com os cavalos dos mujiques”.¹¹³ A menção das eventuais lembranças de Kholstomér, portanto, nos remete ao procedimento de estranhamento do cavalo como ser pensante. Por outro lado, o fato de os capítulos IX a XI se concentrarem no diálogo entre o príncipe e o dono do haras, como visto, salientando a preocupação deles em apenas se vangloriar de suas posses, irá marcar ainda mais o final da narrativa, ao contrapor a sofrida morte de Kholstomér com a morte do príncipe.

O trecho seguinte, num instante, reverte definitivamente a história do cavalo. Ele se inicia quando Kholstomér, ao juntar-se à manada, na manhã seguinte, não parava “de se coçar”. “Tem alguma coisa coçando e doendo – pensou ele”. Ciente de estar doente, mas impossibilitado de fazer algo, o fato de só após cinco dias chamarem “o curandeiro de cavalos” – que disse “com alegria”: “É a crosta. Permita vender aos ciganos”¹¹⁴

111 Ibidem, p. 95.

112 Ibidem, p. 85.

113 Ibidem, p. 95.

114 Ibidem, p. 96.

–, demonstra bem o descaso de Vaska, complementado com sua resposta indiferente: “Para quê? Mate-o, e que suma daqui hoje mesmo”.¹¹⁵ Está, assim, selado o destino do capão malhado.

E é no cenário bucólico dessa manhã “tranquila, clara”, com a manada indo ao campo e Kholstomér não, que surge, em sugestivo contraste, a figura de “um homem terrível, magro, escuro, sujo, de cafetã salpicado de alguma coisa escura. Era o esfolador. Ele pegou as rédeas e o cabresto sem olhar para o cavalo, meteu-os nele e o levou”.¹¹⁶ Além da descrição assustadora do esfolador, o fato de seu cafetã estar manchado complementa a sugestão de que o ritual da morte do capão começou ao ser levado por seu carrasco. Sem consciência do que faziam, “Kholstomér foi calmamente, sem olhar para trás (...). Ao atravessar o portão, ele se arrastou em direção ao poço, mas o esfolador o impediu e disse: – Não é preciso”.¹¹⁷ Sua serenidade, por um lado, e, por outro, a crueldade do esfolador em não deixá-lo beber água, tprnam a ressaltar a contraposição animal-homem, desta vez sem o cavalo se dar conta do que o aguardava.

Os detalhes revelados a seguir, da preparação da morte de Kholstomér – “O esfolador e Vaska chegaram a uma clareira atrás de um galpão de tijolos (...), pararam, o esfolador passou as rédeas a Vaska, tirou o cafetã, arregaçou as mangas, tirou do cano da bota uma faca e uma pedra e começou a afiá-la.”¹¹⁸ – acentuam a tensão da cena; simultaneamente, a falta de compreensão do cavalo sobre o que irá acontecer, torna sua figura mais comovente e trágica, como o trecho subsequente revela: “o capão esticou o pescoço em direção à rédea, queria mascá-la por tédio, mas ela estava longe, ele suspirou e fechou os olhos. Seu beijo pendia (...) começou a dormir com o ruído da faca

115 Idem.

116 Idem.

117 Idem.

118 Idem.

na pedra. Só a perna doente com o tumor estremecia”.¹¹⁹ Essa breve pausa em que cochila, entretanto, é interrompida ao sentir “que o colocavam num pequeno trenó e erguiam-lhe a cabeça. Abriu os olhos. Havia dois cães à sua frente. Um deles farejava na direção do esfolador, o outro estava sentado, olhando para o capão, como se esperasse algo justamente dele”.¹²⁰

Como o trecho revela, o prosseguimento da ação dos homens, ao prepará-lo para o sacrifício, torna-se ainda mais marcante com a figura agourenta dos cães já prenunciando o que acontecerá após a morte do cavalo. E a ingenuidade de Kholstomér, que o leva a uma interpretação errônea da intenção dos homens – “O capão olhou para eles. Olhou e começou a esfregar o zigoma contra a pata que o sustentava. “Com certeza estão querendo tratar de mim”, pensou. “Que tratem!”¹²¹ – torna ainda mais pungente a cena seguinte, pois ele aceita sua morte com o mesmo estoicismo com que aceitava os castigos aos quais era submetido:

Com efeito, sentiu que haviam feito algo com sua garganta. Sentiu dor, estremeceu, bateu com a pata, mas se conteve e esperou o que viria. Depois aconteceu que uma coisa líquida jorrou num grande jato pelo pescoço e pelo peito. Suspirou a plenos pulmões. Sentiu-se muito mais leve. Aliviou-se de todo peso de sua vida. Fechou os olhos e começou a inclinar a cabeça – ninguém o segurou. Depois inclinou o pescoço, depois as pernas começaram a tremer, todo o corpo cambaleou. Ele não se assustou tanto quanto se surpreendeu. Tudo ficou tão novo. Admirou-se, arrancou para a frente e para cima. Mas em vez disso as pernas, depois de se mexerem do lugar, bambearam, ele começou a tombar de lado, ainda desejando dar um passo, pendeu para a frente e caiu sobre o lado esquerdo.¹²²

O efeito causado pelo procedimento do estranhamento é aqui concretizado na razão inversa do procedimento que fora usado na segunda noite da história narrada por Kholstomér, pois,

119 Idem.

120 Idem.

121 Ibidem, p.96-7.

122 Ibidem, p. 97.

se naquela ocasião “a narração era conduzida por um cavalo e os objetos eram singularizados pela percepção emprestada ao animal e não pela nossa”, como visto, agora Tolstói apresenta o cavalo sentindo os efeitos do ato, mas sem compreender o que acontecia: a dor que sentiu quando a faca do esfolador penetrou sua garganta – “havião feito algo com sua garganta” – ; o sangue – “a coisa líquida” – que jorrou pelo pescoço e peito; e as consequências desse ato: “suspirou a plenos pulmões”, como se sentisse que seria seu último suspiro, ato este tantas vezes mencionado no decorrer do conto em relação aos cavalos, para exprimirem o que havia tinham na alma. “Sentiu-se muito mais leve”, como se a morte iminente já se fizesse sentir, ao aliviá-lo do “peso de sua vida”, elevando-o, assim, para um novo patamar, pois a descrição que segue – ao fechar os olhos e inclinar a cabeça – já apresenta seu corpo começando a oscilar. A surpresa sentida por ele, pois “tudo ficou tão novo”, torna a confirmar o estranhamento, pois a visão, talvez, de um novo mundo à sua frente não o assustou, apenas o surpreendeu. Finalmente, ao tombar e cair significativamente sobre o lado esquerdo – o lado do coração –, o esfolador ainda “esperou até que a convulsão terminasse, [e] enxotou os cães que tinham chegado mais perto”, para, em seguida, começar a esfolá-lo.¹²³ A repetição dos verbos relacionados com sensações (sentir, aliviar-se, estremecer, surpreender-se, assustar-se, admirar-se) apenas aumenta o efeito de estranhamento do cavalo, pela incompreensão do que estava acontecendo com ele, e, consequentemente, nossa piedade para com ele.

Concretizam-se neste trecho, também, as teorizações de Chklóvski sobre “enstrangement in the form of psychological parallelism”: “What is important in psychological parallelism is for each of the parallel structures to retain its independence in spite of obvious affinities”.¹²⁴

O comentário final dos homens – “Isso sim era cavalo – disse Vaska. – Se fosse mais bem alimentado, teria dado um bom couro – disse o esfolador.” – mostra, por um lado, a ad-

¹²³ Idem.

¹²⁴ SHKLOVSKY, Op. cit., p. 12.

miração de Vaska, que conhecera bem o cavalo, e, por outro, a praticidade do esfolador, ao avaliar a qualidade do couro do “capão malhado”.

O desfecho do conto se inicia com o retorno da manada pela colina, à noite,

e os que vinham do lado esquerdo puderam avistar lá embaixo uma coisa avermelhada, junto à qual circulavam cães atarefados e esvoaçavam gralhas e falcões. Com as patas grudadas na carniça um cão sacudia a cabeça e arrancava com estalos o que havia agarrado. A égua parda parou, espichou o pescoço e ficou muito tempo aspirando o ar. Só à força conseguiram enxotá-la.¹²⁵

A “coisa avermelhada”, liberando o objeto do “automatismo perceptivo”, mudando a “forma” do cavalo mas não sua “essência”,¹²⁶ faz-nos ver o cavalo morto como se o víssemos pela primeira vez, não mais de maneira definida, mas como algo vago, sem forma, sem vida, porém lembrando, pela cor, o sangue derramado. Esse estranhamento é contrastado com a cena viva dos cães que circulavam, e das gralhas e falcões que esvoaçavam em volta, e o detalhe tão realista dos despojos do cavalo sendo arrancados à força por um cão. A menção da égua parda que parou, espichou o pescoço e ficou aspirando o ar, como que reconhecendo pelo cheiro o antigo camarada, acrescenta um toque nostálgico à cena, ao mesmo tempo em que evidencia a capacidade de os cavalos se reconhecerem mesmo depois de muito tempo, como já mencionado.

O ato de devorar os despojos do cavalo tem prosseguimento na manhã seguinte, “num barranco do velho bosque”, quando cinco lobinhos “uivavam alegres” ao ver a chegada da mãe, uma loba velha e magra, arrastando pelo chão a barriga cheia e que, após vomitar um grande pedaço de carne de cavalo, lança um pedaço para cada filhote, iniciando com o menor.¹²⁷ Este

125 TOLSTÓI, Op. cit., p. 97.

126 CHKLOVSKI, 1971, p. 45-6. Conservamos, aqui, a tradução em português, pois os termos traduzidos correspondem à versão em inglês: “automatized perception”, “form”, “essence” (1990, p. 6).

127 TOLSTÓI, Op. cit., p. 98.

ato concretiza a continuação da vida, em diferentes formas – lembrando, pela semelhança temática, a derrubada e morte da árvore no conto *Três Mortes*, de Tolstói, quando as árvores vivas se apropriam, alegres, do espaço aberto pela queda do freixo¹²⁸ –, pois o cavalo continuará sua existência por meio dos lobinhos que devoraram partes de seus despojos.

E prosseguirá sua vida ainda mais, pois, após uma semana, “apenas um grande crânio e dois ossos graúdos rolavam ao lado do galpão de tijolos, todo o restante fora levado. No verão, um catador de ossos levou-os todos, mais o crânio, e os transformou em objetos úteis”.¹²⁹ O fato de Tolstói ter terminado a história do cavalo com a menção de que os ossos e o crânio foram transformados em “objetos úteis”, enfatiza o valor e a utilidade que o cavalo continua a ter, mesmo após a morte, pois se em vida ele havia sido um “objeto útil” para seus nobres donos, agora, morto, o restante de seus despojos continua a ser proveitoso para os camponeses da região.

Entretanto, num paralelismo de contraste, o conto termina com o relato da morte do príncipe Sierpukhóvskoi, cuja função principal parece ser a de mostrar, novamente, a superioridade dos cavalos em relação aos seres humanos: “Depois de muito andar pelo mundo, comer e beber, o corpo morto de Sierpukhóvskoi foi recolhido à terra. Nem a pele, nem a carne nem os ossos serviram para nada”.¹³⁰ Se a primeira constatação já revela o egoísmo e a inutilidade da vida levada pelo príncipe, a segunda, estabelecendo uma relação direta com o cavalo pela referência à pele, carne e ossos de Kholstomér, destaca ainda mais o contraste brutal entre a nobreza do cavalo e a decadência do príncipe. O restante do relato apenas reforça o fato de que ele havia sido “um grande estorvo para todos”, pois “há muito ninguém precisava dele”. Entretanto, “ainda assim os mortos em vida lhe deram sepultura”, levando-o num caixão de chumbo para Moscou, e lá, após desenterrar velhos ossos

128 Cf. RENAUX, 2013.

129 TOLSTÓI, Op. cit., p.98.

130 Idem.

humanos (...) ali esconder o corpo apodrecido, cheio de vermes, com seu uniforme novo, suas botas engraxadas, e cobri-lo todo com terra.”¹³¹

Chklóvski apresenta esse trecho da morte de Sierpukhóvskoi também como procedimento de estranhamento, “even when no motivation for it exists”.¹³² Já em “A construção da novela e do romance” (“The Structure of Fiction”), após afirmar que “the story usually represents a combination of circular and step-by-step construction, complicated by development”¹³³ e que “the second device, that of step-by-step construction, was carried out by Tolstoi in a most original way”¹³⁴, Chklóvski indica como exemplo, de novo, o final do conto *Kolstomér*:

In “Kholstomer” Tolstoi supports the parallelism horse/man with the following phrase: “Much later, they dumped into the ground the body of Serpykhovsky that had eaten and drunk of the earth and had walked on it. They found no use for either his skin or bones.”

These parts of the parallelism are linked together motivationally by the fact that Serpykhovsky had once been Kholstomer’s master.¹³⁵

Essa construção em plataforma, portanto, além de valorizar a combinação de diversos procedimentos na novela, também concretiza o contraste no paralelismo cavalo-homem. A função desta oposição seria ironizar a falsidade dos valores atribuídos à aparente nobreza de homens como o príncipe, que recebe uma sepultura, uniforme novo e botas engraxadas, em contraposição a Kholstomér, cujo pêlo malhado havia sido tão maltratado pelos homens e, depois de morte, ainda esfolado, e cujos cascos também haviam sido destruídos pelos maus tratos dos homens. Lembrando-nos de que o príncipe havia sido o principal dono do cavalo, o contraste com o corpo de

131 Ibidem, p. 99.

132 SHKLOVSKY, Op. cit., p. 8.

133 Ibidem, p. 57.

134 Ibidem, p. 63.

135 Idem.

Kholstomér que imediatamente se transformou em repasto para animais e aves, enquanto seu crânio e dois ossos graúdos tornaram-se “objetos úteis”, adquire ainda uma feição trágica, pela brutal insensatez dos homens, em contraposição ao estoicismo e abnegação dos animais.

Conclusão

As diversas razões que nos levaram a apresentar uma releitura de *Kholstomér*, apresentadas na Introdução, partem da ideia básica de aprofundar nossas reflexões sobre a importância da interação de pessoas e animais – um dos objetos da Antrozoologia –, por meio de um texto consagrado de Tolstói, pela paixão e pela compaixão com que o escritor constrói a história desse cavalo. Se bem que nossa análise privilegiou uma abordagem imanente do texto, apresentando uma leitura detalhada de cada capítulo, a perspectiva teórica escolhida – o procedimento do estranhamento chklóvskiano – ampliada para abarcar o texto completo, a fim de ressaltar a importância da narrativa do cavalo e de sua percepção do mundo humano e animal, não podemos nos esquivar de comentar, brevemente, as implicações morais do conto. Não há dúvida de que, nessa percepção de Kholstomér, as implicações morais partem de seu protesto contra a discriminação que sofreu, por parte dos homens, por ter pele malhada – o que levou à sua castração, como primeira consequência –, manchas essas que, juntamente com a castração, também o distanciaram dos outros cavalos e o tornaram ensimesmado.

Esta discriminação – ato que quebra o princípio de igualdade, aqui motivado por “raça”, tópico tão antigo quanto atualíssimo – é, em seguida, ampliada pelas implicações morais do termo “direito de propriedade”, ao Kholstomér comentar seu estranhamento inicial pelo uso do termo “meu” pelos homens, aplicado tanto a seres como a objetos, e, já mais amadurecido, concluir que “os homens não orientam suas vidas por atos, mas por palavras”; e, além de afirmar que o conceito de “meu” não tem “nenhum fundamento senão o instinto vil e animalesco dos homens”, Kholstomér finaliza que “as pessoas não

aspiram a fazer na vida o que consideram bom, mas a chamar de ‘minhas’ o maior número de coisas”, como visto.

A vinculação direta deste conto com a ideologia burguesa, que já dominava as relações humanas na sociedade russa da época, como apontada por Bezerra, e que revela a crítica de Tolstói aos males da propriedade privada – como a do cavalo, vítima de proprietários inescrupulosos e maus –, poderia ainda ser ampliada, pois o conto se torna também uma alegoria contra a imoralidade dos seres humanos, como “proprietários” de outros seres vivos, tema que também continua tão antigo e atual quanto o da discriminação. E, mais ainda: a diferença essencial que Kholstomér afirma existir entre os cavalos e os homens – “na escala dos seres vivos, estamos acima das pessoas: a vida das pessoas (...) traduz-se em palavras; a nossa, em atos” – citada acima, é mais uma crítica de Tolstói à maneira de pensar dos seres humanos, que o escritor examinou tão profundamente, junto com a investigação e análise que fez dos animais, por meio da perspectiva de Kholstomér. A nobreza da vida e morte de Kholstomér e a decadência da vida e morte de Sierpukhóvskoi são imagens constantes e marcantes dessa superioridade equina, ressaltadas pelos procedimentos de estranhamento e de construção em plataformas teorizadas por Chklóvski.

Referências bibliográficas

- BEZERRA, P. “Tolstói contista”. In: TOLSTÓI, L. *O diabo e outras histórias*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. pp. 7-25.
- CHKLÓVSKI, V. “A arte como procedimento”. In : EIKHENBAUM et alii. *Teoria da Literatura: Formalistas Russos*. Porto Alegre: Globo, 1971. pp. 39-56.
- _____. “A Construção da novela e do romance”. In: Teoria da Literatura: Formalistas Russos. Porto Alegre: Globo, 1971. pp. 205-226.
- FARACO, C. B. “Interação humano-animal”. In: Ciência Veteri-

nária nos Trópicos, Recife-PE, v. 11, suplemento 1, p. 31-35 abril, 2008. Referências de fonte eletrônica. Disponível em: www.rcvt.org.br/suplemento11/31-35.pdf. Acesso em: 28/05/2017.

FOREHAND, P.M. "Poetics of Lev Tolstoy's Kholstomer". M. A. Thesis. June 2014. Referências de fonte eletrônica. Disponível em: https://scholarsbank.uoregon.edu/.../Forehand_oregon_0171N_1 Acesso em: 28/05/2017.

HOUAISS. Dicionário eletrônico HOUAISS da língua portuguesa. 2.0

RENAUX, S. "A ecocrítica como dominante artístico em *Três Mortes de Tolstói*". *Anais do VII Ciclo de Estudos em Linguagem*. CIEL. UEPG. 19-21 junho 2013.

SHKLOVSKY, V. *Theory of Prose*. Translation: Benjamin Sher. Introduction: Gerald L. Bruns. Elmwood Park, IL: Dalkey Archive Press, 1990.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

TOLSTÓI, L. *O diabo e outras histórias*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 2ª. ed. Seleção e apresentação: Paulo Bezerra

VRIES, A. de. *Dictionary of Symbols and Imagery*. Amsterdam: North-Holland, 1976.

entrevista

Entrevista com Bernardo Boris Vargaftig*

Concedida a Valteir Vaz e
Aurora F. Bernardini**

RESUMO: Esta entrevista foi realizada com o professor e cientista Bernardo Boris Vargaftig por ocasião do lançamento de sua tradução para o português de *Minha vida*, versão francesa da autobiografia de Leon Trótski, que culminou com as comemorações do centenário da Revolução Russa de 1917.

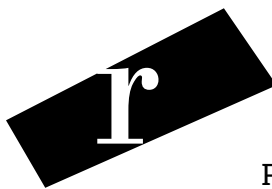
Boris Vargaftig nasceu na Argentina em 1937, mas passou a maior parte de sua vida no Brasil, onde se formou em medicina pela USP, em 1963. Na época, militante trotskista, chegou a ser preso, mas foi libertado 52 dias depois. Convidado pelo professor Oswaldo Vital Brasil para participar da fundação do Departamento de Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, por razões políticas, sua nomeação não se concretizou. Diante da perseguição política, que certamente comprometeria sua atuação profissional, foi morar na França, onde trabalhou nos renomados Instituto Pasteur e Centro Internacional de Pesquisa Merrell, desenvolvendo pesquisas no ramo da farmacologia que o colocaram às portas do Prêmio Nobel de Medicina de 1982.

ABSTRACT: This interview was accomplished with professor and scientist Bernardo Boris Vargaftig in occasion of the publication of his translation into Portuguese of *Ma Vie*, French version of Leon Trotsky's autobiography, which culminated with the celebrations of the centenary of 1917 Russian Revolution.

Boris Vargaftig was born in Argentina in 1937, but spent most of his life in Brazil, where he graduated in medicine at USP in 1963. At the time, a Trotskyist militant, professor Vargaftig was arrested by military police, but was released 52 days later. Invited by Professor Oswaldo Vital Brazil to participate in the founding of the Department of Pharmacology of the Faculty of Medical Sciences of UNICAMP, for political reasons, this appointment did not materialize. In face of political persecutions, which would certainly affect his professional career, he moved to France where he worked at the Pasteur Institute and Merrell International Research Center, developing researches in the field of Pharmacology that put him on the verge of 1982 Nobel Prize for Medicine.

Palavras-chave: Trótski; autobiografia; *Minha Vida*; tradução.

Keywords: Trotsky; autobiography; *Minha Vida*; translation.



* Há duas boas sínteses recentes da vida e obra de Bernardo Boris Vargaftig: uma publicada sob o título de “Cientista premiado da USP é autor de estudo que precedeu Nobel”, que saiu na edição de 15/08/2017 do *Jornal da USP*, e a outra na edição de 30/09/2017, no caderno Ciência, da *Folha de São Paulo*.

** Universidade de São Paulo.

Professor, poderíamos começar essa conversa sobre Leon Trótski falando de seu interesse pelas ideias do líder soviético? Como se deu essa aproximação?

VARGAFTIG: Em 1953-4 eu tinha 16 anos e cursava o colegial em São Paulo. Aproximei-me, por afinidade intelectual, de colegas que se interessavam por leitura e cultura, notadamente de problemas sociais. O grupo – nada havia de organizado, consciente ou inconscientemente – era animado por um futuro jurista e por um colega que possuía relações familiares com membros do PC. Naquele momento, as mesmas forças que fizeram 1964 e procuram hoje um retorno ultraconservador, estavam em ação contra um personagem que após os fatos se convencionou considerar como representante da burguesia nacional; era Getúlio Vargas, em seu segundo período. Uma aliança entre Carlos Lacerda, jornalista fascista, militares e políticos conservadores (UDN, PSD) procurava derrubar Getúlio, com argumentos idênticos àqueles que seus congêneres e descendentes utilizam hoje, ou seja a corrupção e através da mobilização das mesmas camadas sociais, especialmente em SP e RJ. Uma conspiração estava em curso; o PC, subserviente à política soviética, combinava seu anti-getulismo provindo da repressão do Estado Novo com erros estratégicos enormes. Até 22-23 de Agosto atacava Getúlio como agente do imperialismo norte-americano. Em 24 de Agosto, pressionado de todos os lados pelos golpistas, Getúlio se suicida e um povo enorme varre as ruas, ao som do “Queremos Getúlio”, “Bota o retrato do velho, bota no mesmo lugar”. O PC muda de política da noite para o dia, passa a defender o “governo nacionalista”. Com o sui-

cídio e a intervenção das massas populares, notadamente da classe operária, a reação se desarma, o golpe aborta e Getúlio deixa uma carta-testamento nacionalista.

Dois grandes acontecimentos políticos marcaram este momento para mim: o Congresso do PCB, cujas resoluções li na revista “Problemas” (que não trazia problemas, mas soluções) e sobretudo, em 1956, o XX Congresso do PC Soviético, quando Krutchev lê seu célebre relatório “secreto”, cuja existência Diógenes Arruda, secretário de organização do PC, então na Europa, nega, para confirmá-lo mais tarde. Confusão danada, o ídolo cai e abre-se uma fase de negação parcial do mito stalinista, mas não de sua política e muito menos da estrutura burocrática que ele representava. Ficava claro, para quem se desse ao trabalho de refletir, que a supressão do culto não liquidaria forçosamente a ideologia ou a prática política, que eram determinadas pelos interesses da burocracia que havia tomado o poder na URSS a partir de 1924-1927 e somente desapareceriam com mudanças mais profundas – que não vieram como pensávamos, com a liquidação da burocracia pela esquerda. Como Trótski temia, o desaparecimento da burocracia enquanto camada social parasitaria se deu através de sua transformação “selvagem”, a tapas, em burguesia, em detentores dos meios de produção.

A política do PCB era absurda, passava de um compromisso eleitoral a outro – como candidaturas à prefeitura de São Paulo de um André Nunes Jr., que de progressista nada tinha, ou ao governo do Estado do general nacionalista Leonidas Cardoso, pai de Fernando Henrique Cardoso, que já fingia ser de esquerda. Recordo-me dele em situação caricatural: estava eu numa banquinha de distribuição de cédulas eleitorais para a governança do Estado de SP pelo seu papai, perturbado por um carro do DOPS que passava ameaçadoramente nos arredores. Subitamente, surge outro carro, de onde desce uma figura que chamava a atenção: jovem de tipo classe média alta, bem vestido. Ele me entrega cédulas, retorna ao carro e se vai... Até este dia eu havia frequentado, como jovem ativista, dirigentes pro-

letarizados, raramente arrogantes e a visão do jovem Fernando como burocrata grã-fino persistiu por muito tempo!

Os erros e as manobras oportunistas do PC foram-me aparecendo claramente. Tive então um contato amistoso com um dos poucos trotskistas ativos naquele momento (os “descendentes” de Mario Pedrosa, Lívio Xavier e Edmundo Muniz, intelectuais que marcaram seu tempo e que hoje interessam muito). Sua visão era bem mais clara e determinada que a do PC; comecei a ler os livros de Trótski, notadamente a tradução por Lívio Xavier de “Minha Vida”, que eu viria a traduzir em 2015-2017. Lembro-me do espanto e da indignação de um dirigente do PC no Bom Retiro quando viu-me ler este livro de um então considerado “agente do imperialismo”, “nazi-nipo-trotskyista” etc.

A aproximação com o Trótskismo levou-me à adesão e em trabalho para organizar uma oposição de esquerda no PC. Este passava por crise muito séria desencadeada pelos acontecimentos que seguiram o XX Congresso do PC da União Soviética (PCUS), ruptura dos chineses e estabelecimento de uma tendência (o futuro PC do B) por eles apoiada. Uma tendência de direita capitaneada pelo veterano de 1935, Agildo Barata, surgiu no PC e se exprimia no semanário “O Nacional”. Dela participavam dirigentes sindicais honrados e simpatizantes à sua direita, como o impagável FHC.

Com um pequeno grupo de estudantes e sob a influência do Trótskismo e de um jornal de intelectuais franceses de esquerda (o semanário *Nouvel Observateur*, distante predecessor do *L’Obs* jornaleco de pequeno interesse publicado ainda hoje), editamos durante meses um jornal de oposição de esquerda, mimeografado e distribuído nos meios oposicionistas de esquerda.

Passou o tempo e já na Faculdade de Medicina ingressei formalmente na organização trotskista que me parecia adequada. Com o golpe de 1964, estabeleci-me na França, onde trabalhei como farmacologista, primeiro em estabelecimentos industriais privados e em seguida, por quase 25, no Instituto Pasteur. O que se seguiu é outra história.



O senhor poderia traçar um panorama amplo dos principais acontecimentos que marcaram a vida de Trótski, como: sua formação intelectual, sua relação com Lenin, sua contribuição enquanto idealizador das Revoluções Russas de 1905 e 1917?

VARGAFTIG: A vida de Trótski é um romance político. Leiam seus livros, como *Minha Vida*¹, sua autobiografia que traduzi para a Usina Editorial. Filho de camponeses judeus, burguesia média da Ucrânia, cedo entrou em política, não como marxista, mas associado a grupos de revolucionários próximos do mundo rural e que pregavam, de uma ou outra forma, a violência individual contra a monarquia e o semi-feudalismo. Um destes membros era irmão de Lenin e foi morto por ter cometido um atentado contra o Tsar arquiereacionário Alexandre III (aquele que “presenteou” à França a ponte dourada do mesmo nome). Trótski aproximou-se dos marxistas e do então Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR, fundado em 1897, apenas vinte anos antes da tomada do poder pela sua ala mais lúcida, a dos bolcheviques). O POSDR reunia naquela época poucas centenas de membros, dentre eles destacados pensadores, como Plekhanov, que mais tarde aderiria à corrente dita menchevique, social-democrata à direita dos bolcheviques dirigidos por Lenin (explicarei em mais detalhes a relevância histórica destas correntes). Preso em 1898, Trótski estudou o que podia na biblioteca da prisão, como história das religiões, o Antigo e Novo Testamento, a história do diabo. Eu ignorava isto quando, ainda bem jovem, interessei-me por algo que persiste até hoje, a história das religiões de um ponto de vista materialista, guiado pela vontade de entender porque aquilo que via e vejo como um conjunto de lendas originou o bloco ideológico clerical cristão, sustentáculo e aproveitador de todos regimes de propriedade privada existentes até hoje.

1 (TROTSKI, Leon. *Minha vida*. Trad. Bernardo Boris Vargaftig, com cotejo do original russo por Henrique Canary. São Paulo: Usina Editorial, 2017.)

Na prisão, Trótski também estudou o marxismo e elaborou cadernos hoje perdidos. Um destes foi-lhe entregue já em Paris pelos seus pais, que o haviam recebido de sua primeira companheira Alexandra Lvovna, que o estimulara a fugir da Sibéria num lance cinematográfico. Era ela mãe de suas duas filhinhas, ambas mortas nos anos 1930, no ápice do stalinismo. Trótski leu Labriola, Marx e Engels é claro, Plekhanov e Mehring (futuro biógrafo de Marx). Apresentou-se a Lenin em 1902, aos 23 anos, em Londres onde começou a participar da redação de Iskra (A Faísca). Estas aventuras e outras são relatadas em Minha Vida.

É importante ressaltar a relação de Trótski com Lenin e o papel de ambos nas revoluções de 1905, fevereiro e outubro 1917. Havia admiração mútua entre ambos, Lenin o propulsou e apoiou na redação de Iskra. Trótski não aderiu aos bolcheviques quando da cisão, não teve naquele momento a visão de Lenin. Pretendeu até bem tarde reunir bolcheviques e mencheviques, do que se arrependeu mais tarde. Continuou no exílio até 1905, quando os trovões da revolução de 1905 levaram-no, como muitos outros, de volta à Rússia. Presidiu o Soviet (comitê operário) da São Petersburgo.

Como diz Paulo Leminski no luminoso ensaio sobre Trótski que publicou, o pensamento de Lenin era mais imediatista, aplicado às situações concretas, como no célebre livro Que fazer? (1902) um monumento à estratégia política. Trótski era mais sofisticado, mais hesitante talvez, mas seus interesses e sua visão mais amplos e variados. Leminski chama a atenção para seu livro Literatura e revolução, onde manifesta um interesse cultural excepcional e uma cultura literária sem paralelo (Jorge Zahar Editor Ltda, 2007 e tradução e prefácio de Luiz Alberto Moniz Bandeira, falecido em 2017).

Vocês indagam como e porque Lenin e Trótski se aproximaram. De fato, embora agrupados na mesmo campo, divergiam em vários aspectos, Lenin era bolchevique e Trótski, mais próximo dos mencheviques em muitas questões. Manteve durante algum tempo a ilusão de uma reuni-

ficação que não podia ocorrer; Lenin não mantinha ilusão alguma a respeito. Não conheço, mas posso me enganar, textos políticos de Trótski em que ele se manifestaria contra Lenin mas os há de Lenin com reservas sobre posições imediatas de Trótski, sua fidelidade ao campo revolucionário marxista nunca tendo sido negada por Lenin.

Aproximaram-se em uma quase fusão intelectual em 1917, quando ambos retornaram por caminhos separados de um prolongado exílio, após a revolução de fevereiro 1917, o “ensaio geral da revolução de Outubro”. Ao chegar, Lenin divulgou suas “Teses de Abril” em que, contra a maioria da direção bolcheviques que se alinhava com os mencheviques na questão do poder, propugnava a passagem imediata à revolução socialista. Os mencheviques, como social-democratas que eram, esperavam cristalizar um longo período de medidas anti-feudais que liberassem forças produtivas e criassem um proletariado educado e politizado que então pediria permissão à burguesia educada para instalar o socialismo... (isto se chama reformismo, bem visível e risível hoje em dia). Isto era exatamente o que defendia Trótski, no que veio a se denominar “teoria da revolução permanente”. “Permanente” não quer dizer “contínua”, mas que as tarefas anti-feudais eventualmente ainda a serem feitas (quebras de privilégios que se opõe ao mercado, por exemplo) precederiam de muitos anos a revolução socialista.



Algumas palavras sobre o refúgio de Trótski nos Estados Unidos.

VARGAFTIG: Os trotskistas americanos solicitaram por uma ocasião seu refúgio nos Estados Unidos, o que lhe foi negado. Em 1917, estive em New York durante 2 ou 3 meses, expulso da Espanha após ser lá preso por denúncia de um comissário da polícia francesa (aliás reencontrou o

mesmo, desta vez preso pelos soviéticos, logo após a revolução de Outubro. Papéis invertidos, a história divertida é relatada em Minha Vida. Saiu dos Estados Unidos ao tomar conhecimento da revolução de fevereiro, tendo permanecido retido por algum tempo no Canadá a pedido das autoridades russas “republicanas” que, embora tivessem sido obrigadas a anistiar os exilados, retardavam o quanto possível seu retorno, pois o teórico da revolução permanente não era exatamente um aliado...

r Os trotskistas brasileiros são herdeiros da divisão no movimento após a 2a guerra mundial?

VARGAFTIG: Os marxistas levam muito a sério a análise política e os conceitos que dela derivam, pois sua política é determinada pelas conclusões e mais tarde pelas verificações e correções sempre necessárias. A política é uma ciência mediantemente determinista. Isto significa que embora causas idênticas levem em geral a consequências parecidas, esta não é uma regra absoluta. Outras coisas são os princípios gerais, como o fato da história da humanidade ser, em última instância, a história da luta de classes – grifemos em última instância. A consequência é que as políticas decididas coletivamente não se baseiam em escolhas personalistas e na subordinação das decisões políticas a considerações muito mais importantes, o desenvolvimento das lutas e da consciência socialista. Uma consequência destes conceitos é que divergências podem aparecer e são certamente salutares, podendo em geral ser resolvidas dentro da organização. Acontece, entretanto, que nos momentos de crise regressiva mas eventualmente de avanço também, as divergências podem alcançar níveis de princípio e conduzem a rupturas. Uma destas rupturas, ainda em vida de Trótski, foi causada pelo enorme peso da degeneração burocrática da revolução soviética, que levou uma fração do trotskismo americano a concluir que o Es-

tado soviético não era mais um Estado operário degenerado, mas manteria um regime ditatorial de capitalismo de Estado. A diferença não é unicamente semântica, pois a revolução que libertaria a então União Soviética da burocracia consistiria numa revolução política, sendo mantido o regime de propriedade coletiva dos meios de produção, pois que já estabelecido. Já num país capitalista em que dominam relações capitalistas de produção, a revolução é social, combina medidas de estatização dos meios de produção com a eliminação da burguesia como classe (não confundir com liquidação física, como acusam os teóricos reacionários). De certa maneira e sem grandes nuances, diríamos que a revolução política que Trótski propugnava para a URSS poderia ser mais ou menos violenta, dependeria da força social, política e militar da burocracia e da classe trabalhadora – mas não tocaria no regime de propriedade senão em detalhes e ao longo do tempo.

Esta longa explicação é para entender que as divergências que surgiram no trotskismo americano, muitos negando o caráter de Estado operário, embora degenerado, da URSS, eram de princípio, afetavam profundamente a compreensão do desenvolvimento dos Estados operários, degenerados ou não.

Os trotskistas brasileiros hoje consideram que a URSS e os países que controlava perderam qualquer caráter operário, degenerado ou não, tornando-se capitalista. A fase dita de capitalismo de Estado, tal como formulada pelos trotskistas e ex-trotskistas americanos, não desempenha papel algum nesta transformação. A burocracia soviética transformou-se “diretamente” em detentora dos meios de produção, portanto em capitalista. Não é aqui que analisaremos os casos de Cuba, da China, do Vietnã e da curiosa Coreia do Norte.

r Quando da fundação do Partido dos Trabalhadores havia um florescimento do trotskismo no Brasil. Por que razão, tempos depois, algumas das tendências que representavam essa ideologia saíram do PT?

VARGAFTIG: O PT nunca foi nem pretendeu ser marxista. Indagado se era comunista, Lula respondia que era metalúrgico... Os trotskistas consideravam que o PT representava um grande avanço na consciência e na organização dos trabalhadores brasileiros mas não que era o condutor da revolução socialista. Em outros termos, sua presença no PT (falo da tendência Convergência) era conjuntural, tática, e não visava uma missão prolongada envolvendo amplas transformações sociais de caráter revolucionário, que diz respeito à estratégia. Diante do crescimento do movimento de oposição de esquerda no PT, a direção lulista expulsou a tendência Convergência. Não havia outro jeito senão sair.

r PSOL e PSTU se autodenominam trotskistas. Como o pensamento de Trótski reverbera no interior desses dois partidos?

VARGAFTIG: Compreendo a pergunta, apesar de não gostar muito do termo “reverbera”, pois dá a entender – assim o percebo – que este pensamento vem de fora. Agora, cuidado, o PSOL pode ter trotskistas em seu seio, sua estrutura o autoriza. Além da tendência “Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista (MAIS), há tendências e pessoas respeitáveis dentro do PSOL que se auto-denominam trotskistas, mas o Partido não é e nem se proclama trotskista.

Para nós, o trotskismo é o marxismo desta época histórica, aberto às grandes transformações que fazem deste século algo de diferente quando comparado ao precedente

– sem que isto altere a análise de seu regime de propriedade e de sua estrutura de classes. O chamado trotskismo traz ao marxismo a explicitação de dois conceitos essenciais: as teorias do desenvolvimento desigual e combinado e a teoria da revolução permanente. Referi-me acima a esta última, que associa intimamente as tarefas ditas burguesas (mais aplicáveis aos países ditos do terceiro mundo) e as tarefas socialistas. O desenvolvimento desigual e combinado é a explicação mais profunda do desenvolvimento combinado do mundo globalizado, ainda mais hoje do que na época de Trótski. Exagerando um pouco, reconhecemos que um leve movimento da asa de uma borboleta na China pode desencadear um terremoto no Equador. Em outros termos, não existe autarquia econômica e social e assim a teoria e a prática do dito “socialismo em um só país”, base do stalinismo que deu no que sabemos, são falsos, não somente porque provem do desvio burocrático do marxismo, mas mesmo se sua origem fosse “pura”, sustentada por teóricos descompromissados com a burocracia, seria errada, como o mostram os exemplos de todas revoluções no mundo, a começar pela soviética, mas se estendendo à transformação capitalista da China, por exemplo.

Eis aí como a adesão às teorias do desenvolvimento desigual e combinado e da revolução permanente determinam a política do dia-a-dia dos partidos ditos trotskistas.

r Em 2015, em um programa da TV Cultura, por ocasião dos 75 anos da morte de Trótski, seu neto, Esteban Volkov Bronstein, afirma que as ideias de seu avô seguem muitos atuais. O senhor concorda com essa afirmação?

VARGAFTIG: Concordo, como indico na resposta anterior.

r Conceitos como “Revolução Permanente” e “Lei do desenvolvimento desigual e combinado”, formulados por Trótski, ainda apresentam validade na análise de conjunturas sociais?

VARGAFTIG: Estou de acordo, como indico acima.

r Que outros conceitos de Trótski apresentam a mesma proficuidade que o da revolução permanente?

VARGAFTIG: Muita coisa. Quero destacar algo que me impressiona muito: a teoria da revolução permanente permite entender muito bem um momento histórico importante da história da Alemanha após a 1ª guerra mundial, a chamada república de Weimar. Este entendimento ajuda a formular, por razões que não há espaço aqui para explicar, a própria situação brasileira. Note que não se trata de fazer analogias superficiais, como comparar Lula com Ebert (social-democrata que participou da repressão anti-operária nos anos 1918-1923 na Alemanha), mas que dá vontade, dá.

r Em uma passagem de Depois da Teoria, o britânico Terry Eagleton escreveu: “Mas uma coisa é fazer uma revolução, outra é sustentá-la. Na verdade, para o mais eminente líder revolucionário do século XX, o que deu vida a algumas revoluções foi também o que, em última instância, as levou ao fracasso. Vladimir Lenin acreditava que o próprio atraso da Rússia czarista era o que havia ajudado a tornar possível a revolução bolchevista. A Rússia era uma nação pobre de instituições cívicas que garantissem a lealdade dos cidadãos para com o Estado e, assim, ajudassem a evitar a insurreição política. Seu poder era centralizado, ao invés de difuso; coerciti-

vo, ao invés de consensual. Estava concentrado na máquina do Estado, de modo que derrubá-lo era o mesmo que se aposar, de um só golpe, da soberania. Mas foram essa pobreza e esse atraso que contribuíram para pôr em perigo a revolução, uma vez feita. Não se podia construir o socialismo num ermo econômico, cercado por poderes mais fortes e politicamente hostis, em meio a uma massa de trabalhadores e camponeses sem capacitação e analfabetos, carentes de tradições de organizações sociais e autogoverno democrático. A tentativa de fazer isso requereu as medidas de força do stalinismo, que acabaram por subverter precisamente o socialismo que se estava tentando construir.”² O senhor está de acordo com essa síntese, que, aliás, não chega a mencionar a contribuição de Trótski nesse contexto revolucionário? O desfecho das revoluções de 1917 rumo à catastrófica gestão stalinista tem mesmo tal relação com esse “atraso russo”?

VARGAFTIG: Li Eagleton mas não tenho competência (nem espaço) para analisá-lo. Quanto à segunda pergunta, porque Trótski não é citado? Porque é corrosivo, explica muito mais do que a maior parte dos marxistas acadêmicos. Menos do que no passado, quando citá-lo era aos olhos do stalinismo um verdadeiro crime – e muita gente morreu por isto – mas persiste seu caráter herético. Veja bem: Hobsbawn não cita Trótski nem quando fala de situações em que a opinião de Trótski era marcante, perceptiva, aguda ou quando dá uma explicação parecida, quando não idêntica, à de Trótski; idem para Lukács, para o conjunto do marxismo dito ocidental. Zizek se refere um pouco mais, porém no meio de tanta coisa que o assunto fica meio escondido. No caso francês e italiano, tratava-se até há pouco de pressão direta dos aparatos stalinistas, dominantes no movimento operário destes países. Hoje a situação se amenizou, os trotskistas em geral – com exceções vergonhosas – não são mais tratados de assassinos, agentes do imperialismo etc. Um caso “divertido” é o do escritor

² EAGLETON, Terry. *Depois da teoria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 21-22.

italiano Domenico Losurdo, que esteve há pouco no Brasil para participar de um importante seminário na USP sobre o centésimo aniversário da revolução de outubro. Participou de uma mesa redonda em companhia do organizador desta manifestação, o professor Osvaldo Coggiola, conhecido trotskista. O desprezo de Losurdo era evidente e teria sido importante desmascará-lo, o que não foi infelizmente o caso, o “dono” do pódio sendo demasiado educado... Losurdo é um especialista da história do liberalismo a partir do século XIX, autor de um estudo prolífico sobre Nietzsche, tudo isto com indiscutível valor acadêmico, mas um caluniador quase profissional. Fez um comentário odioso a respeito de Jean-Jacques Marie, autor de trabalhos históricos de grande relevância (biografia de Lenine, de Stalin, de Beria, da guerra civil russa etc.). Os Losurdo da vida têm ainda peso nas casas de edição, por exemplo.

Reconheço, entretanto, que este ostracismo se vai reduzindo. O próprio PCB (contrariamente a outras organizações que derivam do então Partidão, como o intragável PPS ou o PC do B), toma com frequência posições parecidas com as dos trotskistas, mas não o assume claramente. Leio nestes dias um artigo sobre o centésimo aniversário da expulsão de Trótski do Partido Comunista soviético, escrito por Max Altman na mídia Operamundi. Relato sóbrio, autêntico, que visivelmente não é o de um adepto de Trótski, mas suficientemente objetivo. Ora o autor é velho stalinista, eu o conheci bem quando de minhas primeiras aproximações com a esquerda. Era ele (com Goldman, então dirigente da juventude comunista na Escola Politécnica) um caçador de trotskista a mando da direção do PC. As coisas mudam...



Em que medida o trotskismo sobrevive?

VARGAFTIG: Tudo é complicado. O trotskismo sobreviveu ao campo de concentração de Vorkuta, onde ficaram presos e morreram milhares de membros da oposição de esquerda, sobreviveu ao peso do stalinismo no movimento

operário. Na França, quando havia greves na Renault, uma fortaleza da CGT dominada então pelo PC, os trotskistas eram expulsos, espancados. Isto tudo mudou com a crise e a perda de potência e de relevância prática do stalinismo. Nosso mundo gosta de nomes simplificadores: assim o materialismo histórico e dialético virou marxismo, as aplicações do marxismo aos dias de hoje ou de ontem, podem ser chamadas de trotskismo... Isto significa que acredito que a versão mais segura do marxismo é o que alguns chamam de trotskismo. Marx já dizia que ele não era marxista, no sentido que não seguia um indivíduo; este é o caso dos “trotskistas” que globalmente seguem os ensinamentos de Trótski, mas não compartilham com os stalinistas do chamado culto da personalidade, forma primitiva e acrítica do pensamento.

Agora, se a pergunta diz respeito às organizações trotskistas, a resposta implica em mais nuances. Não há regra histórica absoluta que garanta que as organizações que têm razão num certo momento – evidentemente, é o que penso do trotskismo atual – sobrevivam e se desenvolvam. Depende de muita coisa, neste momento de sua capacidade de congregar e se associar à vanguarda e de formular um programa dito de transição, que associe medidas imediatas (aumento salariais, liberdades sindicais e políticas etc.) com medidas ditas de transição, que conduzem, mas não garantem-no, ao socialismo (monopólio do comércio exterior, controle operário em situações críticas etc.). Ter a capacidade de fazer isto e muito mais, não assegurará a persistência de uma dada organização, mas permitirá o crescimento de um conglomerado político. Ganhará para a história e para a classe quem souber combinar habilidade política com princípios políticos e de ação.



Dezembro de 2017
São Paulo